



# rascunho

278  
Jun. 2023

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



**eduardo ferreira**

TRANSLATO

# EL SUPREMO (6)

**D**ou continuidade, novamente, às reflexões sobre a tradução que inspira **Yo el supremo**, do paraguaio Augusto Roa Bastos. Trata-se de uma obra em que, segundo a organizadora da edição, Milagros Ezquerro, vigoram “a utilização de textos alheios, o desmantelamento do discurso histórico, a equiparação da História, do mito e da ficção, a alteração da cronologia”. Essa estratégia de escritura e, mais do que isso, as frequentes menções às bases mesmas da linguagem e de sua interpretação tornam o romance uma fonte quase infinita de cogitações sobre a natureza, as possibilidades e os alcances da tradução.

Roa Bastos se estende, especialmente, em observações sobre os embaraços encontrados na interpretação da realidade em texto. Essa é uma linha que perpassa todo o romance, numa ácida apreciação da linguagem e de sua capacidade de comunicação: “O que no ser humano há de prodigioso, de temível, de desconhecido, não se colocou até agora em palavras ou em livros, nem se colocará jamais. Pelo menos enquanto não desapareça a maldição da linguagem como se evaporam as maldições irregulares. Escreve então. Sepulta-te nas letras”.

A vivacidade e a flexibilidade da linguagem oral são contrastadas com a rigidez e a estagnação

da linguagem escrita. A produção da escritura supõe a morte da realidade e o nascimento de um simulacro. Além disso, a cristalização da linguagem oral na escrita transmitiria a seu vetor — o escritor — o mesmo vírus de solidificação e extinção.

Enquanto apenas falava e ditava suas ideias, havia mais vida no personagem. A passagem do ditado à redação implica a travessia para a morte. Nas palavras do supremo: “No princípio não escrevia; unicamente ditava. Depois esquecia o que havia ditado. Agora devo ditar/escrever; anotá-lo em algum lugar. É o único modo que tenho de comprovar que ainda existo. Mas estar enterrado nas letras não é acaso a mais completa maneira de morrer?”.

O romancista paraguaio nos instiga a repensar como se produz e reproduz a linguagem a partir de seus elementos básicos — e como é imperfeita a transição que imaginamos fazer entre realidade e texto. As metáforas usadas pelo caudilho protagonista são instigantes: “As letras se cansam, se apagam, desaparecem. São como o mercúrio. [...] Quanto mais o amassam, comprimem, dividem, mais foge e se esparrama. O mesmo acontece com todas as coisas. Subdividindo-as em sutilezas, o único que se consegue é multiplicar as dificuldades. É fazer propagarem-se as incertezas e as

discórdias. Tudo o que se divide indefinidamente se torna confuso até ficar reduzido a pó”.

Roa Bastos ou seu protagonista — ou mesmo ambos — se mostram cansados e impotentes diante do abismo que parecem enxergar entre a realidade e a forma de expressão que usamos para retratá-la. Parecem desconcertados ante a fugacidade dos fatos e, mais, ante a efemeridade da linguagem e de seus elementos básicos. Tudo se derrete continuamente.

E quanto mais se tenta fixar o sentido pela reiteração, mas esquivo ele se revela: “O mecanismo da linguagem tem por fundamento a repetição, e pela repetição é que se geram as mudanças da linguagem”.

O ceticismo é claro, mas, do fundo desse vale pessimista, parece despontar um traço de esperança (a “verdadeira linguagem”), ainda que efêmero e certamente ilusório: “As formas desaparecem, as palavras queimam, para significar o impossível. Nenhuma história pode ser contada. Nenhuma história que valha a pena contar. Mas a verdadeira linguagem não nasceu ainda. Os animais se comunicam entre si, sem palavras, melhor do que nós, ufanos de tê-las inventado com a matéria-prima do quimérico. Sem fundamento. Nenhuma relação com a vida”. E, no entanto, seguimos sempre traduzindo. **📖**

**rascunho**  
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.  
CNPJ: 03.797.664/0001-11  
Caixa Postal 18821  
80430-970 | Curitiba - PR

**✉** [rascunho@rascunho.com.br](mailto:rascunho@rascunho.com.br)  
**🌐** [www.rascunho.com.br](http://www.rascunho.com.br)  
**🐦** [twitter.com/@jornalrascunho](https://twitter.com/@jornalrascunho)  
**📘** [facebook.com/jornal.rascunho](https://facebook.com/jornal.rascunho)  
**📷** [instagram.com/jornalrascunho](https://instagram.com/jornalrascunho)  
**📞** [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

**EDITOR**

Rogério Pereira

**EDITOR-ASSISTENTE**

Luiz Rebinski

**EDITOR DE FICÇÃO**

Samarone Dias

**DIRETOR DE ARTE**

Alexandre De Mari

**DESIGN**

Thapcom.com

**IMPRESSÃO**

Press Alternativa

**COLONISTAS**

Alcir Pécora  
Eduardo Ferreira  
Fabiane Secches  
João Cezar de Castro Rocha  
José Castello  
José Castilho  
Luiz Antonio de Assis Brasil  
Maira Lacerda  
Nilma Lacerda  
Noemi Jaffe  
Olyveira Daemon  
Ozias Filho  
Raimundo Carrero  
Rinaldo de Fernandes  
Rogério Pereira  
Tércia Montenegro  
Wilberth Salgueiro

**COLABORADORES DESTA EDIÇÃO**

Ana Cristina Braga Martes  
André Caramuru Aubert  
Arthur Marchetto  
Aurea Pereira Sterbel  
Bruno Inácio  
Bruno Nogueira  
Clayton de Souza  
Edson Cruz  
Gabriela Ribeiro Lozano  
Giovana Proença  
Jack Kerouac  
Larry Lévis  
Livia Bueloni Gonçalves  
Luciana Tiscoski  
Luiz Paulo Faccioli  
Luiz Ruffato  
Paula Macedo Weiss  
Ricardo Azevedo  
Sérgio Tavares

**ILUSTRADORES**

Aline Daka  
Amy Maitland  
Bruno Schier  
Conde Baltazar  
Dê Almeida  
Denise Gonçalves  
Fabio Miraglia  
FP Rodrigues  
Maira Lacerda  
Mello  
Oliver Quinto  
Thiago Lucas

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

# O CONTISTA ROBERTO MENESES

**A** Caos & Letras, de Nova Lima (MG), tem lançado livros de contos de jovens autores talentosos, inquietos formalmente. São novidades muito bem vindas. **Meio estreito**, de Roberto Menezes, é um desses livros. Menezes é um autor inserido plenamente no contemporâneo. Quanto aos temas: a questão do trabalho informal, da violência urbana (e como efeito e estímulo dela o mundo dos games, dos jogos eletrônicos), das relações de gênero, dos mascaramentos da fé, do esgarçamento das relações sociais, etc. Seu estilo é bem diferente de uns tantos autores

originários do Nordeste, alguns deles ainda dialogando, mesmo que em parte, com a tradição regionalista. O estilo resgata uma linguagem jovem (há muitos personagens jovens no livro), despojada, em certos contextos empregada ou tida como expressão identitária de indivíduos da periferia. Sua ficção, assim, tendo como ambiente social (ou como mitologia pessoal) a pequena e nordestina Santa Rita, traz personagens, temas e linguagem que situam seus enredos em qualquer média ou grande cidade do país. Roberto Menezes é um autor essencialmente urbano, que flagra situações e dramas

de uma urbanidade em essência problemática. Destaco alguns contos do livro: o de número 2, que aborda de modo cirúrgico a natureza do trabalho informal; o de número 3, primoroso, talvez o melhor do volume, com a figura feminina (tão bem construída em seus anseios, desejos e vulnerabilidades) e seu amante volúvel; o de número 5, que reposiciona a figura do pastor e sua fé; o de número 6, tratando de um bizarro onanismo coletivo (em um ambiente que tem muito de enfermiço, de mórbido). **Meio estreito** é de fato um livro muito atraente e se insere na boa literatura urbana que se pratica hoje no país. **📖**

RENATO PARADA

6

**Entrevista: Samir Machado de Machado**  
Sérgio Tavares



13

**Dor fantasma, de Rafael Gallo**  
Luiz Paulo Faccioli



23

**Chuva de papel, de Martha Batalha**  
Ana Cristina Braga Martes

27

**Caderno proibido, de Alba de Céspedes**  
Livia Bueloni Gonçalves

30

**Os órfãos, de Bessora**  
Giovana Proença



32

**O cavaleiro de bronze, de Aleksádr Púchkin**  
Clayton de Souza

40

**Poemas**  
Larry Levis

14

**Múltiplo erotismo**  
Luciana Tiscoski

DIVULGAÇÃO



17

**Inquérito**  
Henrique Schneider

CONDE BALTAZAR



OLIVER QUINTO



24

**A força da autoficção**  
Bruno Inácio

FILIPE RUFFATO



34

**O homem comum**  
Ricardo Azevedo

DIVULGAÇÃO



42

**A missão**  
Luiz Ruffato



ARTE DA CAPA:  
AMY MAITLAND

publique!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão  
(com tiragem sob medida para seu projeto)



**Fazemos seu  
livro/ebook**

  
**thapcom**  
design + ideias

 (41) 99933-4883

[www.thapcom.com](http://www.thapcom.com)


**tércia montenegro**

TUDO É NARRATIVA

# FORMAS NO ESCURO

**R**eflexos de sonhos no sonho de outro espelho é uma obra de Adriana Varejão que retoma o quadro de Pedro Américo, despedaçando o já despedaçado Tiradentes clássico. Em diversas telas que simulam superfícies polidas, refletoras, vemos um corpo de mártir flutuando em vários ângulos, boiando infinitamente, na sua *mise en abîme*. **Formas feitas no escuro**, de Leda Cartum, me transporta à mesma atmosfera de fragmentação. No seu livro, as histórias têm esse arranjo de quadros tranquilos, mas com cenas sempre muito insistentes, e cheias de dor.

Podemos pensar em Sísifo — ou Tântalo — dentre tantos mitos de repetição, para fundamentar os enredos de Cartum. Encontramos, no volume, um homem perseguido por feras oníricas, enquanto outro, que peleja para içar uma âncora, com o balanço do movimento às vezes “tinha a sensação quase nítida de já estar navegando”. Há uma tônica de espera, de preparação para um clímax que se anuncia interminavelmente:

*Um homem em repouso mantinha em alerta partes secretas de seu corpo: ele estava disposto a enfrentar criaturas, combater inimigos, lutar contra monstros — só que eles não chegavam, não compareciam.*

Na orelha de **Formas feitas no escuro**, Angélica Freitas destaca que vários textos podem ser considerados metáforas sobre o ofício de escrever, e creio que justamente o território criativo, com suas áreas nebulosas, expectantes, traça um caminho nesse sentido. Não à toa, os personagens do livro andam sempre na fronteira entre dois mundos, sendo um deles terrivelmente misterioso. De maneira mais ou menos pavorosa, todos parecem viver dentro de um pesadelo, e cada história, com seu tom lendário, concentra-se nas ações — quase nunca em vozes. Não ouvimos estas figuras; não há trocas verbais — e a própria ideia do título combina com uma situação secreta.

Podemos lembrar Susan Sontag, que num dos ensaios de **A vontade radical** comenta como “a obra de arte eficaz deixa o silêncio em seu rastro”: “Ainda que o meio do artista sejam as palavras, ele pode participar dessa tarefa: a linguagem pode ser empregada para conter a linguagem, para expressar mutismo”. No caso de Leda Cartum, a divisão do livro em três partes distribui pela pers-



**Leda Cartum**, autora de **Formas feitas no escuro**.

pectiva pronominal — ele, tu, eu — uma voz solitária, que se comunica à maneira dos presságios, ou como quem deixa vaziar um sinal para uma dimensão paralela.

A atração pelo abismo é uma tendência de muitos relatos, e o minimalismo reforça esta proposta: estamos sempre à beira de algo, com cenas que se abrem para um desfecho inalcançável. Olhamos este precipício e não vemos o seu limite; cada texto se faz pela vertigem — e também pelo tom exótico, que muitas vezes lembra Italo Calvino, n’**As cidades invisíveis**.

Mas eu gostaria de voltar ao esboço de outros paralelos com a arte de Adriana Varejão, inclusive porque a capa de **Formas feitas no escuro** me remeteu a certa paleta da artista, na sua série de ladrilhos, *Saunas e banhos*. O aspecto labiríntico



**Formas feitas no escuro**

LEDA CARTUM  
Fósforo  
80 págs.

— com pulsação de mistério ou esconderijo — igualmente se encontra nas palavras de Leda Cartum, e se pensamos no modo como os seus textos retornam a determinados motivos, ao longo das três partes do livro, podemos falar de uma espécie de *ladrilha-gem* enquanto processo criativo, tal como Lilia Schwarcz comenta, em artigo feito para o livro **Entre carnes e mares** (Cobogó, 2009), sobre a obra de Varejão.

Outras peças da artista visual — como as azulejarias em “carne viva” — são investigações sobre a possível “pele” e “recheio” das pinturas. Curiosidade semelhante vemos no seguinte trecho de Cartum, interessada na pesquisa em torno do que há por dentro das coisas — e o que sustenta suas formas:

*E agora que tudo se mostra por dentro você prova o miolo quente de todas as coisas, experimenta a polpa mole, moldável, que aparece por baixo da casca endurecida: os objetos estavam imóveis por causa da crosta grossa que revestia cada um deles, mas nesse momento derretem, fundem-se uns aos outros como partes de um mesmo maremoto.*

O exame, entretanto, nunca é definitivo. Algo escapa da descoberta, desliza furtivamente para se manter às ocultas. Se de fato entendemos **Formas** como metaliterário — no impulso de revirar as palavras, mergulhar em suas possibilidades imagéticas (assim como a pintora testa os limites do quadro, propondo rasgos, fissuras, demolições) — não é porque esperemos um *resultado*. Não existe lição, síntese ou tese a ser provada após estas experiências. Existe apenas rendição ao mistério.

Leda Cartum, que diz ter passado sete anos escrevendo este livro, bem poderia estar se dirigindo a ele — o seu livro —, quando compôs a seguinte passagem, sobre uma figura furtiva:

*(...) talvez os astrônomos, que reviram o universo para um dia apanhar uma estrela ainda sem nome e que se extinguiu há milênios, talvez eles entendam por que você se retira sempre que escuta um chamado, ou por que se esconde no escuro assim que recebe uma forma. Ou então é um bicho arisco: prefere que a porta permaneça entreaberta para vigiar o quarto enquanto alguém dorme na cama. Você não sussurra, não se manifesta, não assombra nem assusta; você é tudo o que demora.*

Este é um livro para ser lido lentamente, tal como foi escrito. **📖**

## entrevista

SAMIR MACHADO DE MACHADO

PATRICIA TESSMANN



# O DETETIVE **do** **tempo**

**O crime do bom nazista** ampara-se em trama de mistério ambientada no passado para tratar de questões latentes na sociedade atual

SÉRGIO TAVARES | NITERÓI - RJ

Pelo céu do Brasil dos anos 1930, um zepelim vindo da Alemanha faz uma travessia de três dias com destino ao Rio de Janeiro. A bordo do dirigível, que cruza o Atlântico, estão um policial, um médico, uma baronesa, um *bon vivant* e um comerciante. Durante um jantar, servido atenciosamente pelo comissário-chefe, o grupo fala de arte e de política, em especial sobre a repercussão do ideal nazista pela Europa. No dia seguinte, descobre-se que ocorreu um assassinato ao fim daquela insuspeita reunião.

Este é o ponto de partida de **O crime do bom nazista**, de Samir Machado de Machado. Depois de explorar as histórias de aventura e o apocalipse zumbi, em livros que lhe renderam prêmios, o autor gaúcho costura uma trama de detetive que bebe da fonte dos clássicos de Agatha Christie, em que, num ambiente fechado, um crime leva um personagem a buscar e a desvendar pistas para revelar o culpado. No entanto, o trabalho de plantar suspeitas e sugestões não se limita ao jogo narrativo de manipulação do entendimento do leitor. No caminho até a solução do mistério, o enredo aborda temas que trazem comentários sociais para além da atração do entretenimento.

É quando se apresenta um amplo resgate histórico, dando conta da ascensão do pensamento eugenista, do preconceito contra os judeus e da perseguição nazista aos homossexuais. A realidade se incorpora à ficção, produzindo uma mensagem cifrada que, no avanço da leitura, transcende o foco da investigação e encontra ecos nos dias atuais. No passado se acham as raízes da conduta reacionária e fascista que se disseminou pelo Brasil nos últimos anos, mostrando como as histórias de crime, quando bem articuladas, servem como um espelho posto diante da sociedade, na face do qual se refletem os cantos sombrios que estão por todo lugar e entre nós.

Em entrevista ao *Rascunho*, Machado conta sobre o processo de elaboração do romance, as influências literárias e os acontecimentos reais que lhe serviram de inspiração, a paixão pela literatura de gênero que caracteriza a sua carreira e o uso da cultura pop para tocar em discussões que dizem respeito a questões mais complexas. Além disso, o autor comenta sobre a atitude do meio literário brasileiro a respeito dos chamados livros de entretenimento, e o motivo dos autores estrangeiros predominarem nas listas dos mais vendidos por aqui. “A literatura brasileira perde por falta de investimento por parte do governo”, declara.

**• O crime do bom nazista tem uma influência clara de Agatha Christie — da dinâmica do enredo à escolha do título. Quando foi seu primeiro contato com a autora inglesa e quais livros dela serviram de referência para armar esta trama?**

Meu primeiro contato com Christie se deu com **E não sobrou nenhum**, que na ocasião não gostei muito. Anos depois tentei outra vez, com **Assassinato no Expresso do Oriente** e **O assassinato de Roger Ackroyd**, e aí sim ela me pegou. Apesar disso, gosto mais das histórias de Miss Marple que as de Poirot. Mais recentemente, fui convidado pela HarperCollins para traduzir diversos livros dela, então passei por um processo bastante antropofágico com o texto dela. No caso de **O crime do bom nazista**, as principais referências que tirei dela vieram mesmo do **Expresso do Oriente** e do **Roger Ackroyd**, somando a elementos também de Conan Doyle.

**• Você lança mão de um recurso muito comum às histórias de crime: o whodunit (quem fez isso?, numa tradução adaptada), quando ocorre um assassinato nas primeiras páginas e um investigador entra em cena para desvendá-lo. Quais são as estratégias para que este artifício funcione?**

Lembro de ler uma entrevista com o Jô Soares, de quando ele lançou seu **Xangô de Baker Street**, na qual ele dizia que escrever uma história policial é como construir um edifício ao contrário: você começa pela cobertura e depois vai descendo até as fundações. Levei isso pra vida, não só na ficção policial, mas com toda ficção: só começo a escrever uma história quando sei como ela termina. De certo modo, a gente comete o crime, e anda para trás encobrendo as pistas para o leitor.

**• A certa altura, você utiliza uma descrição que evoca os jogos de tabuleiro, a exemplo de Deteti-**



Só começo a escrever uma história quando sei como ela termina. De certo modo, a gente comete o crime, e anda para trás encobrendo as pistas para o leitor.”



O cuidado que tive aqui foi o de demonstrar, por meio de paralelos, o quanto esse discurso está sendo repetido hoje por outros meios — no caso, por bolsonaristas, que repetem a mesma retórica de violência e eliminação de “indesejáveis”, utilizam-se dos mesmos bordões, etc.”

**ve. É um artifício pensado para plantar intencionalmente no leitor, fã de histórias de crime, uma identificação afetiva?**

Claro. Não creio ser possível pensar nesse tipo de história hoje em dia, mergulhado na estética pós-moderna, sem levar em conta a bagagem cultural que o gênero carregou até aqui. Há quase um século de influência de Agatha Christie sobre a cultura popular, e uma delas, senão a principal, é o jogo Detetive. Quando nos propomos a ler esse tipo de história, estamos sempre, de certo modo, sendo convidados a entrar numa espécie de jogo com o autor: onde pedimos que ele nos engane, nos iluda, nos despiste, para nosso próprio entretenimento.

**• O enredo do romance se passa nos anos 1930, portanto povoado por referências deste período, entre os quais personagens reais e acontecimentos históricos. Que tipo de técnicas devem prevalecer para que esta incorporação do real na ficção não se torne um mero enxerto enciclopédico?**

O risco de se escrever um romance histórico é que, durante a pesquisa, se encontra tanta coisa legal sobre a época que as vezes acabamos metendo uns verbetes de enciclopédia no meio do texto. Foi um erro que acho já ter cometido em romances anteriores, mas que espero estar melhorando com o tempo. Como meu editor André Conti me disse uma vez, tem que cuidar para o personagem não virar Forrest Gump. De certo modo, eu tenho como método colocar tudo o que achar interessante num primeiro momento, e depois ir cortando e deixando somente aquilo que tem relação direta com os temas abordados no enredo.

**• Partindo do título, o nazismo é um termo muito presente no livro. Porém ainda sem a conotação hedionda que temos hoje, quando era uma doutrina ideologicamente aceitável. Para um livro lançado em 2023, que tipo de cuidado você tomou para tratar este tema?**

No momento em que meus personagens se assumem nazistas, parto do pressuposto que, se o leitor compartilha dos mesmos valores humanistas que eu, já os vê como os monstros que são. O que torna o nazismo distinto e inaceitável em relação a todas as outras ideologias do início século 20 é que ele se sustenta na visão de uma “raça superior” que se arroga o direito de exterminar quem não se enquadre nessa sua visão nacionalista racializada. O cuidado que tive aqui foi o de demonstrar, por meio de paralelos, o quanto esse discurso está sendo repetido hoje por outros meios — no caso, por bolsonaristas, que repetem a mesma retórica de violência e eliminação de “indesejáveis”, utilizam-se dos mesmos bordões, etc. Não é um livro sutil nesse aspecto, mas também pouco vivemos tempos sutis.

**• Outro tema fundamental para a história é a homossexualidade, que acaba se tornando a virada de chave do livro, ao abordar questões muito presentes atualmente. Seu ponto de partida foi escrever uma trama de crime que tivesse essa segunda camada de comentário social ou quis adaptar os debates contemporâneos, como a política de ódio e o autoritarismo, para um romance de investigação?**

Meu ponto de partida é que, se escrevo um romance, ele terá sempre um personagem homossexual com algum protagonismo, pelo mesmo motivo que outros autores contemporâneos meus escrevem sempre sobre personagens héteros: é uma forma do autor se projetar na história. Não necessariamente o enredo será sobre isso, identidade, mas no momento em que há um homossexual envolvido no enredo, a própria estrutura narrativa das histórias de gênero se molda conforme características específicas daquela identidade. Nesse livro, meu ponto de partida era: quero escrever uma ficção policial ambientada dentro de um zepelim. Se uma história de detetive é sempre um convite ao jogo de desvendar um mistério, então preciso me colocar em algum momento dentro do enredo, pois quero participar do jogo também. Uma das bases das narrativas de aventura é ter o personagem comum confrontando-se com situações excepcionais. E ser gay para mim é algo bastante comum, cotidiano. Agora, no momento em que estamos dentro de um zepelim, o que só foi durante alguns anos na década de 1930, e penso sobre como seria para um homossexual viver naquele período, então a relação da sociedade com homossexuais naquele período será naturalmente parte do enredo, uma vez que afeta os personagens.

**• No romance há um diálogo muito marcante: um personagem comenta que, na sociedade brasileira que se moderniza, é “preciso branquear o sangue da nação”, evitando “os danos causados pela mestiçagem”. É possível estabelecer um paralelo entre o pensamento eugenista e a votação maciça do ex-presidente Bolsonaro na região Sul do Brasil?**

É preciso ter em mente dois dados factuais: o Brasil teve, nos anos 30, o maior partido nazista fora da Alemanha em número de filiados, e isso se deveu essencialmente à imigração alemã. Pegue-se fotos de qualquer evento da comunidade alemã de então, e o que se verá serão suásticas e braços erguidos em *sig heil* para todo lado. Os nazistas colaram a identidade nacional alemã à ideologia do partido, de modo que ser alemão, durante aqueles anos, significava ser nazista — e, portanto, coadunar com seus ideais eugenistas, que via de regra, eram bastante aceitos por parte da sociedade de então, vide o caso de Monteiro Lobato. Só que, ao fi-

nal da Segunda Guerra, a Alemanha passou por um processo de desnazificação, e o Brasil não. E a consequência disso é que, embora saibam que não seja mais socialmente aceito declarar-se nazista, não faltaram bolsonaristas que, nos últimos anos, se associaram a discursos, gestos e símbolos ligados à ideologia nazista. Roberto Alvim praticamente repetiu o discurso de Goebbels, Bolsonaro inventou um passado nazista fictício para seu avô para se gabar, e, no mais a mais, seus discursos contra minorias, se colocados lado a lado, são indistinguíveis de um discurso nazista. Então, não sou eu estabelecendo esse paralelo: o próprio bolsonarismo fez isso nos últimos quatro anos. Claro, isso não significa dizer que todo bolsonarista seja um simpaticante nazista. Mas, veja só que coincidência, todo nazista parece ser simpaticante do bolsonarismo.

• **Agatha Christie gostava de situar suas tramas em ambientes contidos, pois tinha total controle das ações de seus personagens e, com isso, podia manipular a percepção do leitor por conta do foco narrativo. Seu livro se passa em um zepelim. No entanto, este clima de confinamento representa muito mais um estado de espírito ou uma postura social. Sendo assim, você acredita que subverte o gênero e dá um passo para além do entretenimento?**

Não creio que subverto muita coisa, não. Outros já fizeram releituras de Agatha Christie antes de mim, com maior ou menor efeito. Ou de Conan Doyle, outro autor que também incorporei às minhas referências aqui. E também não sei se concordo com a premissa de haver um passo a ser dado “além do entretenimento”. Toda boa ficção é entretenimento, mas em geral, o rótulo de “entretenimento” só é utilizado quando ele é ruim.

• **Falando em entretenimento, este é um rótulo que lhe incomoda quando carimbado em**

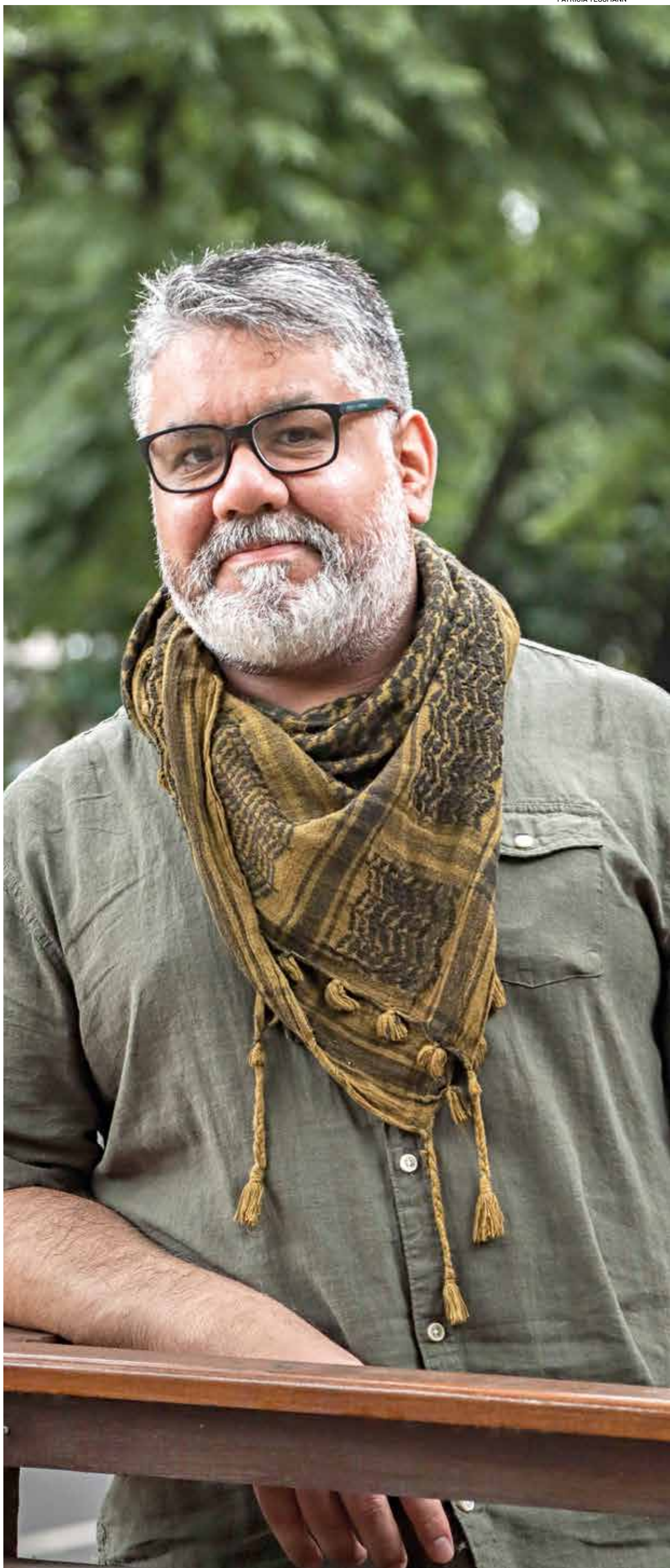
**seus livros? Em algum momento pensou ou foi instigado a escrever sobre temas mais recorrentes na literatura contemporânea brasileira, aqueles que são atribuídos aos considerados “livros sérios”?**

Costumo dizer que, quando todos querem ser Balzac, esquecem de ser Julio Verne. Então não, o rótulo de entretenimento não me incomoda. Shakespeare era entretenimento também, disputando público com rinhas de cães do outro lado da rua; Machado de Assis publicou seus livros primeiro como folhetins. Acredito que a boa ficção literária nasce da vontade do autor de dizer algo sobre o mundo ao seu redor por meio da ficção, e o faz de uma forma que não se restrinja ao momento. Como já disse o Daniel Pellizzari, deus me livre escrever um livro “urgente”. Se o autor quer discutir o autoritarismo da sociedade brasileira, questões LGBT ou sociais, pode fazer isso em um romance urbano contemporâneo, em um romance fantástico, ou em uma história policial. Não há nada de errado nisso, e é bom lembrar que a “literary fiction” é um gênero também, com convenções às vezes tão evidentes quanto o romance de detetive ou a ficção científica. Questões sociais podem ser discutidas num enredo com um jovem cosmonauta gay e negro combatendo um império alienígena fascista, ou um jornalista branco e hétero de meia idade deprimido no seu apartamento porque não consegue pegar mulher, a diferença é que o segundo exemplo talvez já tenha excedido suas possibilidades.

• **A literatura de gênero ainda é marginalizada e menosprezada por uma parcela da crítica e do meio literário brasileiro. A que atribui esta postura, e o quanto o fato de seus livros serem publicados por grandes editoras foi fundamental para dar visibilidade a sua carreira? É possível ter reconhecimento sem este suporte?**

“

Meu ponto de partida é que, se escrevo um romance, ele terá sempre um personagem homossexual com algum protagonismo, pelo mesmo motivo que outros autores contemporâneos meus escrevem sempre sobre personagens héteros: é uma forma do autor se projetar na história.”





Eu não diria que ela é exatamente marginalizada e menosprezada, pois a literatura de gênero é a que mais vende, e a que mais tem exposição na mídia. O que acontece é que, via de regra, ela é quase sempre estrangeira. O que é problemático, porque a literatura de gênero, pela sua popularidade, se torna formadora de uma identidade cultural nacional, que acaba sendo pautada por valores estrangeiros — como o excepcionalismo norte-americano dos faroestes e super-heróis, por exemplo, ou velhos valores coloniais europeus que permeiam o horror ou a fantasia, ainda se fazem muito presente na literatura de gênero. É talvez por ser popular, não por ser de gênero, acaba enfrentando menosprezo de certa parcela do meio literário. Em relação a ser publicado por uma editora grande: sim, isso foi fundamental na minha carreira, como creio ser na carreira de todo mundo que nasce fora do eixo Rio-São Paulo. Comecei com autopublicação criando minha própria editora com amigos, desde o princípio com a intenção de chamar atenção para o meu trabalho para uma editora grande, pois quem quer ficar correndo de livreria em livreria, de evento em evento, com caixas de livros? Não importa quantos livros se tenha publicado, no momento em que se é publicado por uma editora grande, é como se nossa carreira recomeçasse do zero — porém num patamar mais alto, mais amplo.

• **Corpos secos, romance que ganhou o prêmio Jabuti, foi uma parceria com Luisa Geisler, Natalia Borges Polessio e Marcelo Ferroni. Entendendo a produção literária como uma atividade solitária e unilateral, qual o impacto desta experiência coletiva na sua forma de escrever?**

A produção literária é sempre solitária, mas uma vivência literária não precisa ser. No caso de **Corpos secos**, nós encontramos um modo de escrever o livro em conjunto de forma que cada um escrevesse sem sofrer interferências de estilo da parte dos outros, apenas costurando juntos o enredo macro (a epidemia de mortos-vivos). Assim, cada personagem tem a “voz” de seu autor, tornando-se um livro-coral. Foi uma experiência interessantíssima, nesse aspecto.

• **Em 2021, foi publicada uma tradução sua de *As minas do rei Salomão*, de Henry Rider Haggard. Você acredita que, sobretudo nas escolas, livros de aventura seriam uma maneira mais atraente de introdução à literatura ao contrário de clássicos com conteúdo e linguagem mais complexos?**

Isso seria melhor respondido por um pedagogo ou alguém com formação em educação. Como escritor, eu gostaria que a escola formasse leitores, e principalmente, leitores que soubessem interpretar um texto. É claro que



Toda boa ficção é entretenimento, mas em geral, o rótulo de “entretenimento” só é utilizado quando ele é ruim.”

é importante entender os movimentos literários, por exemplo, pois são projetos de identidade nacional. Mas isso é mais História da Literatura do que Literatura. É preciso formar um leitor que leia **Dom Casmurro** não porque foi um livro importante, ou porque é um livro muito bem escrito, mas para que entenda o que é um narrador não confiável. A linguagem de um clássico de aventura não é menos complexa apenas por ser aventura, vide Stevenson, por exemplo. No caso de Haggard, e o mesmo vale para autores como Monteiro Lobato, que não são, em absoluto, leituras contemporâneas, o interesse da obra não está apenas no enredo, mas na compreensão de uma ideia de mundo cujos valores já não são necessariamente mais os nossos, e o diálogo que isso estabelece. **As minas do rei Salomão** é o romance do colonialismo por excelência, e uma leitura orientada desse livro é uma excelente forma de entender os preconceitos e os valores coloniais que moldaram não apenas a sociedade inglesa como a nossa, por exemplo. E neste caso, me parecia importante ter uma tradução do texto original que resgatasse uma certa “vulgaridade violenta”, em seu aspecto aventureiro, do dandismo imposto ao texto na versão de Eça de Queirós.

• **Além de tradutor, você tem livros traduzidos para outros idiomas. Comparando, então, o que se consome de fora com o que se exporta daqui, a literatura brasileira perde pela falta de qualidade, por ainda ficar restrita a temas que não se renovam ou por conta dos leitores que não valorizam a produção nacional?**

A literatura brasileira perde por falta de investimento por parte do governo. É preciso mais projetos que estimulem a tradução de obras brasileiras no exterior, e de maior investimento no abastecimento de bibliotecas públicas e escolares. Ou seja, é preciso fazer o que países como EUA, França, Inglaterra, Coréia do Sul fizeram ou ainda fazem, para solidificar uma indústria cultural e estimular o consumo de sua produção no exterior.

• **Embora escreva histórias de aventura, de suspense e de terror, você é de uma geração anterior a de autores que hoje em dia produzem estes mesmos gêneros, cujos livros geram uma enorme repercussão nas redes sociais. Como encara essa literatura que o público-leitor não é mais influenciado pelos cadernos literários e pelos críticos especializados, e sim pelos booktubers e pelos tiktokers? É o sinal dos tempos ou pensar a literatura como antes já não faz sentido?**

A internet e as redes sociais certamente tiveram um impacto significativo na consolidação de um público leitor para ficção de gênero nacional, mas isso também está ligado, de certo modo, a um momento cultural que vem des-



#### O crime do bom nazista

SAMIR MACHADO DE MACHADO

Todavia

126 págs.



Como escritor, eu gostaria que a escola formasse leitores, e principalmente, leitores que soubessem interpretar um texto. É claro que é importante entender os movimentos literários, por exemplo, pois são projetos de identidade nacional.”

de o início desse século, de valorização e consumo de “cultura pop”. Mas sempre houve um público leitor que não era influenciado por cadernos literários e críticos especializados, e se informava por outros meios, do boca a boca a uma simples visita às prateleiras de livrarias ou nas bancas de revistas, e que hoje se organizam por meio das redes sociais. Da minha parte, me cabe escrever e pensar minha literatura com base nos temas que me interessam abordar e desenvolver. O resto deixo nas mãos das editoras e suas equipes de imprensa resolverem, que estão bem mais aprofundadas no tema.

• **Seus romances são frequentados por piratas, detetives, zumbis e dinossauros, passando a sensação de que são resgastes de sua experiência de leitura na adolescência, com uma carga forte de nostalgia. De alguma forma você escreve histórias para o leitor jovem que ainda reside em você? Ele gostaria de ler seus livros?**

Sob certo aspecto, sim, estou escrevendo para aquele leitor que fui, mas também para o leitor que sou, escrevo o tipo de história que gosto de ler. A literatura de gênero não se restringe, afinal, ao infanto-juvenil, como aliás não o é grande parte da literatura policial ou de ficção científica. Ian McEwan pode não querer chamar seu **Máquinas como eu** de ficção científica, como aliás Ignácio de Loyola Brandão também não parece gostar de chamar seu **Não verás país nenhum**, mas ambos são; e Kazuo Ishiguro pode insistir o quanto quiser que seu **O gigante enterrado** não é fantasia, mas é. De novo, é a ideia de que entretenimento, enquanto cultura popular, seja algo menor ou pueril comparado a uma literatura elevada, mas todos esses livros estão a apenas uma capa ilustrada de distância de poder serem comercializados como *pulps*. E de novo, estamos falando menos de literatura e mais de mercado. No final das contas é apenas uma discussão sobre em qual prateleira se vai vender o livro. Se há algo que estou constantemente tentando resgatar não é uma época em si — a nostalgia pelo passado, aliás, tem sido fortemente usada de modo político para justificar todo tipo de retrocesso —, mas uma série de sensações específicas, de assombro, de sublime, de excitação com a revelação e a reviravolta, que se fazem bastante presentes na literatura de gênero. ①



Ao final da Segunda Guerra, a Alemanha passou por um processo de desnazificação, e o Brasil não. E a consequência disso é que, embora saibam que não seja mais socialmente aceito declarar-se nazista, não faltaram bolsonaristas que, nos últimos anos, se associaram a discursos, gestos e símbolos ligados à ideologia nazista.”

# Canções de amor

**Canção para ninar menino grande** revela nova tessitura no projeto de “escrevivência” de Conceição Evaristo

EDSON CRUZ | SÃO PAULO - SP

A escritora, ficcionista, poeta e ensaísta Conceição Evaristo entrega-nos mais um livro e, quando isso acontece, temos que parar tudo para lê-la. Conceição vem reconfigurando, livro após livro, o que me atrevo a chamar de nova literatura negro-brasileira, uma literatura que além da temática (as vivências à margem de uma grande parcela da população, não por acaso negra), do recorte biográfico de seus autores, da enunciação negra de seus produtores (mais do que seu lugar de fala, a dicção estética de seu lugar existencial e histórico), busca e se realiza com uma qualidade artística notável.

Conceição vem ensinando à nossa sociedade racista e classista aspectos de uma vivência que muitos prefeririam omitir ou aniquilar (literal e metaforicamente) de nosso horizonte social e histórico.

Estamos diante de uma narradora que, além de exímio fabular, exercitou com perspicácia a dádiva da escuta atenta e compassiva. A escuta desses falares cheios de vida e sofrimento inundou seu eu-lírico e confundiram-se com sua história pessoal e familiar.

Conceição, com seus causos e relatos, atua como uma tradutora consciente da inevitabilidade da traição, mas, no seu caso, a poesia (ou pra ser mais exato, a poética dolorida da existência negra) não se perde, muito pelo contrário, se acentua. Seu dom de narrar está em seu estilo de recontar, seu poder de organizar o universo de vivências alheias e, como um demiurgo da escrita, torná-las suas.

Sua “escrevivência”, como ela a denominou, vem se desenhando desde sua estreia em 1990, quando publica alguns contos e poemas nos *Cadernos Negros*. Foi a primeira vez que a li, ao lado de poemas de outro malungo, o incontornável Cuti, no *Cadernos Negros* de, não por acaso, nº 13. Um dos poemas ainda me acompanha:

## Os sonhos

*Os sonhos foram banhados  
nas águas da miséria  
e derreteram-se.  
Os sonhos foram moldados  
a ferro e a fogo  
e tomaram a forma do nada.  
Os sonhos foram e foram.  
Mas crianças com bocas de fome  
ávidas, ressuscitaram a vida  
brincando anzóis nas correntezas  
profundas.  
E os sonhos, submersos e  
Disformes  
avolumaram-se engrandecidos  
anelando-se uns aos outros  
pulsaram como sangue-raiz  
nas veias ressecadas  
de um novo mundo.*

Seus sonhos e realizações avolumaram-se de lá para cá. Sua trajetória de Belo Horizonte até o Rio de Janeiro, e de lá para o Brasil e o mundo, foi urdida pela escrita e reflexão teórica com uma graduação em Letras pela UFRJ, o trabalho como professora da rede pública de ensino, um mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro (com a dissertação *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*), e um doutoramento em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*).

Publica, em 2003, o romance **Ponciá Vicêncio** em que já se nota sua habilidade narrativa e o acento de seu projeto estético: dar voz aos excluídos, remanescentes de escravizados e mulheres espoliadas nas periferias dos grandes centros urbanos. A memória e as narrativas orais que a autora ouve desde a infância são os fios de uma trama não linear carregada de tocante lirismo.

Em 2006, nos oferece o romance **Becos da memória**, aquelas pungentes memórias “não oficiais” de favelados em processo de remoção. O ponto de vista narrativo, mais uma vez, é o feminino.

Em 2011, lança o livro de contos **Insubmissas lágrimas de mulheres** que traz experiências de mulheres negras que se fundem com as próprias experiências da autora.

Seu próximo livro, **Olhos D’água**, de 2014, foi finalista do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. São contos que entrelaçam histórias de mulheres e homens negros que “sofreram e sofrem diferentes tipos de violência e depreciação”. A personagem que é o fio condutor das narrativas precisa buscar a cor dos olhos de sua mãe, descobrir sua própria ancestralidade, pois somente dessa forma conseguirá enxergar a si mesma.

Chegamos a 2022, ano do livro que temos diante dos olhos e do coração: **Canção para ninar menino grande**. O desafio de “perseguir uma escrevivência” continua. Como agarrar a vida “e escrevê-la em seu estado de acontecimento”?

Conceição tece as histórias que Juventina Maria Perpétua, a Tina, lhe contou. Através da contação de Tina, as histórias de várias mulheres que cruzaram com ela também são contadas.

Tina inicia e fecha a narrativa. A vida de todos se mistura com a dela. E todas as mulheres perpassam e configuram a errática história amorosa e sexual de Fio Jasmim, o encantador e sedutor de mulheres, aquele que tem “a moleira aberta e nenhum juízo”.

Fio Jasmim é um jovem negro que carrega o rasgo infantil de não ter podido fazer o papel de príncipe na escola por ser negro. O fio da meada da história carrega a atração mágica do perfume do jasmim.

O Fio não é estranho à Con-

ceição, assim como as mulheres que passaram por sua vida. Conceição foi uma das mulheres de Fio Jasmim? Representaria a figura paterna que lhe escapara como afeto? Tudo tem que ser considerado. São muitas vezes a provocar a autora e a nós, leitores; como não ouvi-las? Como não celebrar o amor e suas demências com as mulheres dessa novela?

A autora imiscui-se na trama ao final ao arrematar que já não sabe mais se a invenção é de Tina ao lhe contar ou dela ao escrever. Em todo caso, ela já nos alertara na epígrafe do livro: “É ainda um júbilo à vida, que me permite embaralhar tudo: vivência e criação, vivência e escrita. Escrevivência”.

Fio Jasmim é um homem típico, garanhão e viril, cheio de si, que tem como tema de suas conversas com outros homens as mulheres, apesar de nada saber sobre elas. Ele, o eterno menino príncipe desejante, treinado pelo pai para conquistar as mulheres, só encontra o vazio, o seu próprio, ao fim de cada gozo. Para ele, o êxtase não se manterá nunca.

Diferentemente dele, as mulheres da história vão gestando uma relação de solidariedade com suas vivências compartilhadas, a aceitação da paixão e a dor-delicícia de parir e criar os filhos. Algo que Jasmim não foi formado nem para imaginar.

Apesar de suas inúmeras traições à Pérola Maria, mulher que elegera por esposa em cerimônia religiosa e civil, nunca pensou em se separar dela. Teve nove filhos com ela, mas muitos outros se espalharam pelo mundo com as várias mulheres que conheceu (no sentido bíblico do termo). Uma delas, a Dalva Rui-va, quis ter filhos com ele para que eles “perdessem a alvura que a pele dela continha, e se enegrescessem com a melanina do pai”.

No entanto, durante a narrativa-partitura composta por Tina (musicista e compositora), também acompanhamos a jornada de Fio Jasmim rumo a uma pitada de revelação de si e do outro (melhor seria dizer, das outras):

*Quando Fio Jasmim escutou da boca de uma mulher uma contida confissão de amor, que não era dirigida para um homem e sim para outra mulher, ele quase não acreditou. Já tinha ouvido de mulheres que não gostavam de homens, mas não conhecia nenhuma delas que gostasse de mulher. Aliás, ainda pequeno, ouvia algumas vezes sobre uma prima distante, que causava um zum-zum-zum na família. Diziam que a moça havia deixado o noivo, às vésperas do casamento, para ficar com uma mulher. Fio cresceu e nunca mais ouviu falar de prima Eulália. Quanto a homem gostar de homem, ele conhecia de perto alguns poucos, ninguém da família. Jasmim até brincava que gostava deles, pois eram homens do tipo que nunca competiriam pelas mulheres com ele. E, mesmo se competissem, ele ganharia, pois o dono*



A AUTORA

CONCEIÇÃO EVARISTO

nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte (MG). Teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso Normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso público para o magistério e estudou Letras na UFRJ. É mestra em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada. Suas obras, em especial o romance **Ponciá Vicêncio**, de 2003, abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. A obra foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007.



**Canção para ninar menino grande**

CONCEIÇÃO EVARISTO  
Pallas  
134 págs.

*da virilidade era ele. Era essa a visão que Fio Jasmim tinha a respeito das relações amorosas entre pessoas iguais. Foi preciso a vivência de Distinta de Sá para que ele entendesse que duas mulheres podem se amar entre si até o infinito. E, mais do que isso, a dor de um amor não vivido e a angustiante preocupação de Eleonora sobre o que seria a vida da mulher que ela queria tanto, se ela era feliz ou não, provocou em Fio um pensamento nunca experimentado antes. As mulheres que tinham passado por sua vida e as duas que ainda estavam com ele eram felizes? Elas eram felizes? E ele era?*

Conceição Evaristo continua nesta novela seu grande projeto literário. Continua a configurar sua escrevivência, mas com um tom ficcional ligeiramente diferente. Há um matiz de fábula no tecido das histórias que indicam o caminhar para uma maturidade estética e a crescente maestria da escritura.

Seguimos ávidos e ansiosos por seus trabalhos vindouros, seus “mosaicos afetuosos [e doloridos] de experiências negras” em um Brasil que parece começar a olhar de frente para o legado de sua história de genocídios. 🗨

Ch  
ão

# Filipson

Memórias de uma menina na  
primeira colônia judaica  
no Rio Grande do Sul (1904-1920)

Frida Alexandr

Regina Zilberman (post-íctio)

Ch  
ão



[www.chaoeditora.com.br](http://www.chaoeditora.com.br)

  chaoeditora

# SEIS MESES

## Junho

Eu concordo que é preciso levar a educação sexual para as escolas, mas vocês não podem negar que também é urgente, na sala de aula e mais ainda na esfera política, falarmos sobre o kitsch. É preciso vencer esse tabu, não podemos deixar o problema somente nas mãos de pais e responsáveis. A falta de um diálogo corajoso sobre o assunto contribui pra manter os jovens vulneráveis e mal informados. Se não cuidarmos de nossas crianças e adolescentes, certamente continuaremos tendo mais e mais adultos imbecilizandos nas rodinhas sobre cinema, literatura, música etc.

## Maio

O eu lírico de um poema (É) (NÃO É) o próprio poeta.

O narrador de uma ficção (É) (NÃO É) o próprio ficcionista.

De que lado estamos nesta nova cisão nacional?

## Abril

*Fazes falta? Ó sombra fútil chamada gente!  
Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...  
Sem ti correrá tudo sem ti.  
Álvaro de Campos*

No dia 18 de abril se comemora o Dia Nacional do Livro Infantil. Por que hoje? Porque foi neste dia e neste mês, em 1882, que nasceu Monteiro Lobato.

Durante décadas, Lobato foi considerado o único escritor brasileiro a produzir uma literatura de qualidade inquestionável voltada para as crianças. A maior parte dos escritores de minha geração e da geração anterior deliciou-se na infância com os romances do *Sítio do Picapau Amarelo*.

Eu mesmo comprei na Estante Virtual, tempos atrás, vários dos volumes ilustrados pelo André LeBlanc, pra reler. LeBlanc foi o melhor ilustrador desses livros.

Em minha memória afetiva o romance **A chave do tamanho** ocupa um lugar de destaque, ao lado de outras obras de ficção maravilhosa, entre elas **Macunaíma** e **Cem anos de solidão**.

Uma preocupação que vem agitando os grandes admiradores da obra de Monteiro Lobato — muitos deles, pesquisadores acadêmicos — é que essa obra, tanto os livros para o público adulto quanto os livros para o público jovem, está perdendo leitores. Parece que as novas gerações de leitores, incluindo os leitores-mirins, não estão mais interessadas em seus livros.

Os admiradores mais preocupados estão afirmando, num tom indignado, que até mesmo a turma do Sítio do Picapau Amarelo corre o risco de desaparecer da corrente principal da literatura brasileira.

Se isso for mesmo verdade...

Qual é o problema?

A vida não é um fluxo invencível de mudanças?

De constante, no universo, não há apenas a inconstância de todas as coisas?

No ocidente e no oriente, tantos milhares de autores e artistas muito apreciados em seu tempo desapareceram pra sempre... Ou porque foram perdendo o valor, ou porque foram vítimas dos desastres da História, e suas obras, apesar de valiosas, sumiram na poeira das guerras e dos terremotos.

As demandas subjetivas, estéticas, comportamentais, políticas e sociais das novas gerações não são mais as mesmas das primeiras gerações que se encantaram com as aventuras de Narizinho e Pedrinho, Emília e Visconde, Dona Benta e Tia Nastácia.

A simples ideia do desaparecimento de Monteiro Lobato me deixa triste? Certamente. Mas quando eu morrer, essa tristeza desaparecerá comigo. A tristeza de vocês também desaparecerá. Essa é a (única) beleza da morte: renovação.

Mas ainda não morri. Estou vivíssimo. E um dos jogos mentais que eu mais gosto de praticar, após preparar uma xícara de café, é ficar imaginando o futuro.

Deixo com vocês meu exercício de futurologia:

Em 2100 quase ninguém se lembrará de Monteiro Lobato, Ziraldo, Lygia Bojunga, Ruth Rocha...

Em 2500 quase ninguém se lembrará de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade...

Em 3000 quase ninguém se lembrará de Chaplin, Picasso, Beatles, Ella Fitzgerald...

Em pouco tempo, antes de esquecerem Jesus, Buda e Maomé, quase todos já terão esquecido Beethoven, Michelangelo, Shakespeare e Dante Alighieri.

Se a humanidade não se extinguir até lá, e se não houver nenhum retrocesso científico do tipo *Idade Média dois ponto zero*, no ano 5000 quase ninguém se lembrará do que eram o teatro, o cinema, a literatura, as artes plásticas, a música etc. Haverá outros tipos de arte, todas geridas por inteligência artificial.

No ano 10000 quase ninguém se lembrará de lugares chamados Estados Unidos, Rússia, China, Inglaterra, França, Índia, Japão, Brasil...



Ilustração: Aline Daka

No ano 100000 haverá tantas pessoas-máquinas conectadas na rede universal da onisciente brainet e tantas pessoas-fungo conectadas na rede universal do onisciente micélio, que quase ninguém se lembrará do que eram os sapiens originais.

Querem que eu continue?

(Mas não se enganem, mesmo que esqueçamos Homero e Mickey Mouse, jamais esqueceremos Chacrinha, o Velho Guerreiro.)

## Março

Vitória do humor, da pulsão de vida, vitória de Eros sobre Tãtatos, finalmente.

Pela primeira vez — repito: pela primeiríssima vez! — torci bastante por um filme que REALMENTE ganhou o Oscar. Mas essa vitória me surpreendeu muitíssimo. Por dois motivos: *Tudo em todo o lugar ao mesmo tempo* é uma comédia (eita!) de ficção científica (cacete?!).

Pessoas do tipo *careta de conteúdo* não consideram comédias uma Grande Arte Prenhe de Profundidades Verdaderamente Profundas. Também não consideram a ficção científica algo que mereça ser levado a sério. Deu zebra no Oscar?!

Deu zebra no Oscar, meus amores. O melhor longa-metragem de 2022 é uma comédia aloprada sobre universos paralelos, que competiu com os tradicionais dramas & tragédias prenhes de profundidades verdadeiramente profundas — e, outra surpresa, com uma tragicomédia até que saborosamente subversiva: *Triângulo da tristeza*.

Será que a mentalidade ocidental está mudando? Evoluindo?

Será que nossa sociedade finalmente está começando a reconhecer e valorizar a força estética do humor?

Será que a comédia, tão vilipendiada ao longo da História, finalmente está ocupando uma posição de prestígio no ranking dos gêneros, ao lado do drama e da tragédia?

Na verdade, em meu ranking particular dos gêneros, a comédia sempre esteve ACIMA do drama e da tragédia.

O que eu aprendi com Rabelais, Vladimir Propp, Bergson, Bakhtin, Ionesco, Douglas Adams, Henfil, Terry Eagleton, *Rick & Morty* e tantos outros sobre o humor, a comédia, o sorriso e o riso:

O humor nos devolve à infância.

O humor humaniza, dessacraliza.

O humor debocha do *mainstream*.

O humor é uma estratégia poderosa de resistência contra as forças opressivas da sociedade.

## Fevereiro

Fidelidade histórica é a fraqueza do brasileiro? É o vício que nos impede de contar histórias sobre um pequeno quilombo de irredutíveis africanos — ou uma pequena aldeia de irredutíveis indígenas, se preferirem — que, com a ajuda de um feiticeiro e uma poção mágica, põe de joelhos a Coroa Portuguesa? Tipo Asterix e sua turma?

## Janeiro

Este ano celebramos o centenário do nascimento de Sergio Porto, o impagável Stanislaw Ponte Preta.

Sergio morreu em 1968, aos quarenta e cinco do primeiro tempo. Fico imaginando, se ele ainda estivesse vivo, a festa que seria: CEM ANOS, porra!

Viver um século não é pra qualquer aventureiro, tem que ser profissional.

Então, é preciso muito sangue-frio pra abrir mão dessa honra gloriosa, e da festa sem fronteiras que a família, os amigos e o sem-número de leitores organizariam.

Lygia Fagundes Telles viveu mais de cem anos e abriu mão de seu centenário, da celebração nacional sem limites, nos jornais, na tevê, na web, na ABL, em toda parte.

Lygia Fez todos acreditarem que havia nascido em 1923, mas após sua morte descobriu-se que da certidão de casamento com o primeiro marido, Gofredo Telles Júnior, consta 19 de abril de 1918.

Impossível não ficar imaginando a autora, em 19 de abril de 2018, celebrando discretamente, com uma taça de vinho e um sorrisinho malandro, seu século de vida. 🍷

# Um romance em forma-sonata

**Dor fantasma**, de Rafael Gallo, é uma narrativa cheia de situações inusitadas que mantêm o suspense e, em consequência, o interesse do leitor até o final

LUIZ PAULO FACCIOLI  
| PORTO ALEGRE - RS

Já se tornou lugar-comum imaginar o grande artista como uma alma atormentada que quanto mais infortúnios viver tanto mais matéria-prima terá para seu trabalho. Exemplos não faltam na literatura, nas artes plásticas, na dramaturgia. Na música, talvez o de Ludwig van Beethoven seja o mais eloquente. Um dos maiores gênios de todos os tempos, que elevou a música — e toda arte — a níveis ainda não superados, consta que era também um homem de difícil convivência, muitas vezes irascível, em parte porque, à medida que ascendia em sua fulgurante carreira, ia perdendo paulatinamente a audição até terminar seus dias quase em completa surdez. Poderia haver pior sina para alguém que tenha erigido um monumento sonoro como a *Nona sinfonia* não ter conseguido jamais ouvi-la? Nem aos aplausos que se seguiram à sua estreia? A *Sinfonia coral*, cujo último movimento trouxe a grande novidade, para a música sinfônica do início do século 19, de um quarteto de vozes e de um coro, chamados a encerrá-la triunfalmente com uma *Ode a alegria!*

Dentre as muitas contribuições que a música deve ao gênio de Beethoven está o aprimoramento da forma-sonata e sua consolidação como talvez o mais importante conceito da composição musical. A forma-sonata é, simplificando-se aqui ao máximo, uma estrutura que consiste em: (1) a apresentação de dois temas contrastantes, (2) o desenvolvimento desses temas e (3) a recapitulação dos temas. A esse conjunto pode se agregar uma introdução; às vezes, também uma coda (final) após a recapitulação. O modelo da forma-sonata pode ser encontrado tanto em peças avulsas quanto em movimentos de obras sinfônicas, de concerto, de música de câmara ou mesmo de sonatas para um ou mais instrumentos.

A esta altura, o (não sem razão) impaciente leitor deve estar se perguntando o que os dois parágrafos escritos à guisa de

preâmbulo têm a ver com **Dor fantasma**, o mais recente e premiado romance de Rafael Gallo, obra que se pretende aqui resenhar. O resenhista roga então por um pouco de paciência, algo tão escasso no mundo hoje em dia, e logo as respostas todas virão, tudo se encaixará, caso contrário seu trabalho terá fracassado.

Começemos por apresentar o trecho do romance: Rômulo Castelo, pianista de prestígio e catedrático da cadeira de piano numa universidade brasileira, tem como objetivo nada modesto ser reconhecido como o maior intérprete vivo da obra pianística de Franz Liszt e prepara-se para uma turnê europeia onde pretende estrear uma peça do mestre húngaro, o *Rondeau fantastique*, considerada “intocável” dado seu grau de dificuldade. Ele vem se preparando há anos para essa empreitada, com a disciplina que aprendeu com o pai, um respeitado regente já saído de cena. Rômulo é um ególatra desdenhador de tudo o que não seja seu único interesse na vida. Sua pequena família compõe-se da mulher, com quem só se casou por causa de uma gravidez indesejada, e do filho, nascido com uma severa deficiência. Para fugir de tais atribuições mundanas, quando não está lecionando tranca-se em casa para cumprir, em seu piano Steinway, uma intensa rotina de estudos. Na universidade, Rômulo veste a pele do algoz que massacra os alunos ao tentar impor-lhes o mesmo nível de exigência que impõe a si próprio.

Imagine-se agora um indivíduo pernóstico e autocentrado por natureza sofrendo um acidente a poucos meses de sua turnê fantástica e cuja consequência seja a amputação da mão destra. Como Rômulo enfrentará essa verdadeira tragédia em sua vida, uma vez que o casamento, os alunos e até mesmo o filho, a despeito de sua triste condição, são para ele estorvos, percalços que tem de enfrentar na trilha de uma obsessão. Eis o grande conflito da história, e como ele se desenrola não se poderá aqui adiantar.

## Paradoxo

Gallo vale-se de um narrador em terceira pessoa focalizado em Rômulo, o que propicia ao leitor conhecer na intimidade um personagem dos mais complexos. A contradição existente entre o artista que almeja honrar o trabalho de um grande compositor executando com perfeição sua obra e o ser humano deplorável que desfaz estúpida e metodicamente na própria vida tudo o que constrói com tanto empenho na arte é sem dúvida seu aspecto mais fascinante. Esse paradoxo também acompanha o sentimento do leitor, que ora se identifica e



## Dor fantasma

RAFAEL GALLO  
Biblioteca Azul  
350 págs.

## TRECHO

### Dor fantasma

*O pianista inspira o ar espesso da sala de concerto, preenche o interior do corpo com a rigidez do silêncio que ele mesmo quebrará. Ergue os braços em um golpe, risca arcos de enredar o peso da gravidade para atirá-lo contra as teclas. A mão esquerda toca o ré bemol nos graves, a seguir o dó na oitava mais baixa: evocação dos sinos antepassados a dobrarem por mortos nos campos de batalha.*



## O AUTOR

### RAFAEL GALLO

Nasceu e vive em São Paulo (SP). Estreou na literatura ao vencer o Prêmio Sesc de Literatura em 2012 com a coletânea de contos *Réveillon e outros dias*. Seu primeiro romance, *Rebentar* (2015), venceu o Prêmio São Paulo de Literatura. **Dor fantasma** mereceu o Prêmio José Saramago de Literatura em 2022.

se sensibiliza com as convicções de Rômulo sobre seu trabalho, seja na condição de intérprete ou de professor, ora repudia o ser abjeto em que ele consegue facilmente se transformar.

Apesar de Rômulo ser uma personalidade que tende sempre aos extremos dessa hipotética balança, a dubiedade também o afasta do idealizado e o faz humano em sua essência. Noutras palavras, as contradições do personagem se resolvem nele mesmo, independentemente de como o conflito da história se resolverá. Não que o tratamento e a resolução do conflito sejam desimportantes. Usando a força magnetizadora do protagonista, Gallo cria em **Dor fantasma** um *thriller* psicológico cheio de situações inusitadas que mantêm o suspense e, em consequência, o interesse do leitor até o final.

Rafael Gallo é também músico e demonstra dominar muito bem o universo onde pisa ao escrever uma obra tão rica em sutilezas que não fazem parte do repertório do público leigo. Muito dessa organicidade advém de um aspecto curiosíssimo: o romance simula o modelo da forma-sonata, de que se falou no início. Ele se organiza em quatro partes, três delas intituladas a partir daquele modelo — *Coda*, *Exposição* e *Desenvolvimento* — a que se une uma *Cadenza*, outro termo emprestado da música que significa o momento de um concerto reservado ao solista para que ele exercite sua virtuosidade.

## Belo efeito

Neste ponto, um leitor mais atento notará a estranheza de a obra começar por uma coda, ou seja, pelo final, sem que a linha cronológica tenha sido alterada. É algo intrigante do ponto de vista formal, uma vez que não há retórica no mundo capaz de alterar o fluxo dos acontecimentos para fazer o final vir antes da história (ou seja, o efeito antes da causa), a não ser em soluções como o *flashback* ou o *in finis res* que necessariamente passam pela estratégia de narrar os fatos fora de sua ordem natural. A solução criada por Gallo é metafórica e de belo efeito: na Coda de **Dor fantasma** encontramos a construção minuciosa do protagonista e o acidente que o inutilizou para seu grande projeto na vida. Ainda antes disso, o livro abre com uma inspirada descrição daquilo que o narrador, num magnífico momento de intrusão, antecipa ser o último recital de Rômulo Castelo.

O que se segue à insólita coda é a exposição de dois temas — os dois lados contrastantes de uma mesma e excêntrica personalidade — e o desenvolvimento exaustivo desses temas, culminando numa *cadenza* virtuosística. Esse é mais um paralelo possível a ser feito com Beethoven: o gênio alemão trabalhava com economia de elementos que ele fazia render através de sofisticados exercícios de desenvolvimento temático (um exemplo: as célebres oito notas da abertura da *Quinta sinfonia* são a matéria-prima sobre a qual Beethoven constrói toda a obra). Mais importante do que o tema é sempre o trabalho de desenvolvimento desse tema: é ele que põe à prova a virtuosidade do compositor. Esse mesmo conceito se aplica à literatura e, muito em especial, a **Dor fantasma**.

Gallo tem uma prosa elegante que preza a eufonia e o ritmo das frases. Algumas soluções talvez tenham surgido por influência da retórica musical. Uma delas, em especial, é a da ênfase pela repetição. Em literatura, o recurso de se dizer “de outra forma” o que acabou de ser dito, com o objetivo de se enfatizar a ideia, geralmente é percebido como vício e não como virtude estilística. No presente caso, funcionam como notas dissonantes (poucas, é bem verdade), só referidas aqui porque chamam muito a atenção num conjunto tão harmônico.

**Dor fantasma** é uma obra de rara beleza e originalidade. Merecedora do José Saramago, um dos mais importantes prêmios das letras lusófonas, por certo renderá ainda outros muitos reconhecimentos a seu autor. 🎵

# MÚLTIPLO erotismo

A antologia **O corpo desvelado** propõe um recorte de muitas décadas de erotismos tão diversos que seria possível evocar desde os gregos ao cyber-corpo

LUCIANA TISCOSKI | FLORIANÓPOLIS - SC

Escrever o erotismo é ir na contramão do princípio do desempenho e da depressão. Para o filósofo coreano Byung-Chul Han, em **Agonia de Eros**, os tempos contemporâneos trazem uma outra lógica de coerção. O verbo “dever” cede lugar ao “poder” e o apelo à produtividade, à inovação e à iniciativa são ainda mais efetivos que as ordens hierárquicas. Somos hoje nossos próprios algozes, sobrecarregados com o que podemos fazer, o que podemos consumir, o que podemos ser e o que podemos criar. Vivemos numa sociedade cada vez mais narcisista e já não percebemos o outro em sua alteridade. O sujeito contemporâneo, como Narciso, “vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que se afoga em si mesmo”.

Acontece que Eros não pode ser abarcado pelo regime do eu, não sobrevive no inferno do igual. A experiência erótica acontece quando nos deparamos com a exterioridade do outro, a utopia do completamente outro. Não posso amar ou desejar o outro desprovido de sua alteridade, posso apenas consumi-lo. E assim o desempenho rouba o erotismo de nossas vidas, porque a sexualidade também está refém da lógica do desempenho, nossos corpos operam como mercadorias ou objetos de satisfação, coisas com as quais é impossível estabelecer relações de desejo reais.

Com essas digressões, pretendo tão somente reforçar o quanto é imprescindível que a literatura tenha seu lugar de exercer o erotismo numa linguagem que extrapole limites e se renda aos excessos, que se oponha ao caráter de utilidade do trabalho, que seja contrária à produtividade de uma literatura a serviço de qualquer instituição ou ideologia. É se há certo “perigo” na literatura erótica, é porque, como diria Audre Lorde, o erotismo nos deixa menos dispostas a aceitar a impotência, a resignação, o desespero, o auto-pagamento, a depressão e a auto-negação. O erotismo de Lorde é a força de um conhecimento genuí-

no do poder de compartilhamento do gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, uma ponte entre as pessoas (e para ela, em especial) entre mulheres negras e lésbicas que utilizam o erótico como antídoto à raiva, contra o racismo, o machismo e a homofobia. Porque a primeira coisa a pontuar, na verdade, é que não há apenas um erotismo, conclama-se aqui às infinitas possibilidades de corpos atravessados por Eros. Este é o valor de **O corpo desvelado**, antologia organizada por Eliane Robert Moraes, a coragem de propor um recorte de muitas décadas de erotismos tão diversos que seria possível evocar desde os gregos até o cyber-corpo ou o manifesto contrassexual de Paul Preciado, para esboçar minimamente alguma reflexão do que esses contos nos trazem e o que nos escapa à compreensão, o que sempre falta dizer sobre o erotismo.

Talvez por isso mesmo, **O corpo desvelado** desvia de um critério cronológico. A pesquisadora do erotismo propõe que a seleção de 71 contos seja distribuída em nove tópicos eróticas: *A coisa em si*, *Dos escritos picantes*, *Das iniciações*, *Das visitas ao paraíso*, *Das incertezas do desejo*, *Do que não tem limites*, *De madrugada* e *demaís pe-*

*numbras*, *De espelhos e revelações* e *Do espírito da coisa*. Em cada seção, apresentam-se ficções eróticas dessemelhantes e únicas em suas linguagens e perspectivas, como não poderia deixar de ser quando reunidos na mesma tópica erótica encontram-se nomes como Sérgio Sant’Anna e Amara Moira, Rubem Fonseca e Ricardo Lísias, Mário de Andrade e Caio Fernando Abreu, Ana Miranda e Hilda Hilst, Silviano Santiago e Natália Borges Polezzo, Nelson Rodrigues e Olga Savary, Raduan Nassar e Márcia Denser, Gastão Cruls e Esmeralda Ribeiro, Ferreira Gullar e Lygia Fagundes Telles.

## Fronteiras se desestabilizam

Com certeza, toda coletânea que reúna textos produzidos em um século inteiro, por autores de diferentes gerações, dos mais diversos lugares de um país multifacetado — ainda que tenha uma proposta temática —, pressupõe a difícil missão de congregar a profusão de ritmos, imagens e linguagens inerentes ao conjunto. Mas quando se trata de erotismo, alguma coisa muito singular habita

em cada texto e as fronteiras se desestabilizam. Sobre o significante “coisa”, “dispositivo de transporte da etérea matéria erótica”, a organizadora da seleção teve a sutileza de abrir e fechar o livro com contos que convocam a expressão literal. A primeira seção é intitulada *A coisa em si* e a última *O espírito da coisa*. Não menos sutil e acertada é a escolha do primeiro e último contos, de Sérgio Sant’Anna.

*Cavalgando (ela), homem (mulher), igual mulher (homem) dos afrescos de Pompeia, entretanto sou também mulher (homem) do meu tempo: posso estar lado a lado, por baixo dele (dela) ou sobre ele (ela), como agora, aqui. Cravando minhas unhas em seu peito, sou frágil e poderosa(o), como ele (ela), quase um(a) menino(a). Seu sexo tenho entre minhas pernas de modo que sou eu a reger este dueto...*

(trecho do conto *Dueto*, de Sérgio Sant’Anna)





Ilustração: Conde Baltazar

Eliane ressalta, no texto de prefácio, intitulado *A coisa fora de si* “que sempre resta algo de oblíquo, de inapreensível e de secreto que faz desses contos o exato oposto daquilo que se costuma atribuir à pornografia de mercado, obcecada pela ilusão de uma exposição absoluta”.

No livro **Eros, doce-amargo**, Anne Carson discorre sobre o caráter ambíguo de Eros, doce e amargo, o ódio e o desejo que se interseccionam e formam o núcleo incognoscível, “a fronteira da carne e do eu que existe entre você e eu [...] É o limite que separa minha língua do sabor pela qual ela anseia, que me ensina o que é um limite”.

Prazer e dor, ausência, falta, triangulações, vergonha, safadeza, perversão, tesão, caça, lascívia, fe-

tiches, obscenidade, constrangimento, animalidade, indecência, transgressão, dispêndio, canibalismo, libertinagem, violência, liberdade, morte, tudo isso e outras coisas “é mais e mais” podem ser lidas nas páginas desses contos. Ainda, segundo Carson, no erotismo, o buraco, o que falta, o desejo insaciável por um objeto é o desejo por uma parte necessária de si mesmo. “Duas faltas se tornam uma.” No conto *Frederico Paciência*, de Mário de Andrade, essas faltas complementam-se na dança sensual e dolorida de afastamento e proximidade, há uma angústia palpável, o proibido na triangulação do erotismo, o interdito compassando um cansaço puro e impuro, de amizade e desejo.

*Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira. O barulho facilitou nosso fragor interno, ele avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosa-*

*mente. Mas logo nos assustou a separação de condenados que explodiu, nos separamos conscientes. Nos olhamos olho no olho e saiu o riso que nos acalmou. Estávamos verdadeiros e bastantes ativos na verdade escolhida. Estávamos nos amando de amigo outra vez; estávamos nos desejando, exaltantes no ardor, mas decididos, fortíssimos, sádios.*

(trecho do conto *Frederico Paciência*, de Mário de Andrade)

Prevalece uma fusão nada pacífica, uma tensão que se estabelece na fronteira porosa entre um(a) e outro(a). A nostalgia da totalidade paira em cada desejo não cumprido. Ou como bem resume o personagem do conto *Arte nova*, de Evando Nascimento, “viver, em síntese, seria atingir o cerne das coisas com as

ferramentas de quem justamente não somos”. Cada conto revela suas estratégias de manter o espaço do desejo aberto e elétrico. O que falta, o abismo, a vertigem é o que parecem buscar esses autores em seus enredos eróticos. É o que talvez sinta a personagem de Márcia Denser no conto *O vampiro da alameda Casabranca* ao se entregar para o poeta “guru de fachada” e “charlatão cósmico”, ou o que procura *A dama do lotação*, de Nelson Rodrigues, ou o que ainda resta na mulher sonâmbula à beira da demência de Raduan Nassar em *Hoje de madrugada*.

### Erotismo e linguagem

Um ponto em comum entre muitos contos é a evidente ligação do erotismo com a linguagem. E mesmo que não totalmente evidenciada, é nítida a relação da escrita com os desígnios de Eros, na linguagem que se elabora ambivalente e persuasiva, em todos os contos. Quem escreve, por certo, também busca “a coisa”. A literatura faz o caminho obsessivo e incessante do desejo. *Intestino grosso*, de Rubem Fonseca, descreve o uso da linguagem, ou “o uso de palavras proibidas”, como uma espécie de gozo e de contestação antirrepressiva. Já Ricardo Lísias, no conto *Filosofia da solidão*, chega a afirmar que a técnica literária tem muitas ligações com o sexo, sendo a mesma coisa repetida obsessivamente, muitas vezes, com mínimas variações.

E quanto a variações sobre o mesmo tema, vale realçar que Hilda Hilst, a senhora obscena por excelência, aparece em quatro seções do livro, com seu humor ácido, nos pequenos textos numerados *Novos antropofágicos I, III, IV e VI*. Ler Hilda Hilst, sobretudo sua ficção, é um retorno à sua sempre renovada investigação, perquirição e desejo pela língua. O texto dedicado à sua obra, intitulado *Da medida estilhada*, escrito por Eliane Robert Moraes para a publicação *Cadernos de literatura brasileira*, do Instituto Moreira Salles, traz com lucidez e perspicácia uma análise do trabalho com a língua n<sup>o</sup> **caderno rosa de Lori Lamby**. Eliane evoca a “moral da história” da novela erótica de H. H.: “escrever significa correr o risco de explorar uma língua misteriosa que, com cavidades e reentrâncias secretas, impõe uma cadeia sem fim de ciladas para o autor.” **O caderno rosa de Lori Lamby** não é um conto e não faz parte da coletânea **O corpo desvelado**, mas tem lugar cativo na literatura erótica brasileira e, “disfarçado de pornografia, é uma fina reflexão sobre o ato de escrever como possibilidade de jogar com os limites da linguagem”.

Incontornável também, se falamos de Hilda Hilst, é Georges Bataille, escritor representativo das pesquisas, livros e ensaios de Eliane. Para desviarmos um pouco de seu livro mais comentado, **O erotismo**, que começa com a célebre frase: “Do erotismo, é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte”, cito aqui um breve

fragmento do ensaio **As lágrimas de Eros**, publicado em 1961. Para Bataille, “o fato de sermos humanos e vivermos sob a sombria perspectiva da morte é o que nos coloca diante da violência exasperada e desesperada do erotismo”. Bataille é categórico na sua ideia do vínculo do erotismo com a morte, desde as pinturas na caverna de Lascaux até o culto essencialmente trágico de Dionísio. E não por acaso, alguns contos da seleção de **O corpo desvelado** atravessam essa fronteira entre eros e tãatos, desvelam corpos sujeitos à aventura avassaladora de dispêndio e destruição. Desde **Morte de mim**, de Cíntia Moscovich na evocação da *petit mort*: “Veio o tempo de meu falecimento, e os lábios frios tocaram os meus quando já me estava indo. Beijou-me na hora de minha pequena morte”, passando pela perturbadora narrativa de Régis Mikail, *Cosa mentale*, até a degradante e sacrílega epifania de José Silvério Trevisan em *Latin lovers*:

*E sentiram ambos que a vida ia se acabando, a única que eles tinham, mas não pareciam preocupados. Conseguiram ainda chupar o pau um do outro. Até que o guarda voltou e, por ordem de seu superior, puxou os dois para fora da viatura. O sangue escorria pelo chão. O guarda apanhou gasolina e jogou em cima dos dois e botou fogo nos dois. E salvou-se de um grande escândalo, com alívio. Quando sentiu o cheiro de carne queimada, seu pau endureceu e ele correu pra trás de uma parede e tocou uma punheta e gozou tanto que não queria mais parar. E então saiu correndo para a sala do seu superior e lhe disse sem sequer fazer continência:*

— Quero dar o cu, excelência.

Também não é por acaso que, logo na primeira seção do livro, um conto de Fernando Paixão intitulado *Ânus solar* seja uma referência explícita ao texto surrealista de Bataille, com o mesmo título, publicado em 1931, no qual escritor francês declara que nada há de tão ofuscante que se possa comparar ao ânus, a não ser o Sol. Não se trata apenas de uma coincidência de título, o texto de Paixão é uma epifania, uma homenagem ao “fosso fabuloso”, muito em consonância com o estilo de escrita arrebatada e lúbrica do “velho batalha” que podemos encontrar também em seu texto de estreia com a novela erótica **A história do olho** (escrito ainda sob o pseudônimo Lord Auch), cuja apresentação, na edição brasileira da Cosac Naify, é de Eliane. Mas como diria Fernando Paixão, “essa já é outra história”.

#### Manifesto contrassexual

Outros erotismos do livro parecem prenunciar o manifesto contrassexual de Paul Preciado. É o caso do conto inédito de Amara Moira *Quer trocar?*, em que as fronteiras entre os gêneros homem, mulher, trans se misturam e se confundem, num jogo desajante de trocas. A narrativa reafirma o pensamento de Preciado

## Cada conto revela suas estratégias de manter o espaço do desejo aberto e elétrico. O que falta, o abismo, a vertigem é o que parecem buscar esses autores em seus enredos eróticos.

de uma reivindicação do desejo não mais fabricado pelo campo social, que circunscreve nossas sexualidades em operações naturalizadas de repetição e recitação dos códigos (masculino e feminino). O conto de Amara Moira demonstra como se manifesta a literatura em oposição ao sistema heterocêntrico e apresenta o desejo “modificado com o uso das ferramentas da metáfora e da imaginação, da poesia e da experiência somática”. Veronica Stigger, no conto *A chuva* anuncia:

*Um monte de caralhos de todos os tamanhos e formas caindo do céu. [...] Caralhos brancos. Caralhos rosas. Caralhos pretos. Caralhos retos, apontando para frente. Caralhos mais que eretos, apontando para cima. Caralhos tortos, apontando para o lado. Dois caralhos em um só, tipo os que se veem em filme pornô de aberração. Caralhos circuncidados. Caralhos carnudos. Caralho a quatro. Todos duros e, como se diz, prontos para o combate. Um paraíso.*

O humor do instigante texto de Stigger revela um subtexto que apaga a figura masculina, são apenas caralhos risíveis, que tanto divertem como acabam por assustar as mulheres, perdendo sua serventia de entretenimento no sétimo dia. *A chuva* aponta para a desestabilização da ideia falocêntrica forjada pela bioescritura do sistema sexo/gênero.

A cinta-caralha, da narrativa iniciática *Contramão*, de Reinaldo Moraes, é quase a protagonista da relação sexual entre as duas mulheres — que dominam a cena — e o macho iniciado. É interessante perceber o desconforto do personagem “enrabado”, Kabeto, e a destreza e liberdade com que as duas personagens femininas Audra e Mina manejam o dispositivo e sua vida sexual.

*Preferia um de carne, Kabeto? Muita gente gosta. Muita! Audra reforçou: Eu gosto, a Mina gosta. O Pisano, a Melissa, a Sulamita, todo mundo gosta. O seu amigo japa, que é coreano, gosta. Mina carca: Só o nosso véio machão hétero reprimido decrépito aqui é que se dá o direito de não gostar, sem nem ter experimentado pra ver como é que é.*

Para Preciado, “o dildo faz parte de uma economia da mul-

tiplicidade, da conexão, da partilha, da transferência e do uso”. É um dispositivo essencial na composição de um manifesto contrassexual, na medida em que não está inscrito no corpo como identidade ou completude orgânica. Assim como o ânus, que também ocupa o centro transitório de um trabalho de desconstrução da heteronormatividade. No manifesto, o escritor feminista transgênero institui o ânus como o centro erógeno universal de excitação e de prazer, porque não figura na lista de pontos prescritos como orgásticos e tampouco está destinado à reprodução ou baseado numa relação romântica.

O manifesto propõe uma reescrita dos corpos sexuais e dos erotismos, rompendo com as narrativas modernas do colonialismo heterocapitalista, como o darwinismo, o marxismo e a psicanálise, questionando o binarismo biológico e a reprodução como centro da economia política, e reabilitando o “fetiche” como tecnologia cultural e possibilidade de uso por qualquer corpo sexual.

Em que grau de liberdade e experimentação de afeto estarão as sexualidades na próxima seleção de contos eróticos de Eliane Robert Moraes? Considerando o que temos sentido na pele, com a velocidade das transformações do mundo contemporâneo, há muito por vir. As sexualidades, os corpos atravessados pelo erotismo, as maneiras de lidar com o desejo se transformam como as línguas e os sistemas de comunicação. E o monolinguismo sexual há muito não dá conta dessas transformações.

A título de informação, ainda neste mês de junho, a pesquisadora de literatura erótica lança a edição revista e ampliada da coletânea **O corpo descoberto – Contos eróticos brasileiros (1852–1922)**, que antecede **O corpo desvelado**, e prepara a segunda edição, também revista e ampliada, da **Antologia da poesia erótica brasileira**, para 2025. E ainda neste ano, tem programada a publicação de uma coletânea de ensaios com a temática da literatura erótica brasileira. A pesquisa da “coisa erótica” na literatura é desdobrável e infinita, e assim como as línguas e seus movimentos, escapa a um saber concluído e estabelecido, porque afinal, “pouco se sabe do corpo erótico. E esse pouco, na literatura, é legião.”



#### O corpo desvelado – contos eróticos brasileiros (1922-2022)

ORG.: ELIANE ROBERT MORAES

Cepe

596 págs.

Toda coletânea que reúna textos produzidos em um século inteiro, por autores de diferentes gerações, dos mais diversos lugares de um país multifacetado — ainda que tenha uma proposta temática —, pressupõe a difícil missão de congrega a profusão de ritmos, imagens e linguagens inerentes ao conjunto.



#### A ORGANIZADORA

#### ELIANE ROBERT MORAES

É professora de Literatura Brasileira da USP e pesquisadora do CNPq. Assina diversos ensaios sobre o imaginário erótico nas artes e na literatura. Publicou **Sade – A felicidade libertina** (2015), **O corpo impossível** (2016), **Lições de Sade** (2011) e **Perversos, amantes e outros trágicos** (2013). Organizou a **Antologia da poesia erótica brasileira** (2015), **O corpo descoberto – Contos eróticos brasileiros de 1852-1922** (2018) e a **Seleta erótica de Mário de Andrade** (2022).



## DESACOMODAR SEM LUGAR-COMUM

Henrique Schneider vive no interior do Rio Grande do Sul, em Novo Hamburgo, cidade onde nasceu. Por estar longe dos grandes centros, convive pouco “com o meio literário”.

Ainda assim, mesmo distante das distrações da vida (extra) literária, sua rotina de escrita está condicionada ao seu trabalho como advogado trabalhista e sindical.

“Minha agenda no Direito não tem horário, às vezes adentro a noite em reuniões”, diz o autor do romance **Setenta**, que venceu o Prêmio Paraná de Literatura em 2017.

“Assim, em termos de literatura, o dia produtivo é aquele em que consigo escrever ou ao menos tomar decisões a respeito do que estou escrevendo. E se neste dia escrever algo que me agrade, melhor ainda.”

Ainda na época da faculdade, publicou seu primeiro livro, **Pedro bruxo**. Em 1989, com **O grito dos mudos**, venceu o Prêmio Maurício Rosenthal de Romance. O livro e o prêmio lhe abriram as portas para a literatura. Foram cinco edições do livro pela L&PM, até ser publicado pela Bertrand Brasil em 2006.

Em 2003, Schneider passou a escrever a coluna semanal de contos *Vida Breve*, no jornal *ABC Domingo*. Foram mais de 600 pequenos contos publicados.

Seu mais recente romance é **A solidão do amanhã**, publicado em 2022 e que se passa na fronteira do Brasil com o Uruguai, país para onde o protagonista tenta fugir.

A seguir o escritor gaúcho fala mais sobre seu processo de criação, hábitos de leitura e escrita, manias e obsessões.

### • Quando se deu conta de que queria ser escritor?

Aos sete anos, quando escrevi um poema sobre o Dia do Trabalhador e isso emocionou minha mãe e minha professora. Acho que foi naquela hora que eu soube — meio que ainda sem saber — que queria ser escritor.

### • Quais são suas manias e obsessões literárias?

Antes, eu precisava de muito silêncio e gostava de algumas flores em minha mesa de trabalho. Mas sou advogado trabalhista e sindical e, nessa condição, minha agenda é muito cheia — o que faz com que eu escreva sempre que o tempo permitir e nas

condições possíveis. Assim, em termos de mania, hoje me basta ter vinho ou café ao meu lado enquanto escrevo.

### • Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Romances e novelas breves. Leio sempre um ou dois por vez, junto com a leitura de algum outro gênero.

### • Se pudesse recomendar um livro ao presidente Lula, qual seria?

Lula não é um mau leitor, ao contrário do terror que o antecedeu. Disse numa entrevista que, durante a prisão, lia em torno de dois livros por mês, o que é uma boa média em termos de Brasil. E para ajudar a suportar o peso intranquilo da presidência, acho que daria a ele uma antologia de poesia brasileira.

### • Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Os dias em que consigo entrar totalmente no meu estado de escritor — ou seja, com tempo para pensar antes e me preparar para o que vou escrever.

### • Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Algum silêncio, uma boa poltrona, vinho ou café.

### • O que considera um dia de trabalho produtivo?

Minha agenda no Direito não tem horário, às vezes adentro a noite em reuniões. Assim, em termos de literatura, o dia produtivo é aquele em que consigo escrever ou ao menos tomar decisões a respeito do que estou escrevendo. E se neste dia escrever algo que me agrade, melhor ainda.

### • O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Escrever é difícil. Por isso, me agrada revisar, reescrever, colocar literatura no primeiro texto. Mas talvez o que me dê maior prazer é mesmo ter escrito.

### • Qual o maior inimigo do escritor?

No meu caso, a preguiça.

### • O que mais lhe incomoda no meio literário?

Em termos gerais, o pouco espaço que temos para a crítica. Em termos pessoais, não tenho incômodo maior. Meu cotidiano é o da advocacia trabalhista e sindical. Além disso, vivo e escrevo numa cidade do inte-



TREVO COMUNICAÇÃO



### A solidão do amanhã

HENRIQUE SCHNEIDER  
Dublinense  
128 págs.

rior (Novo Hamburgo), distante dos centros literários. Desse modo, convivo tão pouco no meio literário — e nas vezes em que convivo é mais para ver ou rever amigos —, que não tenho nem como me incomodar.

### • Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Esta é uma pergunta delicada, em que a gente pisa em ovos pra responder, porque a pessoa que pensamos homenagear com a resposta pode, ao contrário, considerá-la demeritória. É uma pergunta que mexe com vaidades, melhor deixar assim. Vá lá entender a natureza humana!

### • Um livro imprescindível e um descartável.

**Cem anos de solidão**, do Gabriel García Márquez, é um livro ao qual retorno de tempos em tempos. Os descartáveis são aqueles de fórmula pronta, que buscam o entretenimento e nada mais.

### • Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

O tom muito panfletário e o mais do mesmo.

### • Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Ficção científica ou distopias futuras. Não porque os temas não me atraíam, mas por absoluta falta de domínio sobre eles.

### • Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

Escrevo — ou ao menos anoto ideias — em qualquer lugar, alguns deles pouco inspiracionais: sala de audiências, em meio a consultas em plantões, cafés enquanto aguardo algum compromisso.

### • Quando a inspiração não vem...

Sento e escrevo mesmo assim, a não ser que esteja muito

cansado. Como disse Pablo Picasso, “la inspiración existe, pero tiene que encontrarte trabajando”.

### • Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Alguém que não ficasse o tempo inteiro falando apenas sobre literatura.

### • O que é um bom leitor?

Aquela pessoa para quem a leitura seja uma possibilidade de mudança. Ou seja: alguém que está aberto para o livro que lê.

### • O que te dá medo?

A decadência. Morrer antes de estar preparado para isso.

### • O que te faz feliz?

Sou muito simples para a felicidade e a vida tem sido generosa comigo. Amores, filhos, algumas viagens, dias tranquilos — é mais do que suficiente.

### • Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Sempre que decido contar uma história, decido também a história que não será contada. Então, ao longo do processo da escrita, muitas vezes me pergunto se alguém se interessará sobre o que estou contando e se não seria melhor ter escolhido a história que decidi não contar. Por outro lado, quando chega esta dúvida, mais e mais me decido a fazer com que a história escolhida valha a pena.

### • Qual sua maior preocupação em escrever?

Achar a palavra correta, encontrar o ritmo certo da frase, e tentar fugir do lugar-comum.

### • A literatura tem alguma obrigação?

Ricardo Piglia comentou que a obrigação do escritor é dizer bem. E eu agrego, dizendo que, se possível, ela também deve desacomodar.

### • Qual o limite da ficção?

É o mesmo limite da força criadora de quem escreve.

### • Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Na verdade, não sei. Mas imagino que um ET que consiga viajar milhões de quilômetros para chegar à Terra numa nave de altíssima tecnologia já sabe com quem falar.

### • O que você espera da eternidade?

Escrevi um conto em que o personagem descobre a fórmula da imortalidade. E então, nos 500 anos que passam, ele vê seus amores morrerem tantas e tantas vezes, deixando cicatrizes de dor que ele, imortal, sabe que serão para sempre. Então tenta descobrir um antídoto à imortalidade, mas só o que consegue são uns unguentos que lhe incomodam o corpo velho. Só quer morrer — e não consegue. Por isso, só o que posso esperar da eternidade é que ela seja leve. 🕒

**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

Ilustração: **Thiago Lucas**

# O PODER DAS PALAVRAS E OUTROS PODERES

Neste tempo em que vivemos buscando a sobrevivência do planeta e que denominamos era da informação e do conhecimento, o poder das palavras se tornou onipresente e vital para as relações humanas. Nunca a palavra teve tanto peso e importância na história e, portanto, poder. Esta afirmação vale para os que buscam o entendimento e a democracia inclusiva e socialmente equânime, e para os que almejam a destruição do que melhor foi construído em séculos de busca por um padrão civilizatório minimamente humanizado.

Com a palavra e seu poder de convencimento na ponta dos dedos dos *gadgets* eletrônicos, redes sociais e toda sorte de comunicação que envolvem milhões de pessoas, vivemos permanentemente sob o poder da palavra, dos argumentos, das narrativas que moldam opiniões, decisões individuais e coletivas, traçando o rumo de questões decisivas para o bem-estar e para o desenvolvimento de nossa civilização. Ou para o seu inverso.

É importante partir dessa premissa ao analisar o planeta que notoriamente vive uma profunda crise econômica, social e de valores que ainda requer um entendimento mais avançado da filosofia política e das ciências sociais. O presente, no entanto, mostra um mundo em crise agônica do modelo que arquitetou, após a Segunda Guerra Mundial, uma nova sociedade que renasceria com a palavra *diálogo* ao projetar um centro político internacional, a ONU, com base na democracia e na liberdade, voltado para coibir conflitos e utilizar a palavra diplomática como instrumento para a paz.

Passados 78 anos, a cruenta realidade desta nova fase do capitalismo hegemônico de nossa era foi alimentada por seqüências pouco edificantes para os propósitos almejados, como a guerra fria, as incontáveis guerras regionais e de invasão estrangeira, os genocídios, a persistência do xenofobismo, do racismo, das desigualdades estruturais entre as partes abastadas e as de extrema pobreza no planeta.

Atos de barbáries contínuas foram o pano de fundo para se criar um mundo de ocultamentos, de enganos, de falsas premissas ideológicas ou religiosas que, ao negarem até as conquistas científicas, voltaram a alimentar fanatismos e a persistente ignorância que submete grande parcela da população do globo. Neste mundo, o poder das palavras tem um papel ainda mais determinante e requer a atenção dos democratas.

Pressionados pela imediatez das respostas curtas e rápidas, o cidadão comum, e em particular aqueles que construíram aparatos críticos e são privilegiados pelo acesso e compreensão das diversas leituras, se veem hoje temerosos pelas mais assustadoras possibilidades de um futuro que possa resgatar com força global os horrores do passado, quando o pior dos seres humanos veio à tona na forma de ideologias fascistas e nazistas.

Afinal, como o não especialista em política poderia vislumbrar o renascimento dessas ideologias como possibilidade de governo, ainda mais apoiados por parcelas consideráveis da população em plena terceira década do século 21? Ou que seria possível pensar em teocracias mercenárias comandando países, ascendendo tão rapidamente em partes do ocidente com as igrejas de múltiplos credos impondo seu poder no Estado liberal e laico, contrapondo-se aos direitos civis e democráticos?

Resta-nos perguntar se a maioria compreende essa abundância de palavras que recebe e, compreen-



dendo-as, exerce com consciência seu direito à crítica ou à adesão. Na verdade, essa última observação talvez condense a angústia que perpassa por muitos ativistas e formuladores de programas e ações de formação de leitores e leitoras que questionam a pertinência do trabalho atual e a viabilidade da continuidade dessa luta que, às vezes, parece perder fôlego frente às avalanches contrárias.

Por um lado, somos constantemente assaltados pelo temor cada vez maior de um mundo sendo construído no avesso do movimento virtuoso da palavra raciocinada pela política verdadeira, aquela que é destinada ao grande concerto da vida humana. Por outro, e se tudo é política, seja para construir ou para destruir, muitas vezes nos perdemos na busca pelo melhor entendimento da realidade desses tempos tão difíceis. Como analisar objetivamente a eficácia das políticas públicas e das ações em prol da formação de leitores e leitoras no conjunto dos programas de educação e cultura? Serão inúteis todos os esforços que fazemos em nossas comunidades e círculos sociais e afetivos?

Tema tratado profusa e diversamente por muitos ensaístas e pesquisadores, a eficácia da ação política emancipadora está chegando ao ativismo consciente de muitos que lutam por um Brasil de leitores na forma das observações e perguntas que têm hoje um potencial enorme de impulsionamento ou de paralisia. Seria primário reduzi-las às prosaicas “será que adianta o que fazemos?”; “você também tem dúvidas se nos escutam?”; “até quando haverá pessoas lutando por temas de

política pública quando a maioria não se interessa?”, mas o fato de que elas existem e se intensificam são evidentes em boa parte das conversações do meio.

Por mais que me aborreça admitir, começo a perceber uma tendência nos grupos de debates virtuais, e entre muitas manifestações públicas de ativismos culturais, um certo aprofundamento do que talvez pudesse chamar de “euforia vã” pelos portais abertos no novo tempo político, com a extrema direita fascistoide apeada do poder federal, *versus* o desânimo cansado de quem luta cotidianamente há muitos anos fazendo um trabalho do qual não consegue vislumbrar resultados palpáveis de forma permanente ou estrutural. Um quadro de defesa pela sobrevivência, de compensação pelos últimos seis anos de pauperização do fomento à cultura, justificável e necessário, mas absolutamente insuficiente para as necessidades estruturais que ainda precisamos construir, se projeta como algo maior do que deveria ser.

Este quadro traz ainda maior responsabilidade aos atuais condutores das políticas de cultura e de educação neste governo de reconstrução no terceiro mandato do presidente Lula. Do meu ponto de vista, é inescapável que a política pública avance na edificação de programas estruturantes que, baseados em legislação existente, construam bases sólidas e permanentes para o desenvolvimento de projetos culturais e educacionais, particularmente de formação de leitores e leitoras, de forma durável e como política de Estado.

É possível fazer isso, buscar o consenso entre Estado e sociedade, com grande força motriz

impulsionada pelas lideranças políticas ainda comprometidas com o desenvolvimento sustentável do país e que consigam deixar de lado seus corporativismos ou particularidades e pensem no conjunto dos interesses da maioria da população.

Modestamente, volto a sugerir: vamos investir prioritariamente na ação que tem maior potencial de agir com eficácia na democratização do acesso à leitura para todos e todas, no combate ao individualismo induzido, na retomada das atividades coletivas do pensamento e do lúdico, ou seja, vamos investir e consolidar definitiva e estruturalmente as bibliotecas de acesso público no Brasil? Se for tomada essa decisão política e obtido o consenso, o “como fazer” tem história, conceitos nacionais e internacionais e lideranças aptas para colocá-la em prática.

Instrumentos de acesso republicano à palavra, as bibliotecas vivas estão presentes de forma presencial e virtual nas sociedades mais consolidadas que souberam construir em seus países esses instrumentos imprescindíveis. Sonho com um Brasil que, finalmente, exerça uma política pública cultural e educacional que acompanhe seus cidadãos ao longo da vida onde bibliotecas abertas diuturnamente, acessíveis, atualizadas, conduzidas por profissionais motivados junto às comunidades de sujeitos, sejam peças de resistência democrática, contribuindo para formar consciências que preservem o que há de melhor nos seres humanos. É possível sonhar e é possível realizar esse sonho. Contra as barbáries que estarão sempre a postos para destruir nossas vidas.

# LANÇAMENTO

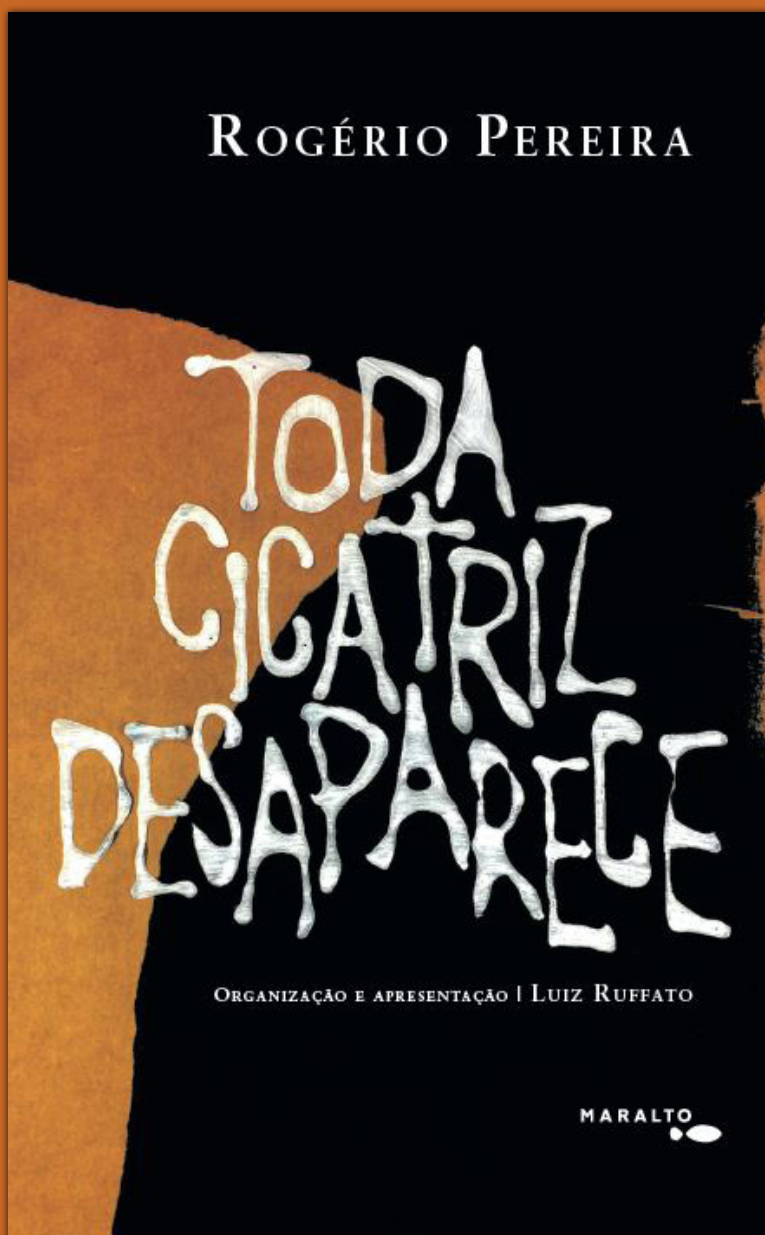
MARALTO  
EDIÇÕES



COMPRE  
NO SITE DA  
EDITORIA

“Rogério Pereira é da família dos escritores que estão sempre remexendo suas próprias feridas, que, singulares em sua manifestação, transformam-se, por conta da linguagem, em experiências comuns a um enorme contingente de pessoas. Pereira nos fornece um texto único, profundo, lírico, atemporal, que nos arrebatava e comove, sem nunca ser piegas.”

Luiz Ruffato – organizador



“Carregamos todos várias marcas. Tenho uma cicatriz enorme na perna direita. O pai ostenta algumas pelo corpo — um pedaço de lenha a voar do machado, um coice de um cavalo vingativo. A mãe tinha um corte que se estendia pela sola do pé esquerdo. Meu irmão já despencou algumas vezes do telhado onde tenta ganhar a vida. Mas não há com que se preocupar: nenhuma cicatriz resiste à morte.”

**wilberth salgueiro**

SOB A PELE DAS PALAVRAS

# CONSELHO SE FOSSE BOM, DE MANOEL HERZOG

“Ficção ou fique doido.”  
Isso me disse o analista:  
“Escreva, der branco insista.”  
Pensei: “Ou escrevo ou me fodo”.

Mas andava pessimista —  
Depressão me lascou todo.  
“Eu vou sair deste lodo” —  
Pensei — “Vou ficar na pista

Pra negócio, uma editora  
Me descobre e eu fico rico”.  
Assim que neste penico

Meti-me, foi em má hora  
Que ouvi o analista obscuro:  
Hoje, além de doido, duro.

Humor na poesia tem sido, desde Gregório de Matos, uma estratégia discursiva para seduzir leitores, revolver questões, abalar valores do senso comum, quando não, ao contrário, os afasta, as distorce e fortalece valores estereotipados. No soneto em pauta, se entramam considerações em torno da razão e da loucura, da ficção e da realidade, da eficácia da psicanálise, da criação poética, da linguagem decorosa, da condição depressiva, da sobrevivência do artista, tudo isso em curtos versos setissílabos amparados numa vontade de produzir o riso.

O verso de abertura dá o tom de impacto: entre aspas, antecipando ser a fala de outrem, se lê: “Ficção ou fique doido”. A grafia “ficção”, no papel, entra em jogo e atrito com a sonoridade “fique são”, tendo em conta a sequência da frase: “fique são ou fique doido”. Nesse entendimento, sanidade e doideira se entrecruzam, a partir do aspecto sonoro. Quando, contudo, se fixa o sentido da palavra grafada, a frase ganha distinta perspectiva: “Ficção ou fique doido”, isto é, crie, invente, escreva, faça arte, faça ficção para que a doideira não se instale.

Somente no verso seguinte as aspas esclarecem que tal conselho teria vindo do analista do escritor. A ambivalência, que transita da palavra grafada (ficção) à falada (fique são), se amplifica se não sabemos ao certo a forma como a frase-conselho completa derivou do analista ao analisando. Essa ambivalência mesma se expressa no teor da deslizante frase, que fala, afinal, de ficção, ou seja, de imaginação, fantasia, quimera. De um modo e de outro, o poeta *realiza* o conselho, pois faz ficção em forma de soneto, cuja feitura é calcada em cálculos (metros, rimas, cesuras) que exigem do poeta que fique são.

Seguindo as dobras metapoéticas, o poeta põe em cena o movimento mesmo da escrita produtiva contra um sintoma da afasia: “Escreva, der branco insista.” / Pensei: ‘Ou escrevo ou me fodo.’”. O dito chulo, “me fodo”, reforçado pela rima com “fique doido”, surpreende e de imediato provoca a reação cômica, que percebe que “ficar doido” e “se foder” pertencem a um campo similar, ou seja, que ficar são, ainda que fazendo ficção, é alternativa literalmente mais razoável.

No entanto, confessa o poeta na quadradivã que pessimismo e depressão o levaram ao lodo, à degradação, à decadência. O uso imprevisito do verbo “lascar” colabora para um efeito hilário, pois, em geral, há uma semântica da seriedade, mesmo mórbida, em torno da condição depressiva, e o verso “Depressão me las-

cou todo” desloca tal semântica, ao situar sintaticamente o termo “Depressão” como sujeito que “lasca” (prejudica, maltrata, bate com força) o paciente poeta que “andava pessimista”. Na acepção mais conhecida de “lascar”, a depressão arranca pedaços, racha, afeta a integridade de quem por ela é tomado. O psicanalista Abrão Slavutzky diz, em **Humor é coisa séria** (2014), que “o humor é uma forma de se esquivar de um direto da realidade e em seguida gozar dela. Gozar desta mesma realidade agressiva, mortificante, e sorrir diante dela”. Devolver a lasca.

Lascado e ladino, o poeta ri do “branco-lodo-penico” em que se meteu, é guerreiro, não se entrega e, de posse de si (“Pensei”), decide agir e “sair deste lodo”, que inclui, pelos indícios, dificuldade financeira (negócio, rico, duro). Por isso, vai “ficar na pista”, deixar-se disponível para que alguma editora — sendo ele um escritor — o descubra e, assim, saia da pindaíba. Contudo, a sina não se modifica e o poeta vai do lodo ao penico (“vaso para urina e dejeções”, via Houaiss) e, sem herança nem patuá, conclui que “foi em má hora” dar ouvidos ao conselho do “analista obscuro”, quedando, “além de doido, duro”. O triste fim do pessimista poeta, que neste livro atende pelo nome de Manoel Herzog (em outros, será Germano Quaresma), se assemelha em muito à trajetória dos poetas do Brasil e desse mundo: tidos como lunáticos, com frequência depressivos, pobres, marginalizados, padecem na busca utópica do tesouro escondido: editora, leitores, sucesso.

Este soneto, *Conselho se fosse bom*, encontrou seu destino no livro **Sonetos de amor em branco e preto**, em 2016, publicado pela valente Patuá, com apoio do Proac, um programa de incentivo à cultura do estado de São Paulo. De certo modo, o soneto se dá a ver como uma variação do vaticínio do poeta baiano em *Épico*, de **Araçá azul**: “Destino eu faço, não peço./ Tenho direito ao avesso./ Botei todos os fracassos/ Nas paradas de sucesso”. No livro, o poema pertence à seção *Sonetos sociopolíticos*, aos quais o próprio autor se refere em *Uma breve exposição de motivos*: “Não pretendo fazer panfletagem, estou anarquista, foi o horrorshow da conjuntura política que levou a escrever estes registros com sarcasmo, ri-se pra se defender”. Premiado por vários livros, Manoel Her-

zog tem reconhecimento de pares, feito os catorze que comparecem no “posfácio-soneto” ao fim do volume: Ademir Demarchi, Adriane Garcia, Alexandre Guarnieri, Glauco Mattoso, Marcelo Ariel, Waldo Motta, entre outros. Este capixaba do time de eleitos o homenageia com um dístico: “Preto no branco, branco no preto:/ Manoel Herzog — mestre do soneto!”. Mestre até quando comete um despuorado cacófato ao encadear um terceto no outro: “... neste penico/ meti-me”. A língua do poeta sempre a pronto.

Se no poema em mira se mira o heptassílabo, o verso de longe preferido pelo poeta é o clássico decassílabo, como no *Soneto paulistano*: “Acordei madrugada, um puta frio./ Rumei pro meu banhinho matinal/ E o que presenciei me deixou mal:/ Chuveiro queimou, puta que pariu”. Humor, ironia, deboche, escracho, obscenidade, palavrão, escatologia, pornô são caminhos por onde passam seus poemas, estrondos na estrada. Também prosador, o poeta leva para a sua desbocada lírica a famosa diferença entre conto e romance feita por Cortázar, procurando a cada poema reinventar o nocaute já de saída, porque os leitores que esperam o resultado por pontos são cada vez mais raros.

No prefácio, Herzog mostra estar a par da mais fina tradição de sonetistas e sintetiza um ou outro traço de Petrarca, Shakespeare, Donne, Dante, Verlaine, Mallarmé, Keats, Milton, Góngora, Neruda; Camões, Sá de Miranda; Gregório, Augusto, Bilac, Vinícius, Glauco; e ainda Bandeira e Drummond. Em um dos mais célebres sonetos do itabirano, *Oficina irritada* (**Claro enigma**), a reiterada rima consoante em “uro” — duro, escuro, futuro, imaturo, impuro, pedicuro, muro, Arcturo — deixa insinuada a possibilidade de, mesmo paródica, uma citação meio torta ao *gauche*. Se os enigmas se multiplicam no poema de Drummond e, lá, é o “soneto duro” (árduo, penoso, algo hermético), no poema de Herzog parece tudo às claras e “duro” (pobre, sem dinheiro, algo falido) é ou está ou se pinta o poeta.

Há uma prosa de enredo no soneto: o escritor ouve de seu analista para não parar de escrever (“insista”), evitando a doideira, que pode advir da Síndrome de Bartleby. Mesmo deprimido, vai à luta, mas nada consegue. Na contramão do conselho, permanece, segundo o próprio, doido, mas agora também duro (supostamente por ter insistido em continuar a escrever ou talvez, ironicamente, por ter de pagar a consulta ao “analista obscuro”). O poema em si pode ser, contudo, também a prova cabal de ter sido um “bom conselho” o insistir em escrever, pois foi escrevendo *Conselho se fosse bom* que o paciente e poeta pôde pensar (“Pensei:”; “Pensei —”) sobre o conselho recebido. Em suma, o “conteúdo” do poema diz que o conselho de nada adiantou, no entanto, a existência do soneto diz o contrário.

A consciência dessa situação (de ambivalência, de indecidibilidade, de aporia) o poeta parece expressar, se não já no título, desde a primeira palavra do poema, conforme vimos, que transita entre a fantasia da “ficção” e o juízo do “fique são”. Com “ficção” o verso de abertura fica com seis sílabas apenas, contrastando com os demais, todos com sete sílabas; com “fique são”, lida a palavra a contrapelo de sua grafia, considerado o indubitável intuito de produzir uma paronomásia, o verso se constitui, feito os demais, um heptassílabo. Pensando nesse vaivém, voltamos a Abrão Slavutzky: “A janela do humor é uma forma sutil de ver o mundo, é um esforço para se libertar da tediosa condição humana, aliando a comédia e a tragédia de forma paradoxal. O humor é uma ponte entre o peso e a leveza, entre a lágrima e o sorriso, capaz de brincar com as situações sérias, colocando tudo em dúvida”. Ficção — fique são.

Assim, sem pompas, com graça, com nuances, que podem passar em branco, abafadas pelo barulho que provocam palavras como “doido”, “fodo”, “lodo”, “lascou”, “penico”, “duro”, ou abafadas pelo riso que surge do algo insólito enredo, esse poema de Manoel Herzog — que abala, revolve e seduz — funciona como uma janela sutil para a sua obra, à espera de analistas menos, bem menos obscuros. **U**

# rascunho recomenda

Sem conseguir dormir depois de receber uma notícia indigesta, a narradora-protagonista deste romance de Ieda Magri rememora um crime terrível contra uma criança, ocorrido em uma cidade do interior no sul do Brasil. Ela então decide viajar de volta ao lugar onde tudo aconteceu. Passados 40 anos, ao buscar vestígios e ouvir histórias que se tornaram quase lendas, a narradora apresenta os meandros da vida local e o cenário de impunidade do caso. A voz narrativa, de seu ponto de vista privilegiado, aproxima o leitor dos acontecimentos sem oferecer, no entanto, uma perspectiva única. É uma obra que provoca emoções fortes desde as primeiras linhas, em cenas vigorosamente descritas. A história de **Um crime bárbaro** denuncia a terrível banalidade de assassinatos como esse e muitos outros, em um país onde se vive com medo. Livro que se alinha a obras e autores latino-americanos como os argentinos Selva Almada e Ricardo Piglia, além da romancista brasileira Patrícia Melo.



## Um crime bárbaro

IEDA MAGRI  
Autêntica  
160 págs.



DIVULGAÇÃO



## Volto semana que vem

MARIA REGINA PILLA  
Ama  
128 págs.

“Volto semana que vem” é o que a narradora deste livro responde ao pai ao sair de casa num dia de 1970, quando ele pergunta, espantado, aonde ela vai. “Mais de dez anos se passaram até eu voltar àquela cozinha”, conclui ela em seguida. Composto por recortes de memória, o livro é um documento sobre os tempos da ditadura militar brasileira, além de um inventário de memórias. De forma fragmentada, o leitor conhece, aos poucos, a infância da narradora-personagem em Porto Alegre, os tempos de escola e de faculdade, a entrada na militância política contra o regime ditatorial e a série de violências que se seguiram, consequências de sua opção por não querer viver à margem dos acontecimentos. No texto de apresentação, o escritor e crítico gaúcho Luís Augusto Fischer destaca que “toda memória é uma forma de confrontar a morte. A morte que vem pela frente, inevitável, mas também a morte que vem do passado, já consumada”.



## Os novos

LUIZ VILELA  
Record  
256 págs.

Um dos autores surgidos em meio ao boom do conto brasileiro, nos anos 1960, o mineiro Luiz Vilela publicou seu primeiro romance, **Os novos**, em 1971. Retrato do turbulento período da ditadura militar de 1964, o livro ganha agora uma edição renovada. O romance trata dos sonhos, angústias e dificuldades de um grupo de jovens universitários em Belo Horizonte diante da escalada autoritária da ditadura militar no Brasil. Em meio aos encontros, os amigos produzem a revista *Literatura* e alimentam o desejo de iniciar na carreira literária, deparando-se com a necessidade de ter outras atividades, como o jornalismo, para se manter enquanto sonham com o romance que pode tirá-los do anonimato. Nei, o protagonista, tem inevitável inspiração autobiográfica, mas nem por isso Vilela deixa de fazer uma crítica ácida a uma geração que buscou na boemia e no discurso uma forma de fugir da realidade. **Os novos** foi concluído durante uma residência literária do autor nos Estados Unidos.

Em seu romance de estreia, a editora e agente literária Eugênia Ribas-Vieira discute assuntos como a relação entre mães e filhos, amor e desejo, paixão e vingança, desamparo e perdão. Na história, uma doença enigmática deixa um rastro de sangue e silêncio na pequena Nossa Senhora das Dores, borrando de vermelho a existência e os sonhos dos moradores do lugarejo. Então o silêncio e a solidão tomam conta das casas modestas e dos corpos raquíticos, ditando o tom e o ritmo da trama.



## Onde choram as crianças

EUGÊNIA RIBAS-VIEIRA  
Faria e Silva  
172 págs.

João e Dante são dois amigos recém-saídos da universidade, no despertar dos anos 2000, idealistas e cheios de planos. Enquanto Dante acredita que pode fazer sua parte através de uma empresa inovadora, João tenta entender o mundo a partir da vivência nas ruas. De um lado, a ideia de que uma mudança real possa acontecer de dentro do sistema; do outro, o estado de constante vigilância e o medo de quem decidiu se juntar ao elo mais frágil da sociedade. **Cinco ou seis dias** foi vencedor do Prêmio Ufes de Literatura e finalista do Prêmio Rio de Literatura.



## Cinco ou seis dias

DANICHI HAUSEN  
MIZOGUCHI  
Dublinense  
192 págs.

**Planta oração** faz a junção da oralidade com a ancestralidade. As aberturas dos contos, criadas a partir de um som ritmado, lembram mantras ou ladainhas e vão se apresentando em repetições, que acolhem o ouvido e preparam o leitor para um novo conto-oração. Cada texto forma um galho desse “tronco”, carregado de memórias e palavras da autora baiana Calila das Mercês, que também é poeta, jornalista e pesquisadora. **Planta oração** marca sua estreia como contista.



## Planta oração

CALILA DAS MERCÊS  
Nós  
144 págs.

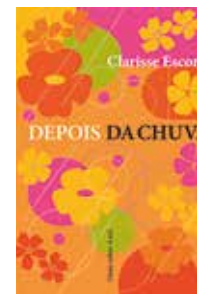
Em seu primeiro romance, Matheus Borges mistura humor e suspense noir em uma história com “aura de paranoia pynchoniana”. O protagonista do livro é um rapaz introspectivo e antissocial, mas de aguda percepção acerca das contradições da pós-modernidade, que cai na toca de coelho dos fóruns da internet. Quando a garota por quem é apaixonado tem um fim trágico e o administrador de seu fórum favorito desaparece misteriosamente, ele se deixa levar por impulsos investigativos que colocam em risco sua rotina e lucidez.



## Mil placebos

MATHEUS BORGES  
Uboro Lopes  
192 págs.

As crônicas deste livro retratam, principalmente, o período entre 2020 e 2022, marcado pela pandemia mundial da covid-19. Os textos apresentam breves instantâneos sobre as novas rotinas criadas por conta do isolamento forçado. Além disso, temas como a polarização política no Brasil contemporâneo e textos dedicados a autoras importantes, como a norte-americana Lucia Berlin e a brasileira Clarice Lispector, também marcam o livro.



## Depois da chuva

CLARISSA ESCOREL  
Ouro sobre Azul  
208 págs.

# As esperanças de Penélope

**Luciana Hidalgo** consegue dar leveza a temas trágicos, mas tropeça em certo elitismo intelectual

BRUNO NOGUEIRA | UBERABA - MG

Penélope é nome conhecido. Clássico a tal ponto que chega a ser natural que carregue algumas expectativas. A mulher que por anos enganou pretendentes-invasores conforme esperava o retorno de Ulisses é um símbolo vasto. Dependendo de quem enxerga, ela representa a astúcia, a fidelidade, a resiliência, a paciência; pessoalmente, acima de tudo, vejo em Penélope símbolo de esperança e confiança inabaláveis. Tentei não deixar que essa visão moldasse expectativas para a leitura de **Penélope nos trópicos** — mas acabou não sendo necessário. Essas são duas das principais características da personagem criada por Luciana Hidalgo. Contudo, existe uma grande diferença entre a Penélope odisséica e a brasileira: enquanto a primeira aguardava o retorno de seu marido, depositando suas esperanças em um homem e nos deuses, a segunda age em prol de dias melhores e tem a esperança de que seja possível superar o clima político atual — e deposita sua esperança nos deuses.

A presença dos deuses — especialmente Ποσειδών (de Poseidon), deus padroeiro de Penélope, cujo papel no romance acaba sendo maior que se suspeita — é só uma das inúmeras referências à Grécia antiga, seus filósofos, poemas e ideais, incutidos na cabeça de uma Penélope criança por seus pais hiperintelectualizados. Importante dizer, isso não é feito com peso. As descrições de Hidalgo frequentemente têm beleza incomum, a leitura é quase sempre leve e a escrita, mesmo quando pesa nas referências, tende a ser brincalhona — em alguns casos, até demais.

O primeiro incômodo com esse ponto veio quando, num espaço de cinco linhas, descobri que o personagem Teco tinha um irmão gêmeo chamado Tico, e que esse irmão havia morrido tragicamente num acidente com a mãe dos dois, quando eram crianças. A dissonância de tom não me pareceu bem-vinda aqui, mistura tão flagrante piada boba e morte trágica. Embora com menos intensidade, isso volta a acontecer ao longo do romance, e

talvez derive do caminho desafiador escolhido por Hidalgo, que parece fazer o possível para contar de maneira engraçada e leve acontecimentos desagradáveis e trágicos. Embora essa mistura nem sempre funcione, o fato de que na maior parte do romance ela consiga fazê-lo com sucesso já é um feito. E isso não significa, claro, que em momento algum a autora fuja do tom divertido. O curto capítulo chamado *Tauromaquia*, por exemplo, retrata a repressão policial violenta a um protesto pacífico para contestar a eleição de Bolsonaro. Não há nada de engraçadinho aqui — embora o uso da palavra “contestar” seja um tanto infeliz por indicar que as manifestações buscavam derrubar o resultado democrático, e Hidalgo nunca mencione o nome de Bolsonaro, talvez para dar mais longevidade ao romance.

A participação de Penélope no episódio em questão, em que um policial a atinge com grande quantidade de spray de pimenta a curtíssima distância, deixando-a cambalear tateando seu caminho em meio à multidão que apanha e foge dos policiais, gera um vídeo viral, transformando-a num símbolo de luta, que de repente se vê vítima de ameaças de neonazistas e fascistas, de desrespeito dos próprios vizinhos e ataques à biblioteca onde trabalha. Tudo isso, curiosamente, não parece ter peso tão grande para Penélope. A leveza da personagem tem total coerência com a do texto que narra sua história, e seu modo de tipificar as pessoas se encaixa perfeitamente bem aos interessantes personagens tipo que a circundam, cada um resumo de tantas pessoas que encontramos a nosso redor hoje em dia — o intelectual depressivo e incapaz de ação, o militar neoliberal e fascista, o jovem rico leitor de Marx e militante de esquerda, os corpos de academia que caminham pelas praias. Todos representados. Só existe um grupo de pessoas cuja representação me pareceu deixar um tanto a desejar.

## Presença x agência

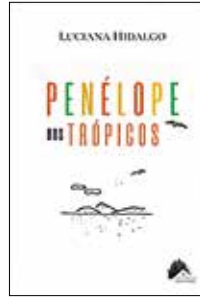
O último capítulo de **Penélope nos trópicos** começa com um trecho que me parece bastante esclarecedor:



## A AUTORA

### LUCIANA HIDALGO

É doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Vencedora de dois Jabutis, pela biografia **Arthur Bispo do Rosario - O senhor do labirinto**, e pelo ensaio **Literatura da urgência - Lima Barreto no domínio da loucura**, também é autora dos romances **O passeador** e **Rio-Paris-Rio**.



### Penélope nos trópicos

LUCIANA HIDALGO  
Editora do Silvestre  
211 págs.

## TRECHO

### Penélope nos trópicos

*Nos últimos anos passeatas têm servido de campo de prova para táticas estatais de guerra. Policiais militares mal distinguem um traficante com metralhadora na mão de um cidadão em protesto pacífico. Nem leem o que manifestantes escrevem nos cartazes aos quais se apegam ferozmente, como naufragos agarrados a pedaços de madeira flutuantes em alto mar.*

*Nada nesse mundão-de-meu-zeus é mais comovente do acompanhar humanos cumprindo seus Destinos [...] Para os deuses, acocorados nos píncaros dos mundos, é uma diversão observá-los, desde que a uma distância higienicamente segura.*

O trecho acima me remeteu a outro momento, bem mais próximo do início do livro, quando Penélope comenta sobre a maneira como ela e Teco “assistiam”, num sentido só da palavra, aos moradores da favela que viam do alto do prédio onde moravam. Nesse trecho, além de despejar uma gênese um tanto apressada e descuidada do tráfico nos morros, a narração coloca Penélope na mesma posição do deus que a protege. A favela, para Penélope, é obsessão, tema de sua monografia, algo a que ela assiste o tempo todo — embora nunca visite ou sequer interaja com qualquer morador de lá. É, basicamente, um objeto de caridades imaginárias.

Infelizmente, o que chama a atenção como ponto fraco do livro é uma espécie de elitismo intelectual. Existem, aqui e ali, alguns personagens humildes, de origem pobre, sem muito estudo ou leitura, mas a fala deles nunca é relevante. O único personagem pobre que tem qualquer agência dentro do livro é Severino, clara referência a João Cabral, que numa noite de fúria com o emprego miserável e insalubre, que o obriga a viver em cômodo subterrâneo na garagem do prédio onde Penélope mora, arrebenta o carro de diversos moradores e foge. Detalhe: Severino faz isso depois de aprender com uma caridosa moradora a ler, além de algo de filosofia, deixando escrita na parede a frase “Penso, logo existo”, famosa afirmação de Descartes. O acontecimento do poder emancipatório e revolucionário da educação, mas me soou quase como reforço desse elitismo intelectual que se mostra, em vários momentos, nas entrelinhas do romance.

Concordo, sem dúvida alguma, que leitura e a educação têm sim relevância e capacidade de impulsionar ações ou mudar destinos; e não acho, como tantos, que a literatura e o estudo dos clássicos, sejam literários ou filosóficos, não têm nada a acrescentar à nossa compreensão do mundo ou a auxiliar em nossa tomada de decisões práticas — pensasse assim, não escreveria resenhas literárias. Mas o romance de Hidalgo hipervaloriza essas ideias. Penélope, em certo momento, afirma que uma das coisas que levam pessoas a fazerem barbaridades é “aquela mediocridadezinha básica”, o que, ao que o livro parece indicar, se refere à inferioridade intelectual. Sua proposta de manifestação é uma em que todos levam um livro e leem o que quiserem em voz alta, numa cacofonia sem direção. Penélope nunca inclui ou considera em seus planos e ideias as maiores vítimas da desigualdade e da repressão contra as quais ela deseja se manifestar, a não ser como motivos abstratos de seus feitos, sem ação ou palavra, vítimas do ativismo dessa personagem que se deseja mitológica. A manifestação que citei acima é exemplo disso, à medida que chama a atenção para a importância da leitura, mas o faz de modo que impede qualquer analfabeto de participar dessa mesma luta.

Antes de concluir, peço que não leiam o trecho acima e entendam que o livro é culpado do maior elitismo já visto. Talvez, no ato de selecionar trechos para exemplificar meu entendimento da obra, eu passe a impressão de que esse problema é maior do que de fato é, e, embora seja relevante, especialmente considerando tema e contexto, o que você lê acima são algumas palavras e acontecimentos que se espalham ao longo de centenas de páginas. É uma questão importante, mas não é a única. O livro vale muito a pena, e acerta nas críticas que faz ao fascismo, ao neoliberalismo e à repressão policial.

No fim, fico com a sensação de uma obra com críticas fortes e necessárias, por vezes, infelizmente, acompanhadas de uma visão afim à do filantropo que doa milhões para um país que passa fome — mas quer supervisionar e decidir pelos habitantes como esse dinheiro deve ser investido, questionando a capacidade de pessoas “menos esclarecidas” de entender e agir da melhor maneira para sanar a própria necessidade. 🗣️

# Tragédia bem-humorada

Com leveza e construção perfeita, novo romance de **Martha Batalha** traz um personagem atormentado e o Brasil em plena ditadura

ANA CRISTINA BRAGA MARTES | SÃO PAULO - SP

Joel é um repórter aposentado, um homem cético e fracassado até quando tenta o suicídio. Este episódio inicial dá o tom tragicômico do enredo e do protagonista de **Chuva de papel**, novo romance de Martha Batalha. Com a ajuda de um amigo, Joel é acolhido no apartamento de uma senhora decadente como ele, num momento catastrófico: a pandemia. Sem poder sair de casa, ele recorre às lembranças para sobreviver no pequeno espaço em que fica confinado e adentra num novo universo social. Com o tempo, Joel se dá conta de que ainda é capaz de se arriscar e descobrir.

Nos dois romances anteriores, especialmente em **A vida invisível de Eurídice Gusmão** (2016), Martha Batalha mostrou que sabe contar uma história como poucos. Em **Chuva de papel**, o leitor vai comprovar o talento da escritora para conseguir prender a atenção do início ao fim do livro, sem recorrer a “truques literários” em voga. A história tem começo, meio e fim e segue uma ordem cronológica sem grandes saltos, ainda que a narrativa seja entrecortada por memórias da redação e das reportagens de rua, inclusive as publicadas na vida real, como a da mulher que morava numa árvore. Delírios, reminiscências e digressões em meio a fragmentos de cartas que não eram suas. Pelo tom espirituoso e intencionalmente dramático, seus personagens poderiam ser planos, não fosse o fato de que a humanidade é de uma complexidade infinita, e disso a autora não abre mão.

## O protagonista fracassado

Joel fez uma carreira como repórter de rua e agora é um homem solitário, velho e incrédulo, que só “acredita em bife a cavalo e contas pagas”, muito embora, ao longo da vida, tenha sido capaz de admirar e de se apaixonar por mulheres imperfeitas. Um repórter à moda antiga, que começou a carreira em um jornal no Rio de Janeiro há cinquenta anos e que já era repleto de problemas nunca resolvidos. Joel sempre trabalhou em jornais ávidos para explorar a tragédia humana tal como a mídia faz ainda hoje. Sua vida não tinha nada de óbvio, quer se tratasse de empregos, casamentos (Eliane, Regina, Matilde, Cristina, Solange, Beatriz, etc.), filhos, amantes, amigos. Joel era “capaz de dar a um bolinho massudo o gosto singular de um passado intrincado”.

O início de sua carreira jornalística foi como foca do jornal *Luta Democrática* e depois, nos anos 70, tornou-se repórter no *Jornal do Brasil*. Mas os encontros no bar após o fechamento da redação era o que Joel mais gostava, ou então ir para a rua e ver a coisa toda acontecendo, e ele se metendo ali no meio, recebendo respostas a tudo o que quisesse saber, ainda que restassem poucos minutos de vida para o entrevistado. Joel era capaz de registrar detalhes íntimos da decadência humana.

O suicídio, que Joel levou um bom tempo planejando, foi impedido por uma Kombi estacionada na frente do prédio que escolheu para se jogar. O proprietário da perua não se cansará de correr atrás dele para cobrar o conserto na lataria que Joel nunca terá como pagar. Socorrido, passou vários dias hospitalizado e, um pouco antes de receber alta, a enfermeira responsável pediu para trocar de paciente porque não aguentava mais tanta conversa mole e safadeza.



DEVIN STINSON

## A AUTORA

### MARTHA BATALHA

Nasceu no Recife (PE) e cresceu no Rio de Janeiro (RJ). Estudou jornalismo e fez mestrado em literatura brasileira na PUC do Rio e em editoração na Universidade de Nova York. Foi repórter nos jornais *O Dia*, *O Globo* e *Extra*. Trabalhou no mercado editorial norte-americano até optar pela carreira de escritora. Seu primeiro romance, **A vida invisível de Eurídice Gusmão** (2016), foi publicado em diversos países e transformado em filme. Em seguida, publicou **Nunca houve um castelo** (2018). **Chuva de papel** é seu terceiro romance. Atualmente, é colunista de *O Globo* e vive na Califórnia (EUA).



### Chuva de papel

MARTHA BATALHA  
Companhia das Letras  
222 págs.

## TRECHO

### Chuva de papel

*ele se despede das mulheres que parecem ser a mesma, dos filhos que são os mesmos. Da massa humana produtora de histórias, que se acredita singular nas narrativas. Ele foi um grande repórter. Conheço o Rio como as pessoas conhecem o contorno das unhas (...) o jornal contou muita cascata, serviu de palanque para o dono criminoso, mas qual jornal no Brasil não foi parcial ou panfletário? Ainda assim, ali tinha verdade.*

*A outra enfermeira despejou a notícia como bofetada, sem nenhum afago linguístico que abrandasse o abandono.*

Esta frase ilustra o poder de concisão da escrita da autora. Martha Batalha, que já foi jornalista, faz uso da sua própria vivência e da experiência de outros jornalistas para compor o roteiro e as histórias sobre o que significava ser repórter naquela época, como funcionava a redação de um jornal, como distorcer os fatos para escrever uma boa matéria, como era a definição e o fechamento da pauta na busca e seleção de um título apelativo, exagerado, mas capaz de vender jornal.

## Um outro mundo

Graças a um ex-colega de redação, assim que deixou o hospital, Joel foi morar de favor no apartamento de uma senhora. Joel não entendia o porquê de tanta generosidade, até o ex-colega explicar que era apenas uma retribuição à ajuda que havia recebido. Joel não se lembrava, não era um homem afeito a recordações afetuosas, medalhas de solidariedade no peito.

O apartamento, no bairro da Tijuca, já havia sido sofisticado, com carpas e vitória régias no pequeno lago de água da entrada. Com mobiliário gasto e tapeçaria puída, tudo no apartamento combinava com o tempo em que a geladeira ainda precisava ser descongelada.

Os diálogos, verossímeis e potentes, não são substituídos pelo discurso indireto livre. As pessoas conversam de verdade, cada um com a sua dicção, seu repertório e seu jeito de falar. Este é outro ponto alto da linguagem do romance. Uma das personagens diz que estava aprendendo a falar como os cariocas: “tom elevado, belicoso, com energia intensa e fugaz e uma lógica de fogo de palha, que se acendia e queimava em cada frase”.

Assim como o apartamento e os diálogos, tudo é particularizado, único e, ao mesmo tempo, trágico e bem-humorado. O mesmo se dá com os personagens. O confinamento forçado pela pandemia tira Joel das ruas e o obriga a dividir todo espaço físico e social com uma mulher desconhecida, Glória, e a vizinha Janete, cujos chihuahuas não paravam de latir. Os pertences e as histórias sobre a ausente e misteriosa Cláudia, filha de Glória, atçam a veia de repórter de Joel, assim como a vida da própria Glória, “a aroçoça que nunca decolou”.

O tom trágico do livro combina com a decadência generalizada. É tocante o episódio triste e terno em que o menino de rua, Totó, que colaborava com Joel passando informações, depois de engravidar a menina que amava, foi recolhido das ruas, rendido como um animalzinho, por causa de uma reportagem da qual Joel se arrependerá de ter escrito.

## Declínio contínuo

Em 2 de abril de 1964, ou seja, no dia seguinte ao golpe militar, o jornal *O Dia* publicou em suas páginas:

*A população de Copacabana saiu às ruas, um verdadeiro Carnaval, saudando as tropas do Exército. Chuvas de papéis picados caíam das janelas dos edifícios enquanto o povo dava vazão, nas ruas, ao seu contentamento.*

O proprietário deste jornal era um político antigo, Chagas Freitas. Inicialmente ademarista, aderiu prontamente aos militares, e foi nomeado duas vezes governador (1971 a 1975; 1979 a 1983). Este é o contexto em que se dá o auge de carreira de Joel numa cidade já decadente, com esquadrão da morte, ditadura miliar e jornais adesistas e manipuladores. Mas a chuva de papel aludida no livro é outra. É o ritual da redação para celebrar o fim de ano jogando pela janela recortes de jornal.

A cidade ainda era bonita, e no Brasil ainda se vendiam jornais com artifícios muito semelhantes àqueles utilizados atualmente pela mídia. Nesse sentido, o livro expõe, de um lado, o conluio, os interesses entrelaçados embora nunca assumidos, entre a política e a imprensa. E de outro, a manipulação e a crescente falta de compromisso entre os fatos e o conteúdo publicado nos jornais com o simples propósito mercadológico. 🗞️

# No centro e fora do espelho

Popularidade de **Annie Ernaux** e nova edição de clássico de **Cristovão Tezza** colocam autoficção novamente em evidência

BRUNO INÁCIO | UBERLÂNDIA - MG

O Nobel de Annie Ernaux e a passagem da autora pelo Brasil, no ano passado, parecem ter contribuído para reacender nos leitores o interesse pela autoficção. E não é para menos: além da escrita concisa e da capacidade de explorar com sensibilidade temas complexos, a francesa recorre a um tom confessional que convence, provoca e instiga. Ao fim de cada obra, as perguntas a respeito do que é verdade e o que é ficção passam pela cabeça de muitos, embora outros defendam que isso, na verdade, pouco importa.

A escritora, por sua vez, não teme assuntos delicados. **O acontecimento**, um de seus livros mais populares, traz à tona a história de um aborto clandestino feito em 1963, quando Annie Ernaux tinha 23 anos de idade. **O jovem**, que chegou ao Brasil no fim do ano passado, fala sobre o envolvimento da autora com um rapaz 30 anos mais novo. Já **Paixão simples**, publicado pela primeira vez em 1992 e relançado recentemente no país pela Fósforo (a primeira edição é da Objetiva), aborda o relacionamento que ela — já divorciada e mãe de dois filhos — teve com um homem casado.

Para escrever seus livros, Annie Ernaux recorre a diários, memórias e fotografias. Essas últimas, inclusive, aparecem nas capas e nas páginas de suas obras, o que, evidentemente, reforça a ideia de que suas palavras contam histórias verídicas em cada um dos detalhes narrados.

Essa forma tão específica de escrever, em que verdade e ficção se misturam, se atropelam e se confundem, não é uma novidade. Annie Ernaux pode ter inaugurado um novo espaço para a autoficção, mas foi outro francês, o professor e escritor Serge Doubrovsky, o responsável por utilizar o termo pela primeira vez, em seu romance **Fils**, lançado em 1977.

O neologismo já aparece em uma citação na contracapa do livro:

*Autobiografia? Não. Esse é um privilégio reservado aos grandes desse mundo, no crepúsculo da vida, e num belo estilo. Ficção, de eventos e de fatos estritamente reais, por assim dizer, autoficção, por se haver confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora dos limites da sensatez e da sintaxe do romance, tradicional ou novo.*

Há, no entanto, um debate em torno disso, já que seu conterrâneo Philippe Lejeune alega que suas pesquisas feitas no início dos anos de 1970 já esboçavam o que viria a ser chamado de autoficção.

De uma forma ou de outra, ambos defendem que o autor ou a autora tomem para si o papel de personagem em uma trama híbrida que se estrutura a partir de fatos, mas que não tem a obrigação de se comprometer com a veracidade. Difere-se, portanto, da autobiografia, gênero que estabelece um pacto com a verdade (ou, ao menos, com a própria versão do autor), ainda que em alguns casos utilize uma linguagem mais próxima da literatura que do jornalismo.

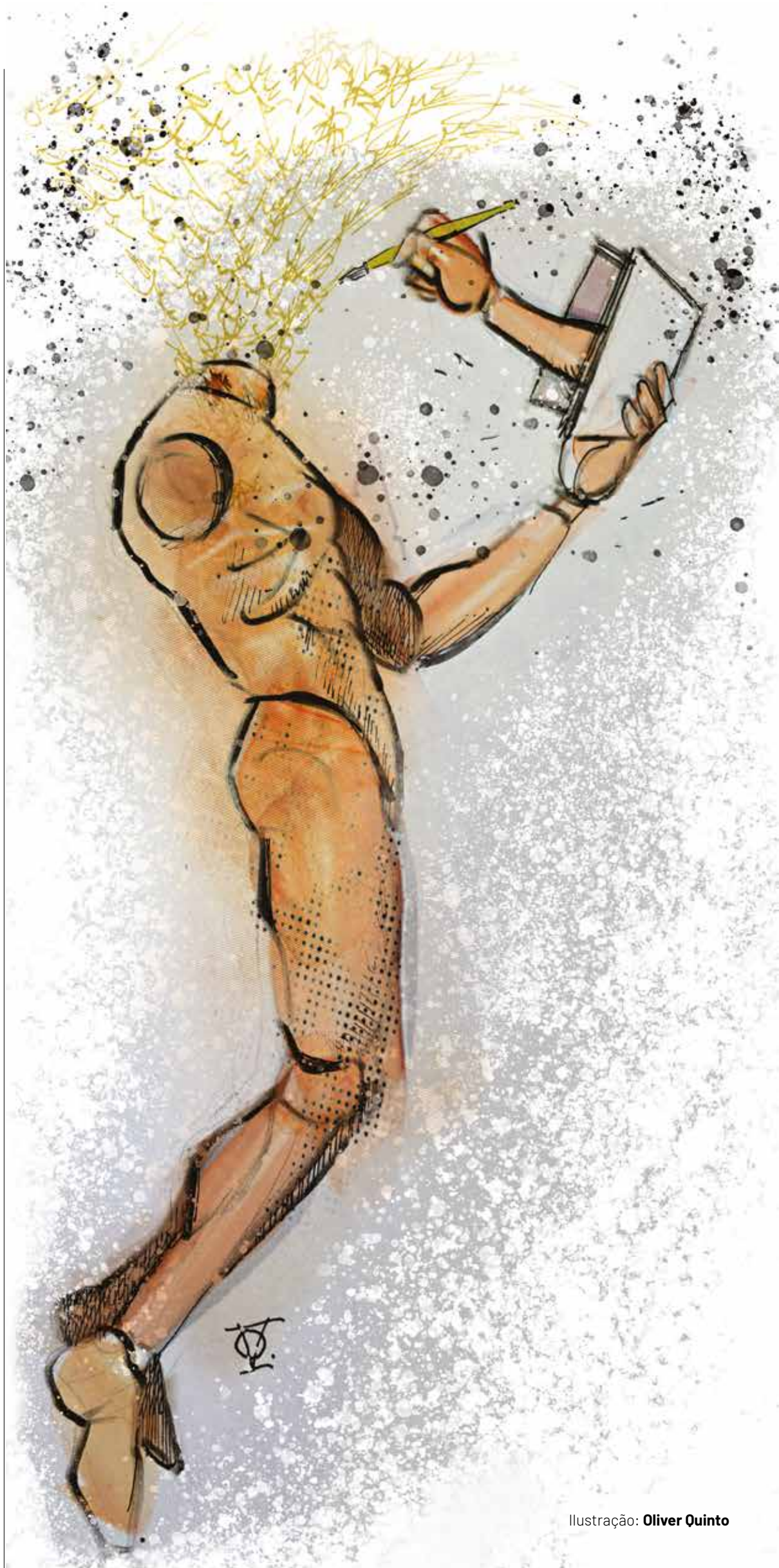


Ilustração: **Oliver Quinto**

Serge Doubrovsky, inclusive, chegou a estabelecer algumas normas para que uma obra pudesse ser considerada autoficção, entre elas, ser narrada em primeira pessoa e ter um protagonista que compartilhe o nome do autor. Com o passar dos anos, entretanto, algumas autoficções quebraram essas barreiras, ao omitir o nome do personagem e/ou serem escritas em terceira pessoa.

## O filho eterno

Um dos exemplos em que isso acontece é **O filho eterno**, de Cristovão Tezza, livro que acaba de ganhar uma nova edição pela Record, com prefácio de Sérgio Rodrigues. A narrativa gira em torno do nascimento de uma criança com síndrome de Down e traz paralelos entre o protagonista e o autor: ambos são escritores e pais de um menino chamado Felipe, que nasceu nos anos 1980, com síndrome de Down.

Vencedor de importantes prêmios literários, como o Jabuti, o Portugal Telecom, o Bravo! e o São Paulo, o livro está entre as principais obras da literatura brasileira contemporânea e se destaca por evitar lugares-comuns ao abordar o tema.



Na contramão à visão romântica ou simplista da síndrome de Down, Cristovão Tezza apresenta como protagonista um pai que se desenvolve pouco a pouco, à medida que experimenta novos sentimentos (os bons e os ruins) e passa a aceitar a criança como seu filho.

A trama começa na ida do casal para o hospital e ganha novo tom a partir do momento em que os médicos — solenes e abruptos — anunciam que o recém-nascido tem síndrome de Down. A partir daí, o autor utiliza linguagem direta, crua e explícita para evidenciar a negação, a raiva, a revolta e a vergonha experimentadas pelo protagonista.

Porém, conforme a narrativa avança, as dificuldades passam a dividir espaço com as conquistas iniciais de Felipe, como os primeiros passos e a ida à escola. Nesse cenário, o personagem central identifica falácias relacionadas à síndrome de Down (algumas muito comuns na década de 1980, até mesmo no campo da medicina) e vê, enfim, o amor pelo filho surgir e crescer.

### Autoficção à brasileira

Além de **O filho eterno**, são muitas as obras literárias brasileiras de autoficção, passando por nomes como Chico Buarque (**O irmão alemão**), João Gilberto Noll (**Berkeley em Bellagio**), Ricardo Lísias (**O divórcio**), Carlos Henrique Schroeder (**História da chuva**), Michel Laub (**Diário da queda**) e Luiz Rufatto (**Flores artificiais**).

Outro grande nome da literatura brasileira que passa pela autoficção é Bartolomeu Campos de Queirós. O autor abordou a própria infância não só em livros infantojuvenis, mas no poético **Vermelho amargo**, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura. Na obra, a escrita delicada do autor estabelece o desamparo provocado pela recente morte da mãe e, ao mesmo tempo, contrapõe a violência da personagem da madrasta.

Em **Vermelho amargo**, Bartolomeu Campos de Queirós utiliza figuras de linguagem de forma precisa, mergulha em traumas de infância e encontra na escrita poética um mecanismo capaz de elucidar e ressignificar tudo aquilo que insiste em doer.

Outra forma de violência, essa bem diferente, aparece como plano de fundo em **K.: relato de uma busca**, de Bernardo Kucinski, narrativa sobre um pai à procura da filha desaparecida durante a ditadura militar brasileira. Aqui, a personagem da filha recebe o mesmo nome da irmã do autor (Ana Rosa Kucinski Silva), uma ativista que realmente desapareceu durante os anos de chumbo do regime autoritário.

No romance, é o silêncio da população diante do desaparecimento dos presos políticos um dos principais desafios encontrados pelo protagonista, que pouco a pouco vai perdendo a esperança de um final feliz. **K.: relato de uma busca** é sobre traumas e acontecimentos que jamais deveriam ser minimizados ou, pior, esquecidos, pois como coloca o próprio autor, “Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu”.

Quem também parte de uma busca para iniciar uma história é JP Cuenca em **Descobri que estava morto**, vencedor do Prêmio Fundação Biblioteca Nacional de Romance. Em 2011, o autor recebeu a notícia de que um cadáver havia sido identificado pela polícia com sua certidão de nascimento, o que o levou a fazer uma extensa investigação a respeito desse fato, no mínimo, sombrio.

A linguagem direta de Cuenca tem ritmo acelerado e constrói uma trama intensa, capaz de prender a atenção e fazer com o que leitor tente — quase sempre sem êxito — prever o próximo passo, a próxima reviravolta.

Já um caso bastante peculiar é **O que é isso, companheiro?**, de Fernando Gabeira, livro de difícil definição, uma vez que é um romance que se compromete a relatar o que, de fato, aconteceu quando um grupo da luta armada durante a ditadura (do qual Gabeira fazia parte) sequestra o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, para negociar a liberdade de presos políticos.

A obra parece não se enquadrar como um romance de autoficção e nem mesmo como um livro-reportagem e, por isso, tem sido chamado de romance-depoimento, termo bastante específico, mas que aqui parece bem utilizado.

### Literatura e perda

Outro tema recorrente na autoficção é o luto. Em **Ribamar**, de José Castello, vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Romance, o narrador mergulha nas lembranças que tem do pai recém-falecido, na busca por um acerto de contas em meio a silêncios e memórias fragmentadas. A escrita sempre elegante de José Castello e os capítulos curtos ditam o tom de uma história sobre “ruínas que ferem mas não assustam”.

O romance, que, de certa forma, dialoga com **Carta ao Pai**, de Franz Kafka, intercala lembranças da infância e reflexões a respeito das lacunas presentes na relação entre pai e filho.

Em **Pai da menina morta**, vencedor dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti de Melhor Romance, Tiago Ferro parte da tragédia que vivenciou em 2016, quando sua filha faleceu, para compor um livro que utiliza a escrita fragmentada e é construído em seções que não se limitam a abordar os temas recorrentes do luto.

Além de ser uma obra corajosa, o autor é bastante inovador no que diz respeito à técnica literária, ao incorporar à narrativa mensagens no WhatsApp e Facebook, pesquisas no Google, listas e até mesmo formulários.

### Quantas versões tem um fato?

A espanhola Rosa Montero também escreveu sobre o luto em **A ridícula ideia de nunca mais te ver**, livro inspirado no diário escrito por Marie Curie após a morte de seu marido. Nas páginas do romance, a autora recorre a memórias e à intimidade para lidar com o falecimento de Pablo Lizcano, seu companheiro por 21 anos.

Porém, talvez seja uma provocação feita em **A louca da casa** a sua contribuição mais singular à autoficção. No livro, a autora conta três vezes uma mesma história sobre um jantar com um ator de cinema bastante famoso, identificado apenas como M. para preservar sua identidade. Em cada uma das versões, porém, o final é diferente — e não apenas nos detalhes, mas em todo o conjunto de acontecimentos narrados.

Assim, Rosa Montero “brinca” não só com os leitores, mas com o próprio conceito de autoficção ao construir uma narrativa a princípio confiável (já que a escritora cita datas, lugares e pessoas reais presentes nesse jantar) para depois oferecer três possíveis finais e alertar que, na verdade, pode ser que nenhum deles seja o verdadeiro.

A partir dessa simples provocação, a escritora deixa ainda mais evidente que o abismo entre a autoficção e a autobiografia vai muito além de técnicas literárias, pois passa, sobretudo, pelos limites entre o real e a criação literária.

### Controvérsias

Também por flertar com inúmeras possibilidades de equilíbrio entre o que aconteceu e o que foi inventado, a autoficção gera um interesse enorme entre os estudiosos do campo da literatura. Uma busca rápida na internet demonstra a quan-



### Paixão simples

ANNIE ERNAUX  
Trad.: Marília Garcia  
Fósforo  
64 págs.

A autoficção é sempre uma aposta arriscada, especialmente para os autores já consagrados, que têm pela frente a difícil tarefa de encontrar o equilíbrio entre a verdade e a criação e o limite entre a exposição pouco convincente e o narcisismo.



### O filho eterno

CRISTOVÃO TEZZA  
Record  
224 págs.

tidade de artigos, monografias, dissertações e teses produzidos sobre esse tema em universidades brasileiras nos últimos anos, com destaque para a literatura nacional.

Por outro, vale dizer que autoficção não é um termo unânime entre os escritores. Tiago Ferro e Michel Laub, por exemplo, já defenderam que esse tipo de literatura — em que a realidade e a ficção se misturam — na verdade se chama romance autobiográfico, gênero que existe desde muito antes de Serge Doubrovsky estabelecer as regras da autoficção.

O termo romance autobiográfico, por outro lado, além de ter muitas proximidades com o conceito de autoficção, limita a um só gênero literário a possibilidade de mesclar realidade e ficção, ao passo que isso também já tem ocorrido no conto. O guatemalteco Eduardo Halfon, por exemplo, tem histórias curtas autoficcionalistas muito interessantes, com destaque para as que integram **O boxeador polaco**, lançado em 2008.

Halfon, que é professor universitário de literatura, traz muito desse mundo em suas narrativas, por vezes com ótimos exemplos do uso da metalinguagem. Seus contos, no entanto, não se limitam a tópicos do seu dia a dia como professor (como preparação de aulas, seminários e debates com alunos), pois também incluem temáticas ligadas a questões familiares, como no conto que dá nome ao livro, em que Halfon aborda a tática que seu avô teria utilizado para escapar de Auschwitz.

### Apenas um rótulo?

Desde que surgiu na França, nos anos de 1970, com Serge Doubrovsky e Philippe Lejeune, a autoficção passa por períodos de oscilação, tanto no que se refere à quantidade de obras produzidas quanto no que diz respeito à qualidade das mesmas. Contempla desde livros descartáveis até importantes obras literárias brasileiras e internacionais, ainda que muitos autores prefiram evitar o termo ou colocá-lo como mero rótulo criado para agrupar livros em “caixinhas”.

De qualquer forma, o exercício de aproximar a ficção da realidade e mantê-las juntas num mesmo espaço é um interessante recurso, que, assim como todas as outras formas de se fazer literatura, exige coragem, sensibilidade e, acima de tudo, algo próprio. Afinal, apenas se colocar como personagem não é receita de sucesso, muito menos garantia de qualidade literária.

É por isso que a autoficção é sempre uma aposta arriscada, especialmente para os autores já consagrados, que têm pela frente a difícil tarefa de encontrar o equilíbrio entre a verdade e a criação e o limite entre a exposição pouco convincente e o narcisismo. Tudo isso exige sutileza, técnica, paciência e, acima de tudo, foco para que o enredo não sirva como mero recurso para uma vingança contra familiares, amigos ou interesses amorosos. ❶

**alcir pécora**

CONVERSA, ESCUTA

Boris Groys  
por **Dê Almeida**

## BORIS GROYS EM COIMBRA (2)

Nesta coluna, finalizo a apresentação de *Philosophical conversations – Towards self-design*, de Boris Groys, filósofo e crítico de arte russo, que inaugurou, em 2023, a *Coleção Humanidades* da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Como deixa ver o título, este novo livro de Groys trata sobretudo da noção de *self-design* [autodesignação], que ele entende em oposição direta à crença de que as subjetividades individuais dos artistas ou filósofos são naturalmente interessantes. Para ele, subjetividades só se tornam relevantes quando se redefinem *contra* as imagens já feitas pela sociedade, pela burocracia, o *status quo* etc. O que também implica dizer que o *self-design* apenas tem início quando o artista postula um novo começo para si, distinto daquele já dado pelo nascimento cívico ou pelo grupo social.

Nesses termos, a ação de *self-design* é muito diferente da que é concebida por uma perspectiva liberal que parte da ideia de origem e fixa a identidade a partir daí, inscrevendo-a num sistema pré-estabelecido. Para Groys, começar da origem dada

é sempre começar tarde demais e estar condenado a ser “pós” alguma coisa. Na contramão da adesão à origem, a noção de *self-design* tem como exigência incontornável a disputa imagética travada exclusivamente dentro do legado cultural que constitui o campo artístico ou filosófico, o que nada tem a ver com a crença íntima de encontrar algo novo ou original dentro de si.

Esse ponto da disputa de imagens no campo da cultura leva a outro, fundamental para Groys: a exigência de autodesignação é, a rigor, imaginária, uma vez que arte e filosofia são jogos de linguagem com regras próprias, dos quais ninguém está obrigado a participar: trata-se de um tipo de jogo cultural que se trava entre pessoas que não estão absolutamente obrigadas a jogá-lo.

Como as exigências são imaginárias e dizem respeito à busca artificial — isto é, mediante a arte —, de um valor duradouro, ou “imortal”, outra maneira de definir o *self-design* é pensá-lo como efeito de uma política consciente para lidar com os mortos. Isto é, pensá-lo como um jogo “espectral” que obriga o artista/ filósofo a entrar em contato com os mais destacados autores do seu campo — o que inclui, em primeiro lugar, os autores já mortos que se tornaram decisivos dentro dele. Vale dizer, os artistas/ filósofos que desejam gravar a sua imagem no campo da cultura estão obrigados a se posicionar tão bem nele como o fizeram os mortos que se tornaram imortais.

E se é certo que a imortalidade adquirida pelos mortos em suas obras, imagens, teorias, linguagens etc. impede a exclusão deles do espaço simbólico da arte ou da filosofia, uma operação eficaz de *self-design* está obrigada, por assim dizer, a adotar o ponto de vista dos mortos. O que, uma vez mais, repõe a ideia-chave de Groys de que a atividade artística, assim como a filosófica, orienta-se pela universalidade do fim, não pela particularidade da origem.

Ao insistir, porém, na questão da universalidade, Groys entra destemidamente em terreno minado e critica as reivindicações liberais operadas em termos de oposições que não consideram a base produtiva e material da sociedade. Isto porque, segundo diz, elas tenderiam à substituição de uma “solidariedade horizontal” entre os pobres por uma “solidariedade vertical” entre membros de quaisquer grupos considerados minoritários no âmbito de uma sociedade desigual. E quando essa substituição se efetua, ocupar uma posição dominante dentro do sistema de classes é indiferente e até admirável — como seria o caso, por exemplo, de uma mulher que conseguisse ocupar um cargo de CEO de uma empresa que participa do processo de acumulação de riqueza para os ricos. Ou seja, o processo de identificação verticalizada, entre membros de grupos minoritários, longe de ser revolucionário, apenas desmaterializaria as relações de classe, como qualquer outra operação do pragmatismo capitalista.

E se Groys critica as formulações identitárias onipresentes nos estudos contemporâneos, é igualmente crítico de vertentes do pensamento ecológico, em que, nas suas palavras, o “Antropoceno funciona como Satã, na última etapa antes do Apocalipse”. Para ele, esse tipo de discurso é sobretudo efeito de períodos de abundância e paz em que o perigo é projetado literalmente no lixo, e não nos arsenais nucleares e nos confrontos

militares que são ainda a questão crucial de nossos dias.

A propósito, registro que, nas conversações deste livro, ocorridas antes de eclodir a atual guerra da Ucrânia, Groys já a dava por certa, assim como o seu alastramento. Dá pena que a publicação do livro não tenha saído antes para que ele pudesse ter recebido o mérito da acuidade de sua análise.

Enfim, a partir dessa maneira dura de lidar com alguns dos consensos atuais mais abrangentes das áreas de Humanidades, evidencia-se também o tipo de estratégia reflexiva aplicada por Groys às grandes questões contemporâneas: ele desqualifica os pressupostos edificantes do liberalismo associados à defesa de comunidades restritas ou “bolhas” da internet, e agrava os conflitos materiais e de classe que permanecem decisivos em termos globais.

Na mesma direção antiliberal, mas também antipopulista, Groys discorda da aplicação indeterminada de termos como “fascista” ou “nazista” aos atuais governos de ultradireita, assim como aos movimentos de massa anti-imigrantistas, pois lhes faltaria um projeto de expansão territorial imperialista — aspecto que estaria no cerne desse tipo de ideologia. Para ele, não passam de governos e movimentos conservadores, reacionários, depressivos e defensivos, que se enxergam como *losers* numa batalha contra a elite globalizada.

Sendo assim, para Groys, não haveria sequer como tomar partido entre as duas facções dominantes nos dias de hoje sem perder integridade intelectual: como escolher entre o nacionalismo reacionário e a ação de rapina da elite global endinheirada, vulgarmente conhecida como “mercado”? Ainda mais porque, no fundo, são aos próprios magnatas do mercado que os ultranacionalistas apelam, cobrando apenas para que tomem conta deles, enquanto trucidam os demais. De minha parte, aliás, acrescentaria um “vice-versa”: o mercado é quem mais incentiva a patriotada farsesca, a fim de passar a boiada sobre leis e ações dos setores mais críticos ao liberalismo.

Outro aspecto característico da posição de Groys é que, para ele, não há mecanismo político mais opressivo do que o do horizonte nostálgico da pequena comunidade, onde a partilha de valores é obrigatória. Lembro-me de um antigo texto seu no qual ele diz que não há nada mais parecido entre si do que as danças folclóricas dos mais longínquos rincões do planeta. E vai sem dizer que, para ele, a solidariedade das comunidades não tem qualquer eficácia contra o capitalismo internacional, ação que demandaria a mobilização de instituições políticas de escala mundial.

Não são posições simpáticas nos dias que correm. ●

# Diário que liberta e assombra

**Caderno proibido**, de Alba de Céspedes, reflete sobre o que estava vedado às mulheres de ontem e sobre as possibilidades e desafios de hoje

LÍVIA BUELONI GONÇALVES | SÃO PAULO - SP

Em **Caderno proibido** (1952), um dos principais romances da italiana Alba de Céspedes, acompanhamos cerca de seis meses na vida de Valeria Cossati, ou melhor, lemos o que ela escreve neste período. O livro que temos em mãos é o diário da protagonista, o tal “caderno proibido” do título. Na primeira entrada do diário, Valeria, uma mulher de classe média na casa dos quarenta anos, diz: “Fiz mal em comprar este caderno, muito mal. Mas agora é tarde demais para lamentar, o estrago está feito”.

A sensação de perigo que o caderno representa segue a protagonista ao longo de todo o romance, afinal, é através da escrita diarística que ela acaba por fazer uma análise de sua vida, refletindo sobre seu casamento, a maternidade, o emprego, a relação com os filhos e principalmente, a situação da mulher à época (estamos nos anos 50 do século passado).

Valeria vai se dando conta dos caminhos que a levaram ao momento em que está — a mulher que cuida de todos mas se sente despojada de sua própria interioridade e seus desejos, simplesmente seguindo o que era considerado natural para as mulheres de sua geração. Deste ponto de vista, o caderno é devastador pois joga em sua vida uma luz antes inexistente, trazendo questionamentos e angústias. Não é à toa que ela está o tempo todo tentando escondê-lo de seus familiares e considerando a possibilidade de destruí-lo. Aquelas páginas passam a ser o único espaço em que ela se expõe abertamente, uma terapia por meio da escrita. Ao buscar esconderijos para seu caderno, Valeria lamenta o fato de não ter um espaço só seu, um lugar de introspecção dentro do ambiente doméstico em que pudesse ficar em paz para escrever:

*Seja como for, tenho quarenta e três anos e me parece vergonhoso recorrer a subterfúgios infantis para escrever num caderno. Por isso, é absolutamente necessário que eu confesse a Michele e aos meninos a existência deste diário e afirme meu direito de me fechar num aposento para escrever quando tiver vontade.*

## Autonomia e independência

O desejo de Valeria de se isolar para escrever acaba ecoando o famoso ensaio de Virginia Woolf, **Um teto todo seu**. Neste conhecido texto, baseado em duas palestras que Woolf proferiu em 1928, a autora modernista diz que uma mulher precisa de duas coisas se quiser se tornar uma escritora: dinheiro — 500 libras por ano é a quantia citada por Woolf à época — e um espaço próprio dentro de casa onde possa, sem interrupções e distrações, se dedicar a seu próprio trabalho. Por trás desses dois itens há a defesa da autonomia e da independência da mulher, ideias conflituosas para Valeria, pois ela se encontra muito identificada com o papel social que assumiu dentro do contexto da época. Embora a protagonista não pretenda se tornar uma escritora profissional, ela acaba exercendo essa atividade pois o romance que lemos é seu diário. A menção a Woolf é pertinente pois é apenas pelo isolamento e pela escrita que Valeria encontra um lugar próprio e passa a ser capaz de analisar sua vida. No entanto, ainda que a prática diarística lhe forneça esse lugar de reflexão e liberdade, na vida cotidiana, Valeria se vê cada vez mais enredada nas funções esperadas para uma mulher da época.

Apesar de ter um emprego por conta das dificuldades financeiras da família — o que a diferencia de suas amigas —, Valeria só é vista pelas lentes da mãe e dona de casa (é sintomático que seu marido a chame de “mamãe”). Há um choque geracional bastante explorado no romance, especialmente na relação entre Valeria e sua filha. Mirella comporta-se de um modo inadmissível para a mãe: costuma chegar tarde em casa e envolve-se com um homem casado. Mais adiante, arruma um emprego em um escritório de advocacia e começa a estudar para se tornar advogada. Valeria preocupa-se com a reputação da filha e questiona suas atitudes. Há constantes embates entre as duas, mas também momentos de compreensão e admiração. Mirella tem ideias próprias e gosta de defendê-las, representando uma mudança na forma de uma mulher se posicionar no mundo, o que assusta Valeria. No que se refere ao papel da mulher, tema mais relevante do romance, a protagonista constantemente reflete sobre sua mãe e sobre sua filha, vendo-se em um espaço de solidão:

*Sinto tudo em mim confusamente e não posso falar disso com minha mãe nem com minha filha, porque nenhuma delas compreenderia. Pertencem a dois mundos diferentes: um que acabou, junto com aquele tempo, e o outro que nasceu dele. E em mim esses dois mundos colidem, fazendo-me gemer. Talvez seja por isso que muitas vezes me sinto desprovida de consistência. Talvez eu seja somente essa passagem, essa colisão.*

Quanto a outros pontos do enredo, é importante citar a personagem Clara, a única amiga de Valeria que não seguiu o roteiro padrão das mulheres da geração. Clara é divorciada, não tem filhos e trabalha no ramo do cinema. Valeria a admira. É o símbolo da mulher que teve a coragem de seguir uma alternativa nada comum à época. Outro tema de destaque é o *affair* que aos poucos se estabelece entre Valeria e seu chefe, Guido. É nesta relação que Valeria voltará a se sentir desejada como mulher. O caso entre os

dois é repleto de conflitos extensamente detalhados no diário. Quando Valeria finalmente começa a considerar uma viagem com Guido, a gravidez de Marina, namorada de seu filho, a aprisiona novamente no ambiente doméstico. Valeria terá que organizar o casamento, acolher a nora, e se preparar para a chegada do neto.

A trajetória de Valeria me remeteu ao conhecido conto *Amor*, de Clarice Lispector, publicado em **Laços de família** (1960). O contexto de época no que se refere ao papel da mulher guarda semelhanças com o romance e a protagonista Ana, no caso do conto, é uma dona de casa que se vê sem função quando o marido e os filhos não estão presentes. Ao sair para fazer compras, Ana se depara com um cego mastigando chicletes e tem uma espécie de revelação. A visão deflagra uma crise na protagonista clariceana, desestabilizando-a. Uma interpretação possível seria pensar que ela associa a escuridão experimentada pelo cego ao modo alienado com que vive a própria vida, em função dos outros e esquecida de si. No entanto, mesmo diante de todo o turbilhão interno experimentado por Ana na sequência, o conto termina com seu retorno ao lar, o preparo do jantar e o abraço do marido.

O movimento de Ana é semelhante ao de Valeria que, após todos os conflitos trazidos à tona pelo diário, decide queimá-lo para não correr o risco de voltar a enfrentar aquelas questões. É claro que a opção por se conformar não anula as reflexões anteriores da protagonista e um dos pontos fortes do romance é justamente o refinamento crítico com o qual ela analisa o que lhe acontece. No entanto, o diário mostra que ela não consegue encontrar uma saída para o que a angustia.

É curioso pensar que Valeria tem apenas 43 anos. Para os parâmetros de hoje, ainda haveria muita vida a ser vivida e riscos a se correr. Contudo, ela tem essa idade nos anos 1950, o que torna suas possibilidades bastante limitadas. Valeria Cossati é uma típica mulher de seu tempo, atravessada por circunstâncias históricas e amarras sociais que acabam por moldar sua forma de pensar e sua vida. A força de **Caderno proibido** está na capacidade de provocar essa reflexão em perspectiva, fazer com que pensemos sobre nossas mães, nossas avós, sobre o que estava vedado às mulheres de ontem e sobre as possibilidades e desafios que temos hoje. 🗨



## Caderno proibido

ALBA DE CÉSPEDES  
Trad.: Joana Angélica d'Ávila Melo  
Companhia das Letras  
286 págs.

## TRECHO

### Caderno proibido

*Esta noite eu também fiquei acordada, preparando alguns presentinhos para os meninos. Michele queria me fazer companhia e eu disse: “Não, obrigada, pode ir dormir”. Mas era porque, depois, eu pretendia escrever. Agora, por trás de qualquer coisa que eu faça ou diga, existe a sombra deste caderno. Nunca poderia acreditar que tudo o que me acontece ao longo do dia merecesse ser anotado. Minha vida sempre me pareceu meio insignificante, sem acontecimentos notáveis além do casamento e do nascimento das crianças.*



## A AUTORA

### ALBA DE CÉSPEDES

Citada por Elena Ferrante como uma de suas referências literárias, Alba de Céspedes (1911-1997) foi uma escritora italo-cubana. Com destaque para o retrato de personagens femininas, sua produção inclui contos, romances, além de trabalhos para o rádio, cinema, teatro e televisão. Além de **Caderno proibido**, publicou os romances **Ninguém volta atrás** (1938), **Dalla parte di lei** (1949), **A rebolona** (1967) e **Nel buio della notte** (1976). A escritora também se engajou na luta antifascista e fundou a revista *Mercurio*.

**nilma lacerda e maíra lacerda**  
CALEIDOSCÓPIO

# LYGIA BOJUNGA: A FACE POLÊMICA

O pescador contava umas histórias maravilhosas, boas de ouvir que só. A Morte andava a cavalo por aquelas paragens e gostava de galopar, deixando um vento forte atrás dela. No coqueiral, tinha uma folhagem rasteira que dava uma flor azul. Uma flor bonita, grande, que guardava dentro o Amor. A morte adorava a Flor e bem de longe ainda ordenava ao cavalo: “Não pisa naquela flor, que ela é minha”. Rafaela perguntava à Mariana se as histórias do pescador eram verdadeiras. Ao saber que não passavam de imaginação, ela foi colher a Flor Azul. Mas, aos poucos, se mostrará à menina a força e autoridade da narrativa que ouvira.

Sem necessidade de lembrar que somos seres simbólicos e hóspedes da permanente perplexidade, é bom atualizar que literatura se faz da falta, da busca interminável de sentido para a vida, com tudo o que traz de desespero e deslumbramento. Todavia, demandas sociais contemporâneas, entre as quais as formas líquidas do viver identificadas por Zygmunt Bauman, têm conduzido, em campos variados, ao consumo efêmero dos objetos, do cotidiano e também das obras de arte.

No caso da literatura, é comum encontrar enorme quantidade de produções descartáveis, atendendo ao apelo do momento. As gerações mais jovens vivem na esfera do imediatismo, o que é todo o contrário da literatura, manifestação que se funda na experiência, para a qual são necessários tempo e introspecção. Literatura permite vislumbrar liberdade, contemplar o abismo. Movidos pela emoção, vemos as personagens, perdidas em sua *hybris*, seu desequilíbrio, submeter-se ao julgamento e à penalidade devida. Édipo — para sempre. Enquanto formos humanos.

Lygia Bojunga tem obra franca e corajosa, antecipando-se às abordagens da *Coleção do Pinto*, publicada nos anos de 1980, por André Carvalho, na Editora Comunicação. A coleção lançou obras-primas de nossa literatura, como **O menino e o pinto do menino**, de Wander Piroli, **Xixi na cama**, de Drummond Amorim, **Cão vivo, leão morto – Era apenas um índio**, de Ary Quintella, **Pivete**, de Henry Correa de Araújo, dentre outras. Alguns dos temas abordados na coleção iriam se tornar banais, em consequência das revoluções comportamentais em curso; contudo, já

em 1972, com a publicação de **Os colegas**, Lygia trazia várias dessas questões, e outras que ainda são consideradas controversas. Feminismo, organização política, luta contra a injustiça social são os eixos temáticos da obra que aponta de forma decidida para a importância da arte como espaço de elaboração das complexas questões humanas.

Ao abordar a face polêmica de sua obra, é preciso conceituar o que são os temas delicados, fraturantes, ou, como preferimos, polêmicos. No Houaiss, polêmica é “discussão, disputa em torno de questão que suscita muitas divergências; controvérsia”. São polêmicos temas como violência, corrupção, sexo, morte, racismo, misoginia, suicídio, religião. Nessa condição, costumava-se restringir sua presença junto a leitores na infância ou na juventude, mas não junto a adultos, na medida em que a natureza da literatura é a própria comunicação do abismo humano.

Abismo que Rafaela enfrentou, sem qualquer aviso ou proteção, ao ver assassinado o amigo, por quem, tão menina ainda, se sentia apaixonada. Em meio a diálogos magistrais, a narração expõe o clima natural, violento e passional da vida, que culmina com um crime. Com uma delicadeza radical, **Nós três** expõe a solitária perplexidade da criança sobre o que ocorre.

Semelhante perplexidade atinge igualmente o pequeno protagonista e narrador de **Meu amigo, o pintor**. Cláudio se vê no desconsolo da morte de um grande amigo. As respostas sobre a causa dessa morte são contraditórias ou incompletas, “morreu [...] que nem todo mundo um dia morre”. Ao precisar compor sozinho o quebra-cabeças à sua frente, terá que lidar, sem auxílio, com as perguntas cruciais:

*Então tinha sido mesmo uma morte de propósito, mas por quê??*

*E por que quando é assim todo mundo faz mistério? e fala baixo? e fica até aparecendo que suicídio é palavra feita palavrão: por quê?!*

Em ambas as obras, mostra-se a potência do espaço onírico como organizador de conflitos, em atenção à ética que o indivíduo, em formação, mas pleno como ser, busca, enquanto humano. Todavia, há que considerar a inumanidade, também uma figuração pos-

sível. Nela, o Mal é soberano, o outro inexistente enquanto ente a ser respeitado. Tais os pontos centrais de **Seis vezes Lucas** e **O abraço**, de 1996. A figura de um pai cruel, sádico, e a cumplicidade da mãe, por omissão e passividade, fazem de Lucas um ser fragmentado, na primeira obra; na segunda, o foco está na atração da personagem central pelo indivíduo que a teria estuprado aos oito anos. A força do Mal não é negada ou escamoteada, mas reconhecida e deixada à elaboração da leitora.

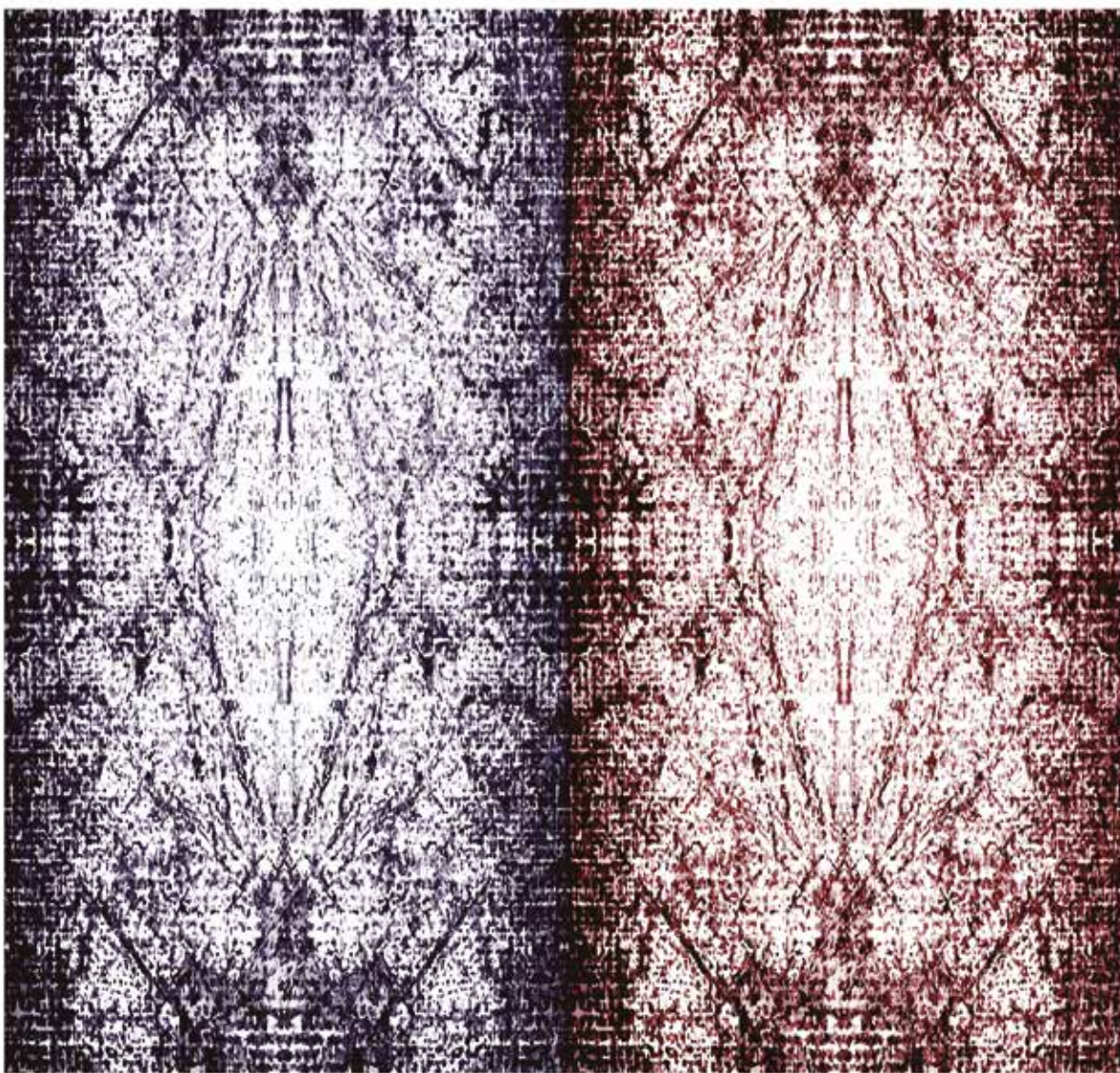
Essa leitora que deve, como fez Maria, em **Corda bamba**, abrir cada porta de sua história e revisitar o que aí se encerra, para poder construir a vida em sua nova perspectiva e seguir em confiança nos caminhos que escolhe. Escritora responsável pela formação de uma geração, ou mais, Lygia Bojunga fornece esteio a uma mentalidade, cujos pilares são independência feminina, franqueza, coragem política, indignação social. **A bolsa amarela** segue como emblema de uma infância que se lança à juventude mais livre quanto à forma de ser/estar no mundo e fortalecida nos desejos de vida futura.

Formado e atendido este público, Bojunga volta-se para o jovem adulto. **Retratos de Carolina, Aula de inglês, Sapato de salto, Querida** configuram-se com as permanentes linhas de força da autora: conflitos existenciais, sexuais, amorosos; prostituição infantil, adulta e a presença do duplo, ou máscara.

Sem panfletarismo e sem abandonar a confluência entre ética e estética, a autora não se furta a tratar desses temas considerados polêmicos, na visão de muitos dos que pretendem determinar o que crianças e jovens devem ou não ler em literatura. A onda iniciada ao final do século passado e que grassa hoje de forma perigosa, caldo de obscurantismo, fundamentalismo e controle político — responsável por expurgos de obras de bibliotecas e escolas — é séria ameaça à liberdade individual e coletiva. Compreender o relevo dessas obras e sua essencial presença na cultura brasileira é permanente e ininterrupta tarefa, em que clarividência e coragem somam-se uma à outra.

No quadro que ainda se possui, a Educação acaba sendo, com raras exceções, o espaço acolhedor dos estudos de literatura para crianças e jovens, o que acaba reforçando visões analíticas externas ao campo literário. A clarividência da tarefa que se aponta implica em retirar adjetivos da literatura, como preconiza María Teresa Andruetto, reconhecer que literatura para crianças e jovens é literatura ponto. Assim dizem as **Cartas do São Francisco**: conversas com Rilke à beira do rio, e faz Lygia Bojunga. O prêmio Hans Christian Andersen, recebido pela autora em 1982, ratifica a importância da leitura de suas obras, não só, mas também por crianças e jovens. **●**

Ilustração: **Maira Lacerda**



© Maira Lacerda

# rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs

Orlandeli é um dos principais ilustradores brasileiros, cuja obra transita por temas existenciais. Em **A coisa**, ele aborda os conflitos diante da vivência de um acaso indesejado e suas consequências. Depois de receber uma notícia inesperada, Astolfo passa a ser perseguido por uma criatura grotesca, que entra em sua vida de forma quase onipresente. Uma sensação perturbadora invade sua privacidade e o persegue, incessantemente, em cada minuto da sua rotina. Nesta *graphic novel*, o autor personifica e dá cara às sensações que surgem quando você se dá conta de que em seu mundo as coisas não saíram como o planejado. Com um texto ágil e uma narrativa gráfica divertida, **A coisa** busca respostas diante do difícil exercício que é viver e conviver com os amores e as dores da vida. Autor de uma vasta obra, Orlandeli publicou **Chico Bento — Arvorada** (finalista no Prêmio Jabuti, ganhador do Troféu HQ Mix) e **Chico Bento — Verdade**. São dele também os álbuns **Os olhos de Barthô** (finalista no Prêmio Jabuti), **O sinal** (finalista no Prêmio Jabuti) e **O mundo de Yang**.



**A coisa**  
ORLANDELI  
Gambatte  
112 págs.



**O menino rei**  
PAN, COSTA E GUSMÃO  
Nemo  
160 págs.

**O menino rei** é uma jornada visual pelo Antigo Egito. Misturando história, mitologia e imaginação, Felipe Pan, Olavo Costa e Mariane Gusmão viajam pelo turbilhão de eventos que marcaram a 18ª dinastia egípcia em uma narrativa profunda — perfeita para celebrar o centenário do descobrimento do túmulo do protagonista de sua história: o misterioso faraó Tutankhamun. Na narrativa, o reino de Kemet está em convulsão. Com as inúmeras transformações realizadas pelo faraó Akhenaten, os antigos deuses foram deixados de lado, cedendo lugar ao culto central de uma única divindade: o disco solar Aten. Com a morte do faraó, no entanto, o destino de Kemet cai nas mãos de seu filho, o pequeno Tutankhaten. Agora, o jovem faraó terá de fazer uma difícil escolha: descartar o legado de seu pai ou desafiar as inúmeras forças que desejam arrancá-lo do posto mais poderoso do mundo.



**Diário das coisas impossíveis**  
PAULA SCHIAVON  
Livros da Matriz  
72 págs.

Em um dia que se parece com qualquer outro, um menino acorda com a certeza de que aquele será um dia especial. Sua esperança se fortalece com os sinais que encontra ao longo de sua jornada. Ele sabe que, se observá-los, o que parece impossível, pode se tornar real. E assim, ao longo do percurso, que se estende à sua necessidade — especialmente quando desponta qualquer incerteza —, o menino procura a confirmação de que sua expectativa será contemplada. É também nos indícios deixados pela autora que o leitor redesenha a narrativa: o menino acorda e encontra apenas a mãe que cuida da casa e dele antes de sair para mais um dia de trabalho, que saberemos mais adiante, será longo. Entre reflexos e sombras, o menino encontra detalhes que confirmam seu desejo. E assim, Paula Schiavon convida o leitor a observar e conectar os indícios que deixa ao longo da leitura, tal qual o menino.

Autor do livro infantil **Aaahhh!**, premiado na Eslováquia e na China e traduzido em vários idiomas, o catarinense Guilherme Karsten subverte a histórica rivalidade entre cães e gatos. Quando o peixe de um menino é misteriosamente atacado, Ramon Fellini, o cão detetive disfarçado de gato, entra em ação. O sr. Fellini prontamente oferece seus serviços e promete descobrir quem está por trás do ataque. Acontece que, em seu traje impecável, este gato, quer dizer, cão, pode estar escondendo alguma coisa.



**Ramon Fellini – o cão detetive**  
GUILHERME KARSTEN  
HarperKids  
48 págs.

Nesta fábula da psicóloga e psicanalista Bibiana Malgarim, especialista em crianças e adolescentes, Miquim é um micuim (carrapato) que queria ser pequenininho para sempre. Um dia, Miquim foi morar com a Raposa e o Galo, e acabou se enchendo de dúvidas. Não sabia que casa era aquela, nem mesmo como cresceria dentro dela. Com os pais, aprendeu sobre o amor, sobre a importância da diversidade e a ter confiança. Com toda sua criatividade, Miquim compreendeu que para desbravar o mundo, era preciso habitar o próprio corpo, fazer dele a sua primeira casa, pois não há casa mais acolhedora do que a si mesmo.



**Miquim**  
BIBIANA MALGARIM  
Ilustrações:  
Milla Scramignon  
Cambucá  
48 págs.

A paulistana Vanessa Barbara é autora de diversos livros de não ficção e de ficção. Aqui, ela escreve sobre a energia inesgotável das crianças, em um livro dedicado aos pequenos leitores. Na história, uma menina acabou de voltar da escola com a mãe... mas o dia está longe de acabar. Afinal, a garotinha está pronta para brincar: de astronauta, com o rolo de papel higiênico, redecorando a casa, fazendo experimentos científicos e muito mais. Mas mamãe está cansada — muito cansada...



**Mamãe está cansada**  
VANESSA BARBARA  
Ilustrações:  
Laura Trochmann  
Companhia das Letrinhas  
32 págs.

“Minha mãe esperou bem mais que nove meses por mim. A espera foi longa e muita coisa aconteceu. Hoje vou contar essa história para vocês.” Essa é a premissa de **A espera por você**, em que a autora Marcela Levy e a ilustradora Linnea Rading Levy abordam o desafiador e, ao final, gratificante processo para gerar um filho. O livro é também uma carta de amor a todos que trilham essa jornada e, em especial, aos bebês que dela resultaram.



**A espera por você**  
MARCELA LEVY  
Ilustrações: Linnea Rading Levy  
Rocquinho  
48 págs.

Vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura em 2022 com o romance **Terrapreta**, Rita Carelli traz para a literatura infantil sua experiência e vivência em terras indígenas. **Menina mandioca** nasceu do desejo da autora de ver crianças e adultos sonhando um pouco em ser planta, pedra, rio. Através do mito indígena de origem do alimento essencial para a sobrevivência dos povos originários, Rita faz os leitores vivenciarem outras existências, de sentir a terra e criar raízes com a nossa ancestralidade.



**Menina mandioca**  
RITA CARELLI  
Ilustrações: Luci Sacoleira  
Pallas Mini  
40 págs.

# A ruína dos supremacistas

**Os órfãos** revela uma eletrizante narrativa, repleta de segredos familiares que evidenciam as contradições do *apartheid* sul-africano

GIOVANA PROENÇA | TAUBATÉ - SP

Já amadurecido, Wolfgang escuta que nunca estará em casa. Este espaço de pertencimento, para o narrador de **Os órfãos**, é o passado. A sentença define a tônica do romance de Bessora, escritora de tripla cidadania: gabonesa, suíça e francesa. Wolfgang está preso em 1948, ano em que ele e sua irmã gêmea Barbara são levados à Cidade do Cabo. Órfãos alemães da Segunda Guerra Mundial, os irmãos integram um grupo de 83 crianças, selecionadas para um programa de caridade que visa a adoção destes por africanos — sul-africanos brancos descendentes de europeus.

A iniciativa não esconde as afinidades com o nazismo, uma vez que objetiva embranquecer a África do Sul com o sangue ariano. No âmbito nacional, o país africano debatia-se com o *apartheid* — política de segregação racial que se alastrou até a década de 1990. O panorama oferece uma âncora histórica à narrativa de Sandrine Bessora Nan Nguma; que assina simplesmente como Bessora.

De modo mais próximo, **Os órfãos** é apoiado na vida dos irmãos gêmeos Peter e Brigit Ammermann. O livro é dedicado a Peter e sua esposa Rabia. Uma foto dos irmãos — duas crianças, no dia do embarque para a África do Sul — ilustra a capa do romance.

Na narrativa, Wolfgang e Barbara são adotados por Michèle, de ascendência francesa, e Lothar, descendente de alemães. A menina, em primeiro momento, tenta agradar aos pais adotivos, enquanto Wolfgang permanece esquivo. Logo, as afinidades do casal com a hegemonia branca são evidentes. Eles vivem na fazenda Terre'Blanche, que pertence ao pai de Michèle, Jacob. Com a demora do casal em oferecer um herdeiro, a adoção torna-se uma alternativa para satisfazer esta necessidade. Ao arranjo da propriedade, junta-se Graça, a ama de leite de Michèle e seu filho, Thando, que se torna o melhor amigo de Wolfgang.

Rejeitada por Jacob desde o nascimento, que culminou na morte da mãe, a dura Michèle não mede esforços para agradar ao pai. Lothar mantém um caso extraconjugal, além das insinuações de que ele assedia Barbara sexualmente. A vida dos gêmeos

em Terre'Blanche torna-se turbulenta, de modo que Wolfgang traça planos que os permitam voltar à Alemanha. A trajetória dos irmãos é entrecortada por vislumbres da situação de um Wolfgang idoso, que agoniza no hospital após ser baleado na cabeça.

## Arbitrariedade

A arbitrariedade da classificação racial — que reside no âmago do *apartheid* — é evidenciada quando, na adolescência, uma namorada de Wolfgang deixa de ser considerada branca, sendo remanejada para uma escola exclusiva para “pessoas de cor”. Com este episódio, Wolfgang, reproduzidor do discurso de que fora enviado à África porque os africanos “não têm como substituir sozinhos os negros”, começa a repelir efetivamente os ideais de hegemonia racial.

De modo inesperado, Michèle engravida, o que a torna mais fria com relação aos gêmeos. O nascimento de Wilhelm, contudo, marca mais um desequilíbrio. Mais pendido para o lado dos irmãos do que ao dos pais, o filho biológico desafia o casal. É com ele que uma traição do passado é revelada. O golpe é demais para Jacob. Tomado pela cólera, a mente do homem torna-se perturbada. Antes, entretanto, ele denuncia o neto para as estritas normas do *apartheid*.

As origens de Wilhelm são reveladas por meio de um ritual do povo zulu. “Eis Wilhelm encontrando-se a si mesmo”, percebe Wolfgang. Anos antes, o narrador passa pelo mesmo rito, no qual tem um vislumbre de Frieda, a sua mãe. Na África do Sul, os vínculos mais íntimos de Wolfgang são com aqueles que a hegemonia branca busca eliminar. O narrador alia-se às pessoas repelidas pelos supremacistas, que enviaram crianças como ele e a irmã para “embranquecer o país”.

Tanto Wolfgang quanto Barbara cometem uma subversão: eles não produzem uma nova leva de africanos com sangue ariano. O narrador tem dois casamentos. Da união com Frances, cantora de origem judia, nasce Rosie. O vínculo se dissolve quando, em busca do passado irrecuperável, Wolfgang retorna à Alemanha. Lá, ele reencontra Heidi, paixão dos tempos da infância, passada no orfanato.

Já o segundo casamento



## Os órfãos

BESSORA  
Trad.: Adriana Lisboa  
Relicário  
248 págs.

de Wolfgang é duradouro. Com Arya, advogada islâmica, ele tem Marianne. Em uma reviravolta, descobrimos que a mulher é aparentada com Michèle. Inicialmente, Arya planeja reivindicar a casa do avô, tomada por Jacob. Mas, a união com Wolfgang é sincera. **Os órfãos** revela, assim, uma eletrizante narrativa, repleta de segredos familiares que evidenciam as contradições do *apartheid* sul-africano.

Barbara encontra conforto em Samora, filho de Thando; criança para quem a sua atenção é voltada. Ela revela a Wolfgang o relacionamento falido com uma colega de faculdade. Barbara se preocupa, afinal, a homossexualidade era crime na África do Sul. Do matrimônio heterossexual com um antigo colega, ela dá à luz um feto natimorto, símbolo das falidas pretensões hegemônicas. Assim como ocorre com Wolfgang, a sua subjetividade é um desafio à normatividade esperada do “sangue ariano”.

Quando uma tragédia se abate sobre Terre'Blanche, Thando é preso injustamente, acusado pelo depoimento de Michèle. As tensões retratadas no livro alcançam o ponto máximo. O aparente equilíbrio das estruturas que regem a sociedade sul-africana, condensado no microcosmo da fazenda, é rompido. As disfunções estruturais, contudo, são destacadas por Bessora desde a chegada dos gêmeos.

## Entrelaçamento de vozes

O episódio em Terre'Blanche revela um dos mais notáveis aspectos formais do livro: o entrelaçamento de vozes narrativas. Embora Wolfgang seja o narrador, podemos ouvir os sussurros de Barbara. É ela, via carta, que narra a violência ocorrida na fazenda. Se em primeiro momento, esta resenha se concentra no conteúdo do romance, é porque a narrativa de Bessora tem reviravoltas surpreendentes.

A autora olha para as instabilidades, o que é evidenciado pelo retrato dos momentos de crise de Wolfgang. Em coma, são estes episódios que ele recorda, em profundo diálogo com o que há de mais entranhado nele: a irmã gêmea. Uma vez que Barbara divide o mesmo passado — e os mesmos genes — que Wolfgang, ela é o estandarte do tempo perdido que o narrador busca incessantemente.

Mas é em seu aspecto formal que o livro chega à potência de sua originalidade. Não é arriscado dizer que **Os órfãos** é um dos romances mais originais que chegaram ao Brasil nos últimos tempos. Os capítulos, entrecortados por flashes difusos, traduzem esteticamente os lapsos da memória de Wolfgang — os momentos



## A AUTORA

### BESSORA

Nasceu em Bruxelas (Bélgica), em 1968. É romancista e contista. A autora tem tripla cidadania: francesa, suíça e gabonesa. Ela recebeu duas distinções: o Fénéon Prize e o Grand Prix Littéraire d'Afrique Noire. Atualmente, vive em Paris.

marcantes que constituem uma vida. Assim, Bessora cumpre a realização artística: a integração entre forma e conteúdo

**Os órfãos** revela, acima de tudo, as contradições no cerne de ideologias supremacistas. No romance, os personagens encontram vizinhanças, e até mesmo familiaridade, naquilo que repelem. Da mesma forma, o ódio irrompe as relações de afeto. Esmagar essas categorias resvala na alteridade, com um profundo questionamento de políticas nefastas como o nazismo e o *apartheid*.

O que está em jogo é a identidade. Wolfgang e Barbara são vítimas dessas políticas. Os gêmeos passam a vida tentando encontrar um espaço de pertencimento. Possibilidades de subjetividade foram retiradas dos irmãos, submetidos à vontade do *apartheid* — em gesto semelhante ao que ocorre com grupos oprimidos. De maneira simbólica, Wolfgang é baleado em seu aniversário, também o centenário imaginado de Nelson Mandela, principal voz contra o regime de segregação da África do Sul. Wolfgang escuta, comovido, que é a hora de expurgar as suas culpas: ele não é uma representação do nazismo ou do *apartheid*.

**Os órfãos** é uma realização. Na obra, Bessora combina um episódio histórico pouco explorado na literatura e uma narrativa repleta de reviravoltas. A escritora parte de um drama familiar, o microcosmo de Terre'Blanche, para tocar as feridas da África do Sul pós-Segunda Guerra Mundial. Contudo, o livro não causaria tamanho impacto, não fosse a forma encontrada por Bessora, que traduz esteticamente a desorientação no centro do romance. Os diferentes elementos narrativos d'**Os órfãos** confluem para seu êxito. Uma realização artística. **U**

## TRECHO

### Os órfãos

*Um transatlântico joga a âncora diante de uma montanha em forma de mesa. O mar está esverdeado, o céu completamente cinzento. Vai chover e faz frio. Crianças descem aos pares desse navio. Às vezes, vão de mãos dadas com uma senhora. Muito numerosas, têm entre dois e oito anos. Exceto uma ou duas, maiores. Há uma etiqueta afixada no peito delas.*

# Colonialismo brutal

A mexicana **Silvia Moreno-Garcia** desloca experimentos de dr. Moreau para América Latina e apresenta nova leitura do processo colonizatório

ARTHUR MARCHETTO | **SANTO ANDRÉ - SP**

No começo do ano, a Melhoramentos publicou **A filha do doutor Moreau** e apresentou ao público brasileiro a obra da mexicana Silvia Moreno-Garcia, que esteve em quase uma dezena de lista de melhores leituras de 2022 de periódicos como *The New York Times Book Review* e a *Time*.

Inspirado no romance de H. G. Wells, **A ilha do doutor Moreau**, Moreno-Garcia transporta os experimentos do doutor para a península de Iucatã, no México. Aqui, dr. Moreau é um pesquisador francês que parte para uma região isolada com o objetivo de continuar seus experimentos sob a tutela de um rico financiador da região, Hernando Lizalde, e longe dos escrutínios dos pares europeus.

Moreau convence seus apoiadores a transportar o laboratório para Yaxaktun, uma propriedade dos Lizalde, sob a justificativa de criar trabalhadores menos custosos e violentos. O que o pesquisador europeu faz é manipular geneticamente os animais selvagens da região e transformá-los naquilo que eles chamam de híbridos — seres selvagens com traços humanos.

Vemos essa história pelos olhos de Montgomery, um trabalhador alcohólico e endividado, contratado pelos Lizalde para ser o novo *mayordomo* de Yaxaktun e de Carlota, filha de Moreau e portadora de uma doença sanguínea raríssima, curada, segundo o doutor, graças à pesquisa com os híbridos.

O equilíbrio de Yaxaktun é bastante frágil. A existência e manutenção da nova forma de vida não é bem recebida. Todos os seres têm uma qualidade de vida baixa, sofrem dores intensas, possuem fragilidades ósseas, precisam tomar injeções frequentes e possuem uma expectativa de vida relativamente baixa. Soma-se a isso o fato de que Moreau os mantém em um regime rígido, educando-os e controlando-os de forma intransigente.

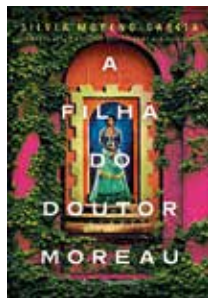
Essa rotina é perturbada com a chegada de Eduardo Lizalde, filho de Hernando, e seu consequente envolvimento com Carlota, um relacionamento permeado pelas questões financeiras, políticas e familiares da região.

## Diálogo certo

O diálogo proposto por Silvia Moreno-Garcia com a obra de H. G. Wells é certo. As ações do império britânico foram aprofundadas em diversas obras do escritor. Em **A máquina do tempo**, um de seus mais conhecidos romances, o conflito entre seres da superfície e criaturas do subsolo evoca uma questão de política interna e de conflitos entre classes sociais.

Já em **A ilha do dr. Moreau**, Wells aprofunda questões de política externa e traz visões sobre ações colonialistas da nação inglesa, em uma trama que mescla a ficção científica mais clássica do autor com pitadas de romances de aventura em lugares exóticos. Ao mostrar a história de um naufrago descobrindo os experimentos de Moreau e a natureza dos híbridos, o escritor britânico evidencia o choque entre os ditos “civilizados” e os “primitivos”.

A violência do encontro colonizador, sob a defesa do progresso, não instaura a “civilização”, mas brutaliza todos os envolvidos. Para transformar “animais em homens”, o Moreau de Wells tem um método científico articulado em duas frentes: externamente, mutila o corpo do animal em sessões doloridas de vivissecção para que ele atinja uma forma antropomórfica; internamente, transforma a mentalidade dos seres por meio da hipnose e de rituais religiosos, em que Moreau é posto em paralelo ao grande Criador.



## A filha do doutor Moreau

SILVIA MORENO-GARCIA

Trad.: Bruna Miranda

Melhoramentos

279 págs.

### TRECHO

#### A filha do doutor Moreau

— *Significa que a natureza não dá saltos — respondeu Carlota, olhando diretamente para o jovem.*

— *Correto. E pode explicar esse conceito?*

— *Mudança é algo gradativo. A natureza avança de pouco em pouco — declarou.*

*O pai sempre fazia perguntas assim, e as respostas eram fáceis, tanto quanto praticar escadas vocais. Isso acalmava os nervos frágeis de Carlota.*

— *Você concorda com isso?*



### A AUTORA

#### SILVIA MORENO-GARCIA

Nasceu em 1981, no México. Mudou-se para o Canadá em 2004 e, em 2016, concluiu um mestrado em Estudos de Ciência e Tecnologia na Universidade da Colúmbia Britânica, em Vancouver, onde mora até hoje. Sua carreira inclui diversas publicações de contos, edição de coletâneas e sete romances. A primeira tradução de Moreno-Garcia para o português foi **Gótico mexicano** (2021), seguida por **A filha do doutor Moreau** (2023). Desde 2019, Moreno-Garcia escreve no *The Washington Post*.

Moreno-Garcia mantém alguns dos elementos. Em seu livro, Moreau também enxerga seu trabalho como algo divino. Afirma que todos os seres têm uma *essência* dentro de si e que o rumo natural da vida é buscar esse ponto ideal, o que ele faz é o trabalho de Deus e acelera esse caminho.

Por outro lado, Silvia faz um jogo inverso. Não há o estabelecimento de uma hierarquia em que os “civilizados” se rebaixam ao patamar dos “selvagens”, mas uma complexificação dos atores que fazem parte do contexto histórico usado como base pela escritora — ambos com potencialidades violentas, mas com diferentes perspectivas daquilo que é correto.

## Rebelião

No posfácio em que discorre sobre a história do México, Silvia Moreno-Garcia explica que uma guerra foi deflagrada nos territórios de Iucatã, onde o livro se passa, em 1847, porque “os maias, povos originários da península, se rebelaram contra os mexicanos, os descendentes de europeus e a população miscigenada”.

Moreno-Garcia escreve que “os motivos do conflito foram complexos e ligados a hostilidades de longa data. Os donos das terras expandiram suas *haciendas* para criar gado e cultivar açúcar. O povo maia era sua principal mão de obra, e os donos das terras tinham sistemas violentos de dívidas e castigos para controlá-los. Outros aspectos de tensão eram os impostos, assim como a violência e a discriminação contra os maias”.

Além dessas duas faces, havia ainda trabalhadores negros, asiáticos e europeus que chegavam à região e adotavam uma posição intermediária no conflito. Soma-se a isso uma interferência britânica: primeiro, apoiando os maias rebeldes para diminuir a influência do México e conseguir explorar os recursos naturais da região; depois, apoiando e reconhecendo os direitos e poderes dos mexicanos na região.

Todos esses atores tomam parte na construção de Silvia Moreno-Garcia. A família Lizalde está em busca de mão de obra barata e que trabalhe devota ao sistema exploratório. Laughton Montgomery, *mayordomo* de Yaxaktun, trabalha sob um pesado regime de dívidas contraídas junto a Hernando Lizalde, herdadas de seu tempo na Europa, e raramente recebe um ordenado pelo seu trabalho.

Moreau também é uma face do poder civilizatório atuando na ilha. Como visto acima, educa seus híbridos de acordo com preceitos cristãos e usa a ciência moderna como caminho para saciar as curiosidades. Moreau não é guiado por impulsos altruístas, suas ações são guiadas por uma curiosidade mórbida que desconsidera o valor da vida de seus híbridos e defende que suas descobertas são mais importantes que qualquer vida considerada inferior.

Além disso, Moreau também exerce um poder de contenção e silenciamento dos colonizados. Um dos exemplos é a protagonista do livro, Carlota. Em sua jornada de compreensão dos defeitos do pai, precisa confrontar sua educação voltada para a docilidade e passividade, incutidas desde a juventude. Ao desejar proteger seus companheiros, precisa aprender a identificar que sua raiva é justificada e sua força, potente. Por outro lado, outros híbridos são mais acostumados a essa força e facilmente se tornam simpáticos aos revolucionários nativos que atacam as *haciendas* da região, liderados por Juan Cumux.

Ao desenvolver um percurso de autodescoberta de Carlota, Moreno-Garcia apresenta uma face complexa da compreensão da autodefesa enquanto forma de resistência da violência cometida pelos colonizadores. Quando quebram as amarras da formação que os ensina a não reagir, os colonizados podem tomar parte das rédeas do próprio destino. 🗨️

# O amor de Púchkin

As relações amorosas estão no centro dos poemas de **O cavaleiro de bronze**, do russo Aleksánder Púchkin

CLAYTON DE SOUZA | SÃO PAULO - SP

Para os admiradores brasileiros da literatura russa, o momento editorial pelo qual passamos é singular. Depois de um longo período conhecendo as grandes obras dessa nação somente através de traduções terceirizadas, geralmente da França, desde o início do século, contudo, o leitor nacional tem tido atualmente a seu dispor uma gama de novas edições vertidas diretamente da língua russa, como as produzidas por Paulo Bezerra para a Editora 34, além de outras de não menor importância, como as recentes traduções de **Eugênio Onêguin**, de Púchkin, na Ateliê, por Alípio Correia de França Neto e Elena Vássina, e na Penguin-Companhia, por Rubens Figueiredo, em cuja versão optou-se pelo título **Evguêni Oniéguin**.

Todavia, quando o tópico é tradução, o terreno é movediço, pois como é bem sabido, é virtualmente impossível que uma tradução possa canalizar plenamente a força estética, as sutilezas, enfim, a expressão artística em sua inteireza e pureza originais para uma nova língua, de uma nação diversa. Assim sendo, as edições podem (e devem) ser apreciadas naquilo que oferecem, não se desvalorizando as traduções terceirizadas acima mencionadas, nem se supervalorizando as atuais, diretas do original.

Com isso em mente, e dentro do contexto da discussão, é instrutiva a leitura de uma dessas novas traduções, no caso uma inédita em termos de obra integral: **O cavaleiro de bronze e outros poemas**.

## O homem e sua obra

Aleksánder Púchkin tem seu lugar assegurado no cânone literário, não só da literatura russa como também da mundial. Se na Rússia ele se configura como imagem proeminente e inaugural, no exterior foi visto por não poucos outros artistas com admiração, e sua morte prematura, em duelo, foi largamente lamentada na época.

Atuante em uma época na qual o Romantismo nas letras ainda vicejava, a obra puchkiniana reflete, seja em seus poemas narrativos, seja em seus versos de ocasião, influência marcante do movimento. Se em **Eugênio Onêguin** (cujos excertos compõem a obra aqui resenhada) têm-se no personagem título e em seu amigo Vladimir Lênski a antinomia que marca a figura masculina romântica típica, isto é, a boemia e o idealismo (encontrável, a título de exemplo, também em **Macário**, do nosso Álvares de Azevedo), também nos poemas de Púchkin encontramos expressões equivalentes. Isto é, do idealismo romântico:

*Alina!, tenha dó, meu anjo.  
Pedir-lhe amor não posso ousar.  
Talvez eu não mereça o ar  
do amor: pecados vis, abranjo! (...)*

Mas também da carnalidade boemia, mais realista e prática:

*E a confiança vossa — em mim?,  
bem como a ingênua Agnès teria?  
De amor, em qual romance, ao fim  
algum patife quem morria? (...)  
Sabemos: eternal paixão —  
de três semanas nunca passa (...)*



## O cavaleiro de bronze e outros poemas

ALEKSÁNDER PÚCHKIN  
Trad.: Felipe Franco Munhoz  
Kalinka  
216 págs.

*Fingi-me: louco, insano assaz  
e vós fingindo um casto lado —  
juramos... e depois... ai... ai!  
Depois, largamos nossas juras*

Ambas as facetas conduzem grande parte dos poemas que têm como tema a relação amorosa. Em *Lila*, *Adèle*, *Madrugada*, entre outros, temos versos mais singelos, de um lirismo não de todo isento das convenções da época, quais sejam: o amante cavaleiresco, sempre indigno da amada, celebrando sua exuberância ao mesmo tempo que lamenta a não consumação do enlace amoroso.

Por outro lado, Púchkin também é versado na arte do epigrama, e em poemas como a série dedicada à coquete Aglaia Antónovna Davýdova, vemos o poeta no auge de sua mordacidade, lançando mão de uma licenciosidade que nada fica a dever a um Bocage:

*Davýdova, de nula honra a ver,  
vivendo, sempre, vítima das Fúrias:  
mal fradas fora, a busca por prazer.  
E fez-se o caos!; Mercúrio pôs penúrias (...)  
dela, um olho, pouco a pouco, inchado,  
rebenta: e, dama, o quê? — “Meu Deus, amado!,  
melhor assim: buraco novo aqui!”*

No poema, as consequências atrozadas da sífilis no corpo humano, mais que motivo de lamento, tornam-se o ponto de partida para a renovada busca pelo prazer libertino. Por mais corrosivo que seja, não haveria de ser por essa sua faceta em especial que o poeta seria proscrito da Rússia por certo período de sua vida pelo czar Alexandre I, e mais tarde, quando reintegrado, mantido sobre estreita vigilância pelo czar subsequente, Nicolau I. Tal se daria pelos aspectos políticos de alguns de seus versos, cujos exemplares, na presente coletânea, são um tanto escassos.

Além da temática amorosa, no presente volume encontram-se exemplares de versos reflexivos quanto aos valores humanos temerários, imbuídos de vaidade:

*“Tudo é meu” — a voz ao oiro;  
“Tudo é meu” — ao sabre a voz.  
“Tudo compro” — a voz ao oiro;  
“Tudo tomo” — ao sabre a voz.*

É o que também se encontra na série de poemas que enfoca o ato de escrever, mais especificamente como o artista é visto à luz da sociedade na qual sobrevive, e busca seu lugar ao sol:

*(...) Tormenta orelhas (ai  
mais um);  
depois: impresso — ao Letes vai:  
Tibum!*

Em todos esses poemas de ocasião, nota-se a preocupação com o ritmo, a preferência pela expressão poética breve, mesmo rigorosamente contida e leve.

Compõem também o volume os poemas narrativos do autor, tais como os já mencionados excertos de **Eugênio Onêguin**, além de **O cavaleiro de bronze**; há também um excerto dramático: uma curiosa versão puchkiniana do **Fausto**.

## São Petersburgo

Pela primeira vez traduzido e publicado em sua inteireza no país, **O cavaleiro de bronze** é um poema dividido em duas partes, antecedido por uma introdução. Nesta, tem-se a descrição singular e um tanto mítica da fundação da cidade de São Petersburgo, “a mais abstrata das cidades”, como já chamou Dostoiévski, pelo czar Pedro, no limiar do século 18, às margens do rio *Nevá*. Eis um desafio à natureza empreendido pelo homem, dadas as condições pouco favoráveis à empreitada. Esta “janela para a Europa”, a mais famosa cidade russa da literatura, contudo, será tomada de assalto, já na primeira parte do poema, pelo rio, numa espécie de desforra da natureza, impiedosa com as vidas e sonhos de seus habitantes, em especial com a figura humana principal do poema, o funcionário público Evguêni. De sua pobre habitação, onde devaneava sobre seu futuro ao lado da amada Paracha, Evguêni se vê de repente sobre o monumento de um leão, observando a desolação ao seu redor, diante da estátua impassível do fundador da cidade, o “cavaleiro de bronze”, a salvo da enxurrada.

Mesmo nessa simples descrição dos sucessos do poema, pode-se antever muitas camadas simbólicas de interpretação. Estas são aprofundadas pelas metáforas, e na expressão estética que implica também o ritmo dos versos, tem-se uma relação adequada entre forma e conteúdo, como na movimentação interna e externa do pobre Evguêni (que a tradução bem preserva):

*E corre à fimbria, pressa farta:  
surgindo o golfo; a casa, então...  
E: é isso, o quê?...*

*Evguêni: freio.  
Voltou-se; e foi; voltou, no anseio.  
Mirava... e bis... repete: olhar.*

Por fim, no excerto de *Fausto*, criação de Púchkin que visa preencher uma lacuna de tempo no original goetheano, temos não só uma adequada apropriação da criação de outrem, mas também uma espécie de comentário implícito do leitor Púchkin da obra original:

*é o tipo: impõe à beleza azar,  
sacia-se, voraz, devasso,  
e traga o pejo em fero traço.  
e, disso tudo, no final,  
desponta a conclusão, sequente...*

Há no Mefistófeles puchkiniano uma consciência da insaciabilidade fáustica que só será assim expressa no termo do poema original, já na segunda parte. É duvidoso que o poeta tenha lido a segunda parte, publicada em 1832, então tem-se nesta versão uma sólida antevisão do russo dos caminhos que o poeta alemão seguiria.

A presente edição, bilingue, é boa. A tradução é belo esforço, embora sucumba em certas partes às dificuldades inerentes: por vezes, há uma recorrência do uso de dois pontos, ponto e vírgula e pausas que atentam contra a fluência do ritmo; este tende a parataxe; comparativamente rareiam outros recursos, como os *enjambements*; escolhas ponderadas pelo tradutor, sem dúvida.

Contudo é apreciável esforço, que merece ser conhecido. 🗣️

## O AUTOR

### ALEKSÁNDER PÚCHKIN

Nasceu em 1799, em Moscou. É o maior poeta russo na época romântica, considerado por muitos como o fundador da moderna novela russa. Púchkin foi pioneiro no uso do discurso vernacular em seus poemas e peças teatrais, criando um estilo de narrativa que misturava romance, drama e sátira associada com a literatura russa, influenciando fortemente desde então os escritores russos seguintes. Morreu em 1837, ferido à bala em duelo contra o suposto amante de sua esposa, segundo boatos da época.



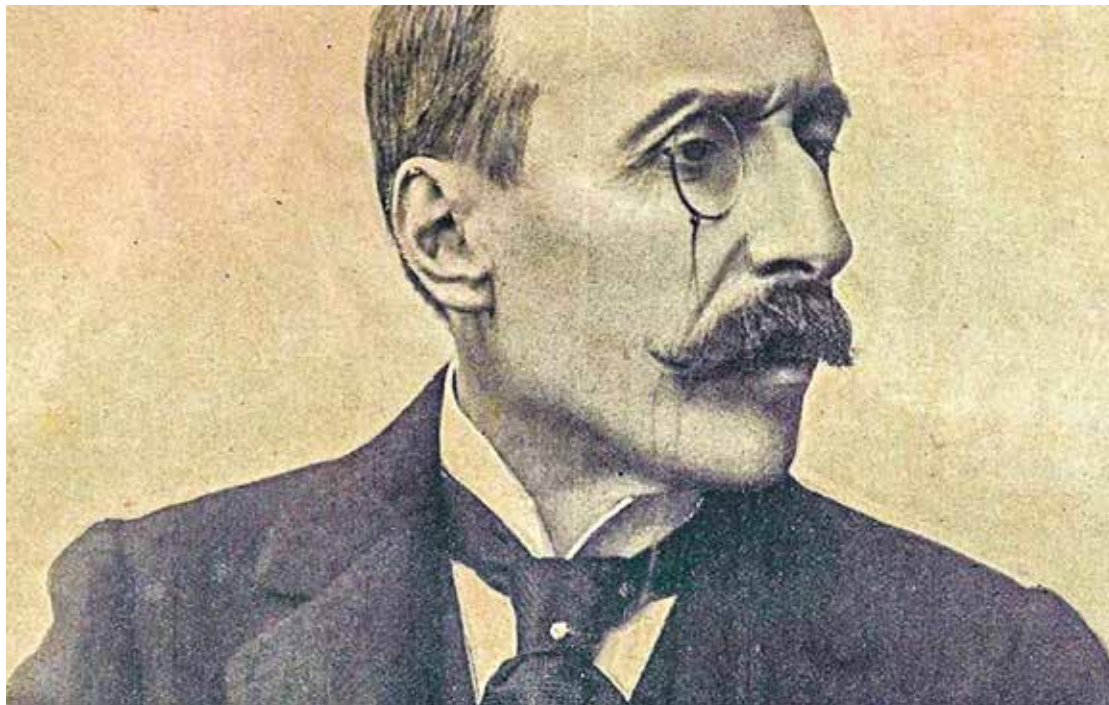




## luiz antonio de assis brasil

O CÂNONE NA MOCHILA

# O PRIMO BASÍLIO



**Eça de Queirós**, autor de *O primo Basílio*.

### 1.

Em 1876 Eça de Queirós publicou com êxito **O crime do padre Amaro**, pedra de escândalo na sociedade constitucional e conservadora de Portugal. Mais do que pela qualidade literária, as pessoas se interessaram em lê-lo porque aquilo era novo, e picante: um padre que seduz uma moça, tem com ela um filho, que ele manda matar — e, espanto, dá-se muito bem. Estava preparado o terreno para estimular forte curiosidade pelo que sairia a seguir da pena do arrojado bacharel.

### 2.

Se em **O crime do padre Amaro** Eça voltou-se contra a hipocrisia da Igreja, em **O primo Basílio**, dois anos depois, o autor aparelhou sua metralhadora giratória contra toda sociedade portuguesa. Ninguém, ou nenhuma camada social se salva. A história, numa sinopse essencial, pode ser: uma jovem mulher, casada, sonhadora e impressionada por leituras água-com-açúcar, trai seu marido, é chantageada pela criada, o que traz à baila o conflito fidelidade x infidelidade, e, por fim, morre das culpas acumuladas. Quase igual a **Madame Bovary**, de Flaubert, saído 22 anos antes; a diferença está em que a morte de Emma Bovary decorre do fato de que não suporta mais a vergonha de ver-se assomada por dívidas impagáveis, enquanto Luísa tem seu fim hoje mais aceitável, pois radicado em sua psiquê mais profunda, conforme será visto no parágrafo 6.

### 3.

Optei por não levar adiante essa questão da influência de um sobre o outro — há pouco traria à baila a famigerada *intertextualidade*, que tanto e inutilmente triturou vários cérebros acadêmicos

—, porque, dentre as centenas de ensaios dedicados ao assunto, não encontrei nenhum que desse uma resposta convincente; ademais, o que isso interfere na qualidade estética e humana da obra? Assim, optei por focar **O primo Basílio** em suas próprias circunstâncias literárias, mas, por método, usando o contraponto com as assertivas de Machado de Assis.

### 4.

Mas, então, o que diz o Machado? Preparem-se para imagens fortes. Antes de tudo, as bondades: o elogio a Eça, um autor que ele afirma que havia pouco saíra da “oficina literária” e que tem talento. Depois de algumas considerações sobre **O crime do Padre Amaro**, passa a dedicar-se a analisar a personagem Luísa, e fosse ela um monumento, não sobriaria pedra sobre pedra, inclusive dos alicerces: “Repito, [Luísa] é um títere; não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência”. Isso atinge em cheio o defeito de concepção da personagem, o supremo insulto para um escritor. Mas vem algo mais acachapante: ao referir-se às artimanhas da empregada Juliana, destaca: “Se o autor, visto que o Realismo também inculca vocação social e apostólica, intentou dar no seu romance algum ensinamento ou demonstrar com ele alguma tese, força é confessar que o não conseguiu, a menos de supor que a tese ou ensinamento seja isto: — A boa escolha dos fâmulos é uma condição de paz no adultério”. O clássico e refinado humor machadiano, desta vez, desceu à rua da pancadaria.

### 5.

Para já, não se pode negar que o romance — seria mais bem nomeado como *novela*, embora isso também não importe — trabalha sabiamente com um número reduzido de personagens, foca no drama pessoal de Luísa e numa clara situação crítica, que vem a ser a cupidez da criada Juliana, que age como uma nêmesse particular ao resgatar do lixo uma carta comprometedor para Basílio. Descadeia-se a chantagem, que passa a ser pertinaz, doentia, obrigando a patroa, inclusive, a realizar as tarefas domésticas. Jorge, o marido, é ciumento, e a perigosa carta, vindo à luz, ocasionaria uma tragédia de sangue, tal como sucedeu na realidade ao nosso Euclides da Cunha. Essa espoleta, que levaria à díade conflitual acima referida, age como uma deusa tentacular, imobilizadora das ações de Luísa, a qual afunda no infortúnio.

### 6.

O que sobra, então, já que, como disse, é impossível ler Eça sem ler a feroz crítica machadiana? A solução é relativizar o autor brasileiro. Antes de tudo, **O primo Basílio** é um livro que se lê com prazer literário, pois tudo funciona como enredo. O curioso que o título escolhido não foi da personagem central, mas, sim, o do primo, mostrando que Eça queria deslocar, embora em vão, a atenção de Luísa, talvez para evitar comparações com **Madame Bovary**. Mas Basílio, escroque, dândi, obscuro, cínico e covarde, tem uma função de fascínio: o de repositório das ilusões de Luísa, logo desfeitas. Para se encontrarem, ele aluga um sórdido e exíguo apartamento, a que chama “o paraíso” — aí começa a desgraça geral. Luísa, se é para falar mal dela com os mesmos argumentos, que se diga o mesmo de Emma Bovary, que, entretanto, sai a salvo das generalizadas especulações críticas. É verdade que há um *modus* comum, certa fraqueza interior que as leva a sucumbirem: Emma, às dívidas; Luísa, à desilusão amorosa e ao abandono; a chantagem funciona apenas como uma explicação imediata do desespero que, ao fim de tudo, é apenas um gatilho da dor — e a prova está que, morta Juliana, a dor mortal permanece. Emma não procurou soluções, matou-se; Luísa não fez isso, mas a morte já tomava conta de sua alma desde quando subiu as escadinhas de “o paraíso”. Ela, apesar da mesma ilusão de Emma, das mesmas leituras de bricabraque, o exame de sua tragédia dá um passo a frente, no entendimento de que as pulsões internas podem ser determinantes de condutas e, neste caso, da própria morte. Emma Bovary, por exemplo, jamais seria capaz de dizer o mesmo que Luísa, quanto ao marido: “E depois era vil trair assim Jorge, tão bom, tão amoroso, vivendo todo para ela”. Ademais, conhecida a traição, Jorge não a mata, como era de esperar e sim, engolindo o ciúme e seus preconceitos, entende-a. Aí já vemos uma cultura diversa, e, a bem dizer, *moderna*. Não esqueçamos que no mesmo ano de 1878 publicava-se **Daisy Miller**, de Henry James, cuja figura central era exemplo de mulher no comando de sua vida. O *Zeitgeist* começava a mudar: Freud, nessa época, já estudava medicina, absorvendo todas as influências necessárias e, depois, faria estágio com Charcot.

### 7.

Sempre que posso, apresento a meus jovens alunos a crítica de Machado de Assis e, na discussão, surge o equívoco desse magistral autor em não entender que o acontecido em **O primo Basílio** foi a demonstração de que Eça estava noutra estágio intelectual, e assim, por ensinar-nos que a melhor originalidade é estar consoante seu tempo, e por entendermos que Luísa jamais seria uma Emma, **O primo Basílio** é mais uma obra que merece ir para a mochila. 📖

# O HOMEM COMUM

**RICARDO AZEVEDO**

Ilustração: **Mello**

Alguém me perguntou se era difícil desenhar um homem. Sou desenhista há muitos anos. Disse que era fácil. A pessoa então me perguntou quanto tempo levaria para fazer o desenho. Eu quis saber que tipo de homem a pessoa queria. A resposta foi: um homem comum. Era sexta-feira. Respondi que na segunda à tarde entregava o trabalho. Senti nos olhos de meu interlocutor um misto de espanto e curiosidade. Sacudi os ombros dentro de mim. Não sou do tipo que perde tempo tentando descobrir o que os outros imaginam. Combinamos um preço pelo desenho, nos despedimos e vim-me em-

bora. No resto do dia tive uma série de coisas para resolver por isso não pensei mais no assunto. Sábado, depois de tomar café e ler os jornais, fui para o escritório. Pus um papel branco na prancheta e fiquei pensando com o lápis na mão. Precisava desenhar um homem comum. Um sujeito como um outro qualquer. Fiz o desenho de um homem de pé com as mãos no bolso numa posição relaxada, bem à vontade. Olhei o desenho. Tinha utilizado traços rápidos e esquemáticos. Não, de fato aquilo não era um homem. Era um boneco. Um esquema tosco. A caricatura de um homem. Resolvi partir para outro desenho. Obedeci a certas regras de proporção para construir o corpo. Cuidei melhor da posição das mãos e dos pés de maneira que ficassem naturais. Coloquei a musculatura certa nos braços e nas pernas. Tomei cuidado com a posição dos ombros, a direção da coluna vertebral, o ângulo da bacia. Como se tratava de um homem, tomei cuidado para a bacia ser menor que os ombros. Trata-se de uma praxe. Se o desenho fosse de mulher, teria que fazer o contrário. Desenhei um rosto com traços convencionais, quer dizer, obedecendo certas proporções, olhos, testa, nariz, boca, queixo, comuns nas esculturas clássicas, gregas e romanas e depois, até hoje, disseminadas por aí. O desenho não ficou mau. Parecia até esses modelos que a gente encontra em livros que ensinam a desenhar. Entretanto... tenho trinta e sete anos e nunca vi um homem como os homens dos livros de desenho. Tudo parecia certo, cada coisa estava no seu devido lugar, mas o resultado era algo teórico. Desumano. Um ideal de homem, não alguém de carne e osso. Não um homem comum. Deixei o desenho de lado e peguei uma revista. Comecei a observar as fotos de pessoas espalhadas pelas páginas coloridas. Tentei encontrar nelas algum ponto convergente. Mais dúvidas começaram a surgir em minha cabeça. A questão da idade, por exemplo, foi uma delas. Que idade tem um homem comum? Um menino, claro, ainda não é um homem. Um jovem é um homem? Observei várias fotos de jovens de dezoito aos vinte e poucos anos. Me lembrei também de jovens que conhecia pessoalmente e até de mim mesmo aos vinte anos. Desenhar uma pessoa dessa idade pode significar tanta coisa! Dependendo do seu jeito, do olhar, o seu ar, suas roupas, cabelos e tudo mais, vai representar um universitário, um trabalhador, um marginal, mais do que um homem. Muitos jovens hoje em dia usam tatuagem. Um homem tatuado não seria um homem comum. A imagem de um jovem, além disso, pode transmitir a ideia de modernidade ou de contestação, coisas que levariam a um homem muito específico. Pode também dar a ideia de um filhinho de papai. Ou de um sonhador em busca de si mesmo. Todos os homens estão em busca de si mesmos. Os jovens, porém, costumam



mam dar a sensação de que estão procurando coisas demais. Complicado desenhar um jovem e pretender que sua imagem signifique a de um homem comum. O mesmo acontece com os velhos. Desenhar uma pessoa com cabelos brancos, pele enrugada, corpo, olhos, mãos marcadas pela idade e pretender que essa imagem signifique um homem comum... Estaria mais para um aposentado, um avô e, dependendo da imagem, um homem à espera da morte. Não. Definitivamente. A figura de um senhor de idade não representa a ideia de um homem comum. Tudo isso limitou um pouco mais o trabalho que pretendia fazer. Um homem comum talvez seja alguém que esteja entre os 30 e os 50 anos de idade. É um período de tempo bastante extenso, mas sei lá. Voltei a examinar o desenho que tinha feito do homem todo cheio de proporções que parecia aqueles modelos dos livros que ensinam a desenhar. Lembrei que quando estava fazendo o desenho houve, durante uma fração de segundos, um mal-estar dentro de mim. Agora a coisa tinha ficado clara. Tinha desenhado um homem branco com traços europeus. Aquilo sem dúvida era um tipo de homem. Mas havia tantos e tantos outros. Refiro-me a diferentes etnias. Como encontrar uma etnia comum? Como definir o homem comum que pretendia desenhar? Por que não desenhar um negro? Um tipo asiático. Um mestiço? E mesmo falando em brancos, como escolher entre altos e baixos, fortes e fracos, morenos, louros, ruivos, delgados, atarracados? Como definir um homem comum sem definir sua etnia? Senti um certo pânico dentro do corpo. Lembrei de um desenho que tinha feito anos antes. Uma ilustração para um livro infantil. O texto falava de uma cozinheira. Desenhei uma negra bonita e risonha. No fundo, uma janela de cozinha. Quando o livro foi publicado, soube que houve gente que julgou o desenho racista. Por que não uma empregada branca, perguntavam essas pessoas. Nunca fui racista, mas era uma pergunta válida. Afinal, a tradição de os negros serem empregados vem do tempo da escravidão. Um desenho de um empregado doméstico negro hoje, parece reforçar a ideia de que negros nasceram para ser empregados. Por outro lado, desenhar uma empregada branca seria perfeitamente possível pois empregadas domésticas existem de todos os tipos, cores e tamanhos. A questão de fundo, na verdade, talvez fosse discutir a existência da pobreza, do subemprego, a falta de estudo, a falta de oportunidades e a exploração de mão de obra barata, mas isso não tinha nada a ver com o assunto. Um desenhista é apenas um desenhista. Tem que descer do muro e assumir suas escolhas. Tomei uma decisão. Vou desenhar um homem comum branco por um único motivo. Eu mesmo sou branco. Um homem entre vinte e cinco e cinquenta

anos branco. Com que roupa? Essa questão que, em princípio, parecia se resumir a calça, camisa, meias e sapatos, logo se revelou mais intrincada. Dependendo do tipo de calça, camisa, meias e sapatos, o homem vai parecer rico ou pobre. Baita complicador. Se ponho terno e gravata passa a ser executivo, patrão, uma autoridade qualquer. Ainda mais se for branco. Não posso, claro, vestir o homem com uniforme. Faço alguns esboços e tudo fica mais difícil. Há roupas que querem dizer uma profissão. Outras indicam que a pessoa, além de rica ou pobre, é moderna, conservadora, tem espírito livre, é tímida, descolada, espalhafatosa, praticante de esportes, intelectual. Que roupa usa um homem comum? Uma ideia um tanto desesperada me passa pela cabeça. Em princípio, um homem é um animal e tem um corpo, ponto. Pra quê roupas? Resolvo desenhar um homem nu. Novas e muitas dificuldades surgem no ar. Elas de novo remetem ao livro que ensina a desenhar. Primeiro, a questão do tipo de corpo. Se faço um homem muito atlético ele fica específico demais. Muito gordo ou muito magro, idem. Faço um corpo nem gordo, nem magro, nem forte nem fraco e, para me garantir, ainda coloco umas gordurinhas na região da barriga. Desenho braços pouco musculosos e pernas ligeiramente tortas. Examinando meu homem comum. Realmente, é difícil. Vem a questão do rosto. Que tipo de cabelo? Que tipo de penteado? Rabo de cavalo? Um homem careca pode representar um homem comum? Com bigode ou sem bigode? Sobrancelhas grossas ou finas. Barba por fazer? Cavanhaque? Fora tantos detalhes, um homem nu apresenta outro aspecto particularmente complicado: o pênis. Veio a questão: desenhar o homem meio de lado, encobrendo o pênis com a perna? Achei uma imagem falsa. Desenhar um homem pelado comum de costas, nem pensar. O pedido foi desenhar um homem comum. Todo o homem tem pênis. O jeito de seu pênis já é outra história. Pequeno demais, não me parece representar um homem comum. Muito grande também seria um exagero inútil. Decidi desenhar um pênis tamanho médio. Um homem de vinte e cinco a cinquenta anos, branco e nu portador de um pênis de médio porte. Experimento o desenho. Fica um pouco agressivo e, ao mesmo tempo, um tanto desajeitado. Uma imagem parecida com as desses livros didáticos que pretendem revelar os segredos da sexualidade, posições para praticar o coito e coisas assim. Fiquei na dúvida se um homem pelado seria uma boa representação de um homem comum. Cheguei à conclusão que não. Minha tendência foi vestir o homem com roupas do tipo calças de brim, camisa branca e suéter cinza, tudo muito discreto. Ficou uma imagem de alguém nem rico nem pobre, uma pessoa da classe média seja lá o que isso for. Havia ainda a questão do caráter do homem que tentava desenhar. Um homem tem uma certa maneira, tem um ar, um jeito de ser. Qual seria o espírito de um homem comum? Que tipo de sentimento sua imagem transmitiria? Não poderia ser sério demais. Alegre demais tam-

bém não. Dependendo do jeito de olhar e da posição do corpo, pode parecer um homem mais, ou menos, animado. Com o peito estufado, cabeça erguida, posição ereta, por outro lado, poderia dar a ideia de ser alguém convicto demais. Ou ingênuo talvez. Até meio idiota. Ou arrogante. O que uma figura desenhada transmite é algo difícil de controlar. Como desenhar simplesmente um homem comum à vontade? Decidi buscar uma posição de corpo nem rígida, nem relaxada demais, um rosto com um leve, quase imperceptível sorriso, um olhar meio vago, mas tranquilo, mais caloroso do que frio, mais próximo do que distante. Mergulhei no trabalho com todas as minhas energias. Varei a noite de domingo para segunda desenhando direto. Abandonei várias tentativas pelo meio. Fiz, refiz, apaguei, recomecei. Consultei outras revistas e livros com imagens de pessoas. Pensei em mim mesmo como um homem comum. Dei por encerrado o trabalho no começo da tarde. Sabia que meu trabalho não estava satisfatório. Sei que poderia ter ficado melhor. Sem dúvida haviam mil outras alternativas. Foi o que pude fazer. Coloquei o desenho num envelope de papel pardo, tomei banho, comi alguma coisa e fui ao encontro do tal sujeito. Ele me recebeu em seu escritório. Após os cumprimentos, nos sentamos em duas poltronas confortáveis. Não parecia ter muita pressa para ver o trabalho. Antes de abrir o envelope, conversamos sobre vários outros assuntos. Era um sujeito de meia idade, ligeiramente calvo, com idade indefinida. Vestia-se com discrição, paletó, gravata e tudo o mais. Acabei falando do desenho. Contei a ele que tinha sido bem interessante fazer o trabalho. Confessei que, no início, tinha dito que seria fácil desenhar um homem comum, mas não tinha sido. Fiz um resumo das principais dificuldades e dúvidas que tinham me assaltado e, enfim, mostrei o desenho. O homem examinou o desenho com grande atenção. Depois me encarou demoradamente. Em seguida, levantou-se e começou a se despir. Fiquei paralisado. Debaixo daquelas roupas, calça, camisa, paletó, surgiu o corpo de uma mulher. Um maravilhoso e atraente corpo de mulher. Seios delicados e rijos. Braços, ombros, coxas foram pouco a pouco se desnudando na minha frente. Por fim, a mulher retirou de seu rosto a máscara de borracha. Ela era jovem. Tinha olhos brilhantes e úmidos, cabelos longos e negros. Sorriu para mim. Tentei dizer qualquer coisa. Ela me impediu com um gesto, como se dissesse que não valia a pena falar naquele momento. Em seguida, aproximou-se e sentou-se no meu colo. Encostou os seios no meu peito. O corpo dela era leve. Às vezes sussurrava qualquer coisa em meu ouvido. Abracei-a com cuidado. Rimos espantados silenciosamente. 🍷



**RICARDO AZEVEDO**

É escritor e desenhista com vários livros publicados, entre eles, **Feito bala perdida e outros poemas** (Ática, 2007); **O motoqueiro que virou bicho** (Moderna, 2012); **Caderno veloz de anotações poemas e desenhos** (Melhoramentos, 2015) e **Trago na boca a memória do meu fim** (Ática, 2019).



**A LIBERDADE  
FORTALECE  
A VERDADE**

JORNADA

# Liberdade de Expressão

Ganhe os melhores  
argumentos para  
vencer a censura.

**INSCREVA-SE GRATUITAMENTE!**



+ Receba grátis também:

- Depoimentos Narrativas da Censura, com Constantino e Flavio Gordon
- Ebook Argumentos Sobre a Liberdade, de John Stuart Mill
- Curso Liberdade de Expressão, com Guilherme Cunha Pereira

[gazetadopovo.com.br/liberdade](http://gazetadopovo.com.br/liberdade)

**GAZETA  
DO POVO**

# HAICAIS DE JACK KEROUAC

Tradução: **Gabriela Ribeiro Lozano**

Alone, in old  
clothes, sipping wine  
Beneath the moon.

Sozinho, em roupas  
velhas, bebendo vinho  
Sob a lua.

After the shower  
the red roses  
In the green, green.

Depois do banho  
as rosas vermelhas  
No verde, verde.

All I see is what  
I see —  
Red fire sunset.

Tudo o que vejo é o que  
eu vejo —  
Pôr-do-sol vermelho em brasa.

Autumn eve — my  
mother playing old  
Love songs on the piano.

Tarde de outono — minha  
mãe tocando velhas  
Músicas de amor no piano.

Autumn night  
low moon —  
Fire in Smithtown.

Noite de outono  
lua no horizonte —  
Fogo em Smithtown.

Morning sun —  
The purple petals,  
Four have fallen.

Manhã de sol —  
As pétalas púrpuras.  
Quatro caíram.

My friend standing  
in my bedroom —  
The spring rain.

Meu amigo de pé  
no meu quarto —  
A chuva de primavera.

My butterfly came  
to sit in my flower,  
Sir Me.

Minha borboleta veio  
pousar na minha flor,  
Senhor Eu.

Nightfall — too dark  
to read the page,  
Too cold.

Anoitecer — muito escuro  
para ler a página,  
Muito frio.

The other man, just as  
lonesome as I am  
In this empty universe.

O outro homem, tão  
solitário quanto eu  
Nesse universo vazio.

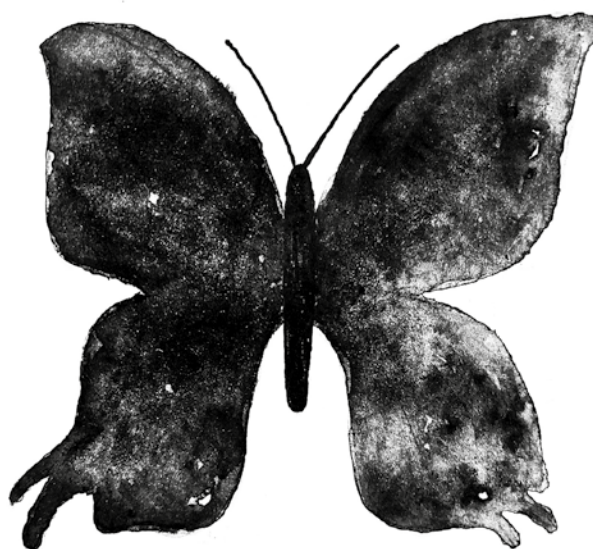
The night  
is red  
with stars.

A noite  
é vermelha  
com estrelas.



## JACK KEROUAC

(1922-1969) se consagrou com romances como **On the road**, **Os vagabundos iluminados**, **Cidade pequena, cidade grande** e o relato, mais intimista, **Big Sur**. Além da vasta produção de romances, **O livro de haicais** reúne mais de quinhentos poemas do autor, produzidos entre 1956 e 1966, e sublimados no ritmo autônomo de criação de Kerouac. Através da influência do poeta Gary Snyder, que passou parte da década de 1950 viajando pelo Japão, Jack Kerouac absorveu a forma tradicional do haikai e o reinventou no estilo americano, apelidado de "pop" — simplesmente um poema de três linhas que traduzia, ao modo singular do autor, a realidade e preenchia suas cartas, diários e romances.



"You and me"  
I sang  
Looking at the cemetery.

"Você e eu"  
Cantei  
Olhando para o cemitério.

You'd be surprised  
how little I knew  
Even up to yesterday.

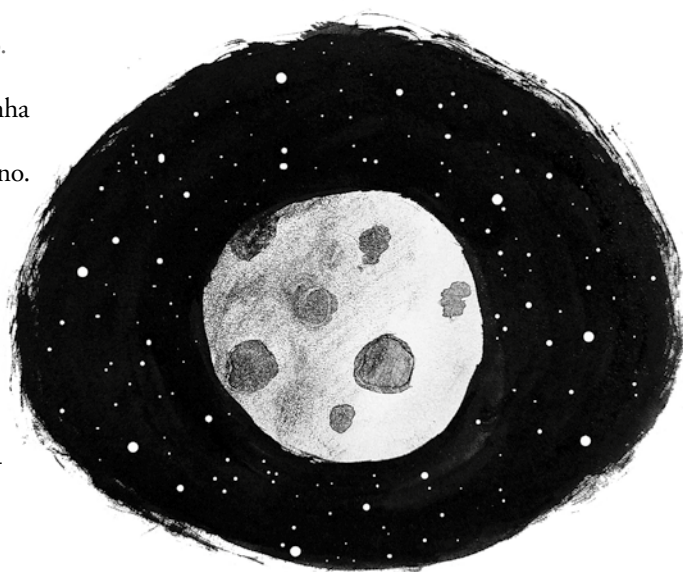
Você ficaria surpreso  
o quão pouco eu sabia  
Até ontem.

You paid your homage  
to the moon,  
And she sank.

Você prestou sua homenagem  
à lua,  
E ela afundou.

Waiting with me for  
the end of this ephemeral  
Existence — the moon.

Esperando comigo pelo  
fim dessa existência  
Efêmera — a lua. 🌕



Ilustrações: **Bruno Schier**

## A TRADUTORA

### GABRIELA RIBEIRO LOZANO

nasceu em 1999, em Santa Fé do Sul (SP) e, atualmente, vive em São Paulo. Cursa o bacharelado em Letras (Espanhol/Português) na USP. Pela Editora Primata, publicou a plaquete **o amor é o fim do cerco** (2021), além de publicação na revista digital *Sucuru*, no projeto de poesia Totem&Pagu, na edição digital da *RevistaRia* #16 e na revista *Aboia*. Também colabora no projeto de publicações independentes *Vítimas da Op Art* Edições, idealizado por Sandro Garcia.



# AUREA

**PAULA MACEDO WEISS**

**AUREA PEREIRA STERBEL**

Ilustração: **Denise Gonçalves**

## 7. Garimpo do João Pretinho

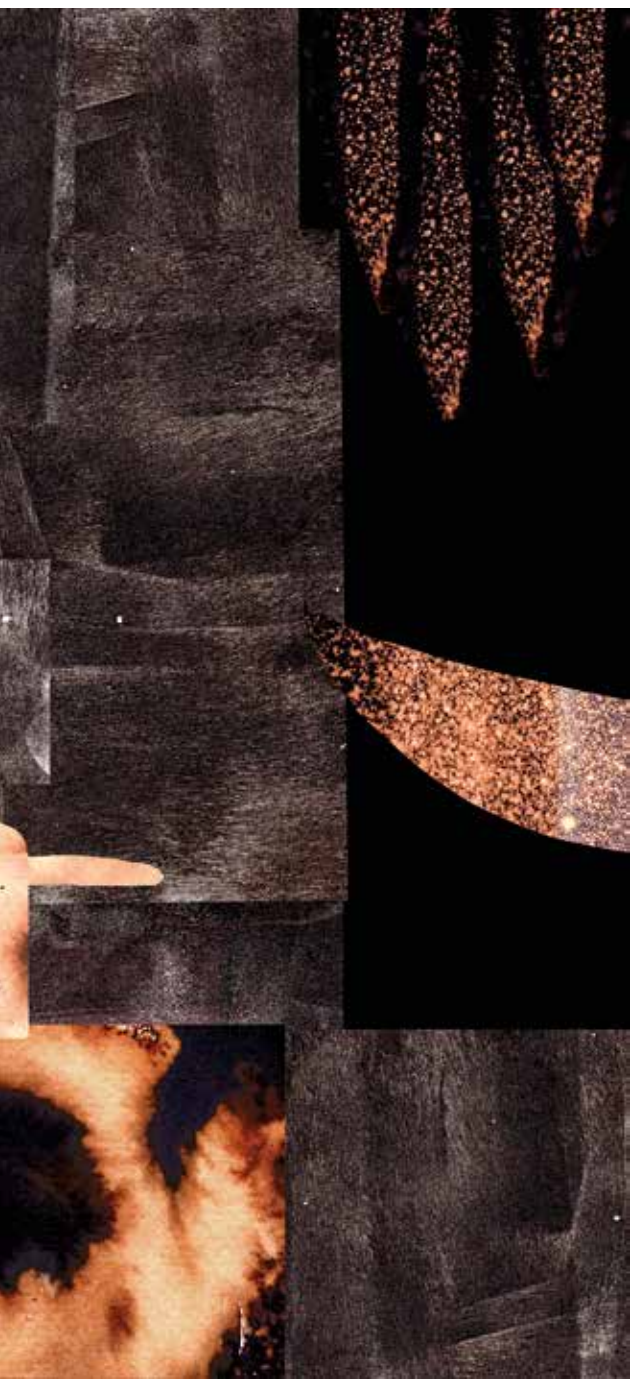
**A**urea acordou cedo. Gostava da rotina. Do cheiro do café na casa ainda silenciosa, de sorvê-lo ainda assonada. Hoje, porém, seria diferente, tinha uma longa viagem pela frente. O pior não era o caminho, mas a partida. Não vai ser fácil deixar a filha. Mas vai. Resolveu. Não tinha mais volta.

O garimpo do João Pretinho ficava no Pará, na região do Vale do Rio Tapajós; o nome da cidade desapareceu na memória. Foi para lá a chamado de uma amiga que vislumbrou riqueza. Estava numa dureza sem fim, com a filha pequena e sem perspectiva. Decidiu deixar a filha com o irmão mais velho, Aurélio, em quem confiava, e se aventurar por esse chão. Deixou-se levar pelo sonho do ouro, embarcou na promessa. Foram juntas. Com vinte e tantos anos, Aurea foi ser cozinheira no garimpo do João Pretinho.

A viagem demorou quatro dias de ônibus, dois dias de barco e mais umas horas de avião. Entraram na selva por Marabá, no Pará, de lá pegaram um bimotor que as levaram até o garimpo, que era o que chamam de garimpo dos altos, aonde só se chega e sai de avião. Nunca tinha andado de avião e, ao perguntarem se tinha medo, disse: Se um homem já foi, eu vou também.

A última etapa da viagem de ida, a parte aérea, o dono do garimpo pagava a título de empréstimo, era uma forma de aliciamento, uma balela para capturar esperançosos. Uma vez lá, o dono tinha o monopólio e sabia com dificultar a volta. O preço da passagem de volta era praticamente impagável, mas quem pensava nisso na chegada, cheio de sonhos e esperança?

Havia no garimpo pessoas de diferentes origens, com experiências de trabalho diversas. Pindaré, por exemplo, tinha sido jogador de futebol; sem emprego, foi para lá como muitos para enriquecer. Seu apelido era o nome do seu lugar de nascimento. Cada um que chegava recebia um apelido, geralmente o nome



da cidade de origem ou uma característica própria predominante. Aurea, apesar de ser mineira, ficou conhecida como Baiana; pois diziam ser muito cheia de vida, atirada. Assim ficou.

A realidade era bruta, imperava a lei de cada um por si. O chão do garimpo por onde homens e mulheres transitam é como areia movediça, e pode engoli-los a qualquer momento, difícil de se libertar. As chances de sair de lá sem vida eram grandes, a morte os rodeava constantemente... doença, violência, acidente, desespero ou pura desilusão. Chegavam com sonhos e eram confrontados com uma realidade tão dura como os barrancos que as dragas comiam para expelir o ouro. Com a terra destruíam tudo que tinha pela frente.

O barro residual da despescagem é uma terra doente, com pouquíssima fertilidade para gerar brotos e alimentos, praticamente não nasce mais nada. Tentando conseguir novos alimentos, Aurea plantava ali mesmo, não tinha opção. Plantava leguminosas, persistia. Com muito trato, conseguia colher maxixe, às vezes um tomate ou outro, mas na ordem do milagre.

Não havia praticamente nenhuma infraestrutura, pouca variedade de alimento e quase nada

fresco. Havia uma mercearia onde os peões compravam seus alimentos, farinha de milho grossa, açúcar, óleo, carne seca, sardinha em lata e ovo. Viviam de omelete, farofa com carne seca e sardinha entalada. Vez ou outra um peixe fresco. O ditame era ser criativo e ter disposição.

Aurea fazia das tripas coração. Quando chegava carne fresca, não era mais fresca. Em trânsito por horas debaixo de um sol de quarenta graus, mesmo em isopor, o pouco que chegava era quase sempre pútrido. Nos dias de sorte, quando aproveitável, fazia milagres com sua tábua de bater carne, até carne moída para o pastel saía das suas mãos, para felicidade de uma gente carente de tudo. Fez logo amizade com as meninas da boate, todo mundo fez amizade com ela. Como cozinheira reinava sobre os alimentos, tinha certo poder, a comida também era nesse desterro inospitaleiro uma moeda forte na troca de favores. Na cultura do garimpo era usual se pagar serviço com ouro. Os peões jogavam bola e pediam para Aurea lavar suas roupas encardidas de barro, pagando com um tiquinho de ouro. Essa foi uma forma de juntar algum dinheiro e melhorar as economias.

A sede do garimpo ficava na beira da pista de pouso. Era um conjunto de casas de madeira e lona preta, cada uma com uma atividade própria. Tinha o escritório e a casa do João Pretinho, a comedoria, o bar com uma boate, um dormitório e uma mercearia. Aurea tinha o direito de morar no dormitório que ficava atrás da cozinha, uma construção comprida com vários pequenos aposentos com rede e sem cama, que davam para um longo corredor com um banheiro coletivo no final. Quando contraiu malária e muito enferma a ponto de não poder mais cozinhar, Aurea parou de receber salário, mas pôde permanecer por lá.

Quando ficou doente, ficava o dia inteiro no quarto, sem tarefa nem distração. A inércia só fazia aumentar a angústia. Sentia uma saudade doentia da filha, como se um pedaço do peito tivesse sido arrancado. Uma hora se descontrolou, não dormia há dias, não sabia dormir em rede. Era filha de baiano, mas na sociabilização, mineira. Deitada na rede enviesada, enfurnada no quarto, surtou; não foi a primeira vez. Com seu histórico e no seu limite psíquico, essa situação de impotência e exaustão quase a levou ao enlouquecimento. Quando lhe batia essa agonia, querendo voltar para casa, sem dinheiro para passagem de volta, ela corria para se atirar no rio Tapajós, queria morrer de qualquer jeito, queria pôr um fim, queria. Nessas horas, aquela amiga que prometeu fortuna corria atrás, aflita, com medo de perder Aurea, gritando:

— Baiana, não pula, você não sabe nadar!

Mas Aurea não aguentava mais. Nessas ocasiões a companheira arrumava uma garrafa de uísque e as duas faziam peixe fresco na folha de bananeira e bebiam até esquecer. A amiga não aguentou, partiu na primeira oportunidade para um outro garimpo, mais urbano, renovada esperança.

A malária de três cruces que assolava o garimpo do João Pretinho era endêmica. Na beira do rio, com águas paradas, era um manancial para a doença. Praticamente impossível não pegar. Para curar, quinino. Aurea sofreu muito, tinha febre de hora marcada. Todo dia às seis horas caía num febrão delirante. Tinha alucinações, dores no corpo, pensou que fosse morrer sem ver a filha.

Tomava um comprimido de quinino por dia, tratamento ainda em voga naquele tempo. Ali, não havia hospital, nem nada. Doente, sem condições de trabalhar, não recebia. Na economia informal do garimpo, só trabalho efetivado era remunerado. Sem dinheiro para comprar a passagem de volta, que na época custava cinco mil reais, ficou ilhada nesse moedor de gente.

Um certo dia, chorando desesperanças, escutou alguém bater na porta; ela pergunta quem é. A voz do outro lado da porta disse:

— Oi, Aurea, não assusta não, sou eu, a mamãe. — Ela, então, atravessou a porta sem abrir e adentrou o quarto. Estava com um vestido azul-claro, tipo camisola, linda e angelical na lembrança da Aurea. Sua mãe então lhe disse:

— Não se preocupa, Aurea, eu arrumo uma saída para você. Você vai embora. Vou achar uma solução.

Aurea se acalmou com a visão do espírito da mãe. Se foi visão ou delírio, não se sabe. Dormiu, enfim, reconfortada e confiante em seguida.

No outro dia, três horas da tarde, chegou um avião. Entre os recém-chegados estava um garimpeiro do Maranhão, Guimarães. Arredio, chegou para ser encarregado do Baixão, sítio de cata e despesca do ouro e de morada dos peões. Quando Aurea o viu, gamou. Ele quis outra, uma menina loira da boate, Isabel. Isabel era muito amiga de Aurea, divertida, se entendiam. Aurea gostava de Guimarães, que gostava de Isabel, que gostava da vida. Sabido é que esta escreve certo por linhas tortas. Quando Isabel num rompante resolveu partir para outro garimpo, Aurea aproveitou a chance e o conquistou num forró na boate. Aceitou o convite para morar com ele no Baixão, numa barraca caiada, de lona preta, embaixo de um sol inclemente, lá dentro temperaturas infernais. Guimarães arrumou um colchão velho, fez uma cama de forquilha, ela tinha medo de cobras e caninanas não faltavam. Era um luxo ter um leito e privacidade num mundo em que todos dormiam amontoados. Co-

mo encarregado do Baixão, Guimarães tinha privilégios.

Da pista de pouso, a uns dois quilômetros mata adentro, em direção ao rio, ficava o Baixão. Os peões trabalhavam e viviam entre barrancos, dragas, buracos, carpetes, em barracas feitas de toldo e plástico. Na despescagem, lavavam o barro nos carpetes para separar os elementos residuais do ouro. A água lava e leva o supérfluo. O mais pesado, um metal prateado brilhante, fica preso no carpete. Para o ligamento, jogavam azougue. Ninguém se importava com a saúde, com o meio ambiente, com a natureza. O que valia era o metal, o resto era resto. O metal prateado depois de ligado era queimado numa bateia com maçarico. O líquido dourado resultante fazia tudo ter sentido.

Guimarães era responsável pela coleta, pela despescagem e pelo policiamento do garimpo. Havia muito roubo, muitas mortes. Um boato de fortuna já bastava para a execução sumária. Um amigo morreu de morte matada. Fez muito ouro, enfim sua chance de liberdade, sonhou. Encontraram-no morto depois de dias. Roubaram o ouro, a vida, até as entranhas. Encheram o ventre murcho com pedras, jogaram-no ao rio. Quem achava pepita, melhor se calar. Pindaré, o ex-jogador de futebol, esperto, um dos poucos letrados e que ajudou Aurea quando estava com malária, lhe aplicando soro quando tinha, foi um dos poucos que saíram de lá com dinheiro, na surdina. **1**

#### NOTA

O romance **Aurea** será lançado em breve pela Folhas de Relva.



#### PAULA MACEDO WEISS

Tem mestrado e doutorado em direito pela Universidade de Tübingen (Alemanha). Em Frankfurt, é presidente da Fundação do Museu de Artes Aplicadas e integra o conselho de curadores do Teatro Municipal. É também membro do Conselho diretivo do KW Instituto de Arte Contemporânea em Berlim e da Bienal de Berlim. No Brasil, é membro do Conselho Consultivo Internacional da Bienal de São Paulo. É autora de **Entre nós** e **Democracia em movimento**, ambos pela Folhas de Relva.



#### AUREA PEREIRA STERBEL

Nasceu em 1955, em Belo Horizonte (MG). Mudou-se para Alemanha em 1995. Separada, vive em Frankfurt com a filha e quatro netos.

# LARRY LEVIS

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

## The poem you asked for

My poem would eat nothing.  
I tried giving it water  
but it said no,

worrying me.  
Day after day,  
I held it up to the light,

turning it over,  
but it only pressed its lips  
more tightly together.

It grew sullen, like a toad  
through with being teased.  
I offered it all my money,

my cloths, my car with a full tank.  
But the poem stared at the floor.  
Finally I cupped it in

my hands, and carried it gently  
out into the soft air, into the  
evening traffic wondering how

to end thing between us.  
For now it had begun breathing,  
putting on more and

more hard rings of flesh.  
And the poem demanded the food,  
it drank up all the water,

beat me and took my money,  
tore the faded clothes  
off my back,

said Shit,  
and walked slowly away,  
licking its hair down.

Said it was going  
over to your place.

## O poema que você me pediu

Meu poema não quis comer.  
Tentei dar-lhe água,  
Mas ele disse não,

me preocupando.  
Dia após dia,  
deixei-o contra a luz,

torcendo-o,  
mas ele apenas apertava os lábios  
com força.

E foi ficando taciturno, como um  
sapo ao ser provocado.  
Ofereci a ele todo o meu dinheiro,

minhas roupas, meu carro com tanque cheio.  
Mas o poema fitava o chão.  
Até que enfim o segurei

em minhas mãos, e levei-o com cuidado  
para o ar fresco lá de fora, para  
o trânsito noturno, pensando em como

terminar nosso relacionamento.  
Naquele ponto ele começou a suspirar,  
apertando com mais e mais força

marcando a pele.  
E o poema exigiu comida,  
bebeu toda a água,

bateu em mim e pegou meu dinheiro,  
rasgou as roupas desgastadas  
das minhas costas,

disse, Merda,  
e foi embora, calmamente,  
ajeitando o cabelo com cuspe.

Disse que estava indo  
te encontrar.

## Magician poems – 1. The Magician's exit wound

All day  
the sky has the look of dirty paper.  
My shadow stays indoors.  
I watch its step,

and plan my tricks.  
This evening,  
the loneliness of disappearing acts!  
I think of

poking my head through the sky,  
and, in those frozen pressures,  
of breaking into  
blood on a cloud.

## Poemas do Mágico – 1. As feridas da saída do Mágico

O dia inteiro  
o sol parecia um papel amarfanhado.  
Minha sombra ficou em casa.  
Observo seus passos,

planejando meus truques.  
Nesta noite,  
a solidão dos atos de fazer sumir!  
Eu penso em

espetar minha cabeça no céu  
e, nas atmosferas geladas,  
me transformar em  
sangue numa nuvem.

## L.A., Loiterings – 1. Convalescent home

High on painkillers,  
the old don't hear  
their bones hollering  
anything tonight.

They turn  
harmless and furry, licking  
themselves good-bye

They are the small animals vanishing  
at the road's edge everywhere

## Vadiagens em Los Angeles – 1. Casa de repouso

Dopado de analgésicos,  
os velhos não ouvem  
os ossos berrando  
qualquer coisa à noite.

Eles se tornam  
inofensivos, peludos, lambendo  
uns aos outros, em despedida

São os animaizinhos que desaparecem  
nos acostamentos das estradas por aí



**My only photograph of Weldon Kees**

10 p.m., the river thinking  
Of its last effects,  
The bridges empty. I think  
You would have left the party late,

Declining a ride home.  
And no one notices, now,  
The moist hat brims  
Between the thumbs of farmers

In Beatrice, Nebraska.  
The men in their suits,  
Ill fitting, bought on sale...  
The orange moon of foreclosures.

And abandoning the car!  
How you soloed, finally,  
Lending it the fabulous touch  
Of your absence.

You'd call that style—  
To stand with an unlit cigarette  
In one corner of your mouth,  
Admiring the sun on Alcatraz.

**Minha única fotografia de Weldon Kees<sup>1</sup>**

10 da noite, o rio pensando  
Em seus últimos efeitos,  
As pontes desertas. Eu penso  
Que você sai tarde da festa,

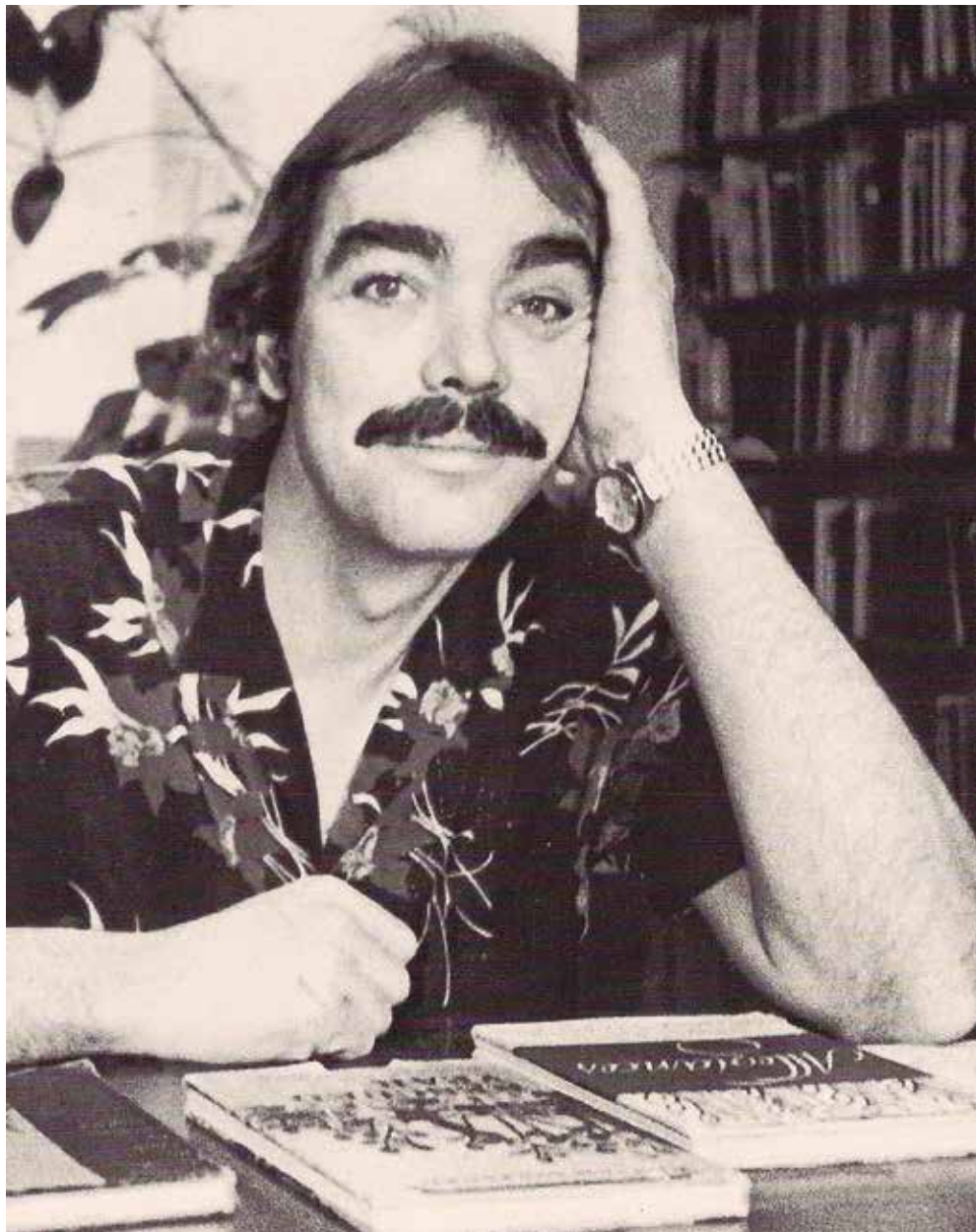
Dispensou uma carona.  
E ninguém se dá conta, agora,  
O chapéu úmido escorregando  
Entre os dedos dos fazendeiros

Em Beatrice, Nebraska,  
Os homens em seus ternos,  
mal cortados, comprados nos saldos...  
A lua laranja das hipotecas.

E abandonando o carro!  
Como você solou, finalmente,  
Dando-lhe o toque fabuloso  
De sua ausência.

Você chamaria de estilo —  
Ficar com um cigarro apagado  
No canto da boca  
Contemplando o sol sobre Alcatraz.

1. Weldon Kees (leia traduções no **Rascunho** 264, de abril de 2022), um poeta nascido em Beatrice, no estado de Nebraska, desapareceu na madrugada de 18 para 19 de julho de 1955, depois de estacionar seu carro junto à ponte Golden Gate, em São Francisco. O corpo nunca foi encontrado, mas, como Kees estivesse endividado, desempregado e deprimido, o caso acabou sendo tratado como suicídio.

**LARRY LEVIS**

Nasceu em Fresno, Califórnia (EUA), em 1946. Foi um poeta premiado e muito admirado em sua breve vida. Levis deixou publicados cinco livros de poemas, e mais três coletâneas póstumas saíram após sua morte, ocorrida em 1996, por conta de uma overdose de cocaína.

**The ownership of the night – 1**

After five years,  
I'm in the kitchen of my parent's house  
Again, hearing the aging refrigerator  
Go on with its music,  
And watching an insect die on the table  
By turning in circles.  
My face reflected in the window at night  
Is paler, duller, even in summer.  
And each year  
I dislike sleeping a little more,  
And all the hours spent  
Inside something as black  
As my own skull...  
I watch  
This fruit moth flutter.  
Now it's stopped.

**A posse da noite – parte 1**

Cinco anos depois  
Estou na cozinha da casa de meus pais  
Novamente ouvindo a velha geladeira  
Prosseguir com sua música,  
E observando um inseto morrer sobre a mesa  
Girando em círculos.  
Meu rosto refletido na janela, à noite  
Está pálido e baço, mesmo no verão.  
E a cada ano  
Me incomoda dormir um pouco mais,  
E todas as horas desperdiçadas  
Dentro de algo que tão escuro  
Quanto o meu próprio crânio...  
Eu observo  
Esta mariposa rodopiar.  
Agora parou. 🦋

Com cautela, Abel chegou-se uma vez mais à janela, arredou um pouco a cortina de voal e contemplou a praia vazia. As ondas acariciavam a areia branca e, além, o brilho do sol, ainda ameno, dava um tom róseo às poucas nuvens e um tom laranja à superfície das águas. A natureza toda parecia exultante naquele domingo de dezembro, quase Natal. Abel afastou-se e suas vistas custaram a acostumar novamente com a sala penumbrosa e abafada. As ordens foram taxativas: não saia do apartamento, não se deixe observar, aguarde. E ele aguardava... Ansiosamente aguardava...

Chegara na tarde do dia anterior. Só fora comunicado de sua missão na hora de embarcar no ônibus, na rodoviária de Juiz de Fora. Um rapaz, pouco mais velho que ele, aproximou-se, sem que percebesse, abraçou-o, chamando pelo nome, e, como fossem velhos amigos, arrastou-o para o bar. Enquanto caminhavam, o rapaz falou, entredentes, para que prestasse atenção, Você vai comprar uma passagem para o Rio de Janeiro, quando desembarcar vai pegar um táxi, dar como endereço, preste atenção que vou repetir só uma vez, Avenida Atlântica, mil seiscentos e cinquenta e sete, Avenida Atlântica, mil-seis-centos-e-cin-quen-ta-e-sete, se apresentar para o porteiro e dizer que vai ficar no apartamento do doutor Nogueira, doutor Nogueira, entendido?, para assistir a final do campeonato, no Maracanã. Não saia pra nada! Apenas espere, amanhã alguém vai procurar você... Encostaram no balcão, o rapaz pediu dois cigarretes, duas Coca-Colas, e, com os pés, discretamente empurrou-lhe a bolsa-de-viagem de napa, que trazia consigo. Mastigando o salgadinho, o rapaz disse, Aí você tem tudo o que precisa. E, a voz um pouco mais alta, passou a falar sobre o jogo, bastava amanhã o Flamengo empatar com o Vasco que desfilaria com a faixa de campeão. O time está jogando demais! Ao terminarem, pagou a conta, entregou-lhe a carteira de couro, falou que o Professor se orgulhava muito dele e pedia que enviasse lembranças ao Tio. Virou as costas e, tão misteriosamente quanto surgira, desapareceu entre os transeuntes que lotavam o lugar. Só quando Abel ocupou a poltrona no ônibus é que sentiu as pernas bambas, o coração disparado, pensou que ia desmaiar.

Abel... Há mais de um ano respondia por aquele nome, mas que de se habituar?! Quem o rebatizara assim fora o Professor. Antes, chamava-se Dênis... Não sabia de onde a mãe tinha tirado aquele nome — nunca conhecera nenhum outro garoto que pudesse chamar de xará... Dênis... Sentia-se, por isso, único... Depois, descobriu na biblioteca do padre Roland, quando frequentava um grupo de jovens, em Cataguases, que Dênis derivava de Dionísio, deus grego do vinho... E então, ao zombarem dele no colégio por

# A MISSÃO

**LUIZ RUFFATO**

Ilustrações: **Fabio Miraglia**



ser gordo e desajeitado e quatro-olhos, aferrava-se ao seu segredo, Dênis, único filho de uma mortal a alcançar a graça de se tornar deus, e mirava os outros, meninos e meninas que o desprezavam e o fustigavam, não com desdém ou raiva, mas com pena. Mais tarde, achou engraçado que a mãe, católica fervorosa, de uma religiosidade cândida e supersticiosa, o tivesse batizado com um nome pagão, enquanto o Professor buscasse para ele inspiração na Bíblia...

Almoçara nas cercanias da rodoviária Novo Rio, engabelando o tempo para chegar em Copacabana no fim da tarde. Já que, após fechar a porta atrás de si, não poderia mais deixar o apartamento, queria garantir que não passaria fome. Refestelou-se com uma feijoada completa, que ampliou ainda mais a sensação de calor que sufocava o sábado e que nem as duas garrafas de Crush, bebidas no gargalo, abrandaram. A camisa molhada, o rosto respingando suor, correu os quiosques e comprou o Jornal do Brasil, cinco pacotes de Mirabel, quatro de *cream cracker* Duchon e três Chokitos. Jogou tudo na bolsa-de-viagem — não havia tido coragem de abri-la ainda —, tomou um táxi e recitou o endereço, que vinha repetindo desde o momento que o ouvira em Juiz de Fora. Nunca havia pisado no Rio de Janeiro e, olhos arregalados, percorreu a paisagem, de um lado, as praias lotadas, o imenso mar azul, de outro, edifícios altos, em cujas esquinas banhistas apinhavam os

botequins bebendo chope e espetando tira-gostos, a brisa salgada enchendo os pulmões. O mundo manifestava-se em alegria, divertimento, despreocupação... E, então, percebeu-se desamparado, longe de tudo, longe de todos... E uma enorme angústia instalou-se no peito, comprimindo-lhe a garganta...

O porteiro, sotaque nordestino bem pronunciado, recebeu-o com desconfiança. Bastou, no entanto, mencionar o nome do doutor Nogueira que seu rosto iluminou-se, Doutor Nogueira, gente fina, decente, anda sumido, telefonou, pediu para deixar a chave, aqui, ó, e repassou-a, sorridente. Veio então ver a final do campeonato? Abel respondeu que sim e repetiu as palavras ouvidas em Juiz de Fora. Amanhã, basta o Flamengo empatar que posa com a faixa de campeão. E o time está jogando demais! É verdade, o porteiro concordou, desconsolado, revelando que torcia para o Ceará, mas que, no Rio, era Botafogo, Por causa da cor, disse, explicação que Abel só entendeu muito mais tarde, quando lembrou, Ah, claro, ambos são alvinegros!

Encontrava-se tão tenso que ao descer do táxi nem notou detalhes da fachada do prédio. Subiu apressado o lance de escadas e apresentou-se resfolegante ao porteiro. Com a chave na mão, entrou no elevador, apertou o botão do oitavo andar e, após tran-

car a porta do apartamento, tirou o relógio Seiko, pulseira de aço, jogou-se no tapete da sala, exausto, adormecendo quase de imediato. Acordou zozno, dolorido, sem noção das horas. O jogo de luz e sombra tornava o cômodo um barco ancorado, galeando ao sabor da aragem. O corpo permaneceu inerte, entorpecido. E emergiu a lembrança de uma viagem, quando tinha quinze anos... Chiquinho, um motorista conhecido do Abílio, seu irmão mais velho, transportava móveis para uma fábrica de Ubá. Abílio comentou com Chiquinho que Dênis desejava muito conhecer o mar e este se prontificou a cumprir o desejo, desde que se sujeitasse a substituir seu ajudante. Dênis não conseguia controlar a excitação quando entrou na cabina do Mercedes cara-chata truca-do, no qual iriam rodar quase mil e quinhentos quilômetros Rio-Bahia acima até Conceição do Coité, na Bahia, com paradas para descarregar em Inhapim, Padre Paraíso e Serrinha. Na volta, o caminhão vazio, Chiquinho desceu pela BR-101 para uma rápida parada em Guarapari. Estacionou na beira da praia do Riacho, Dênis desceu, sem camisa, a calça arregaçada, entrou no mar, afundou a cabeça, engoliu água, assustou-se com as ondas, saiu, sentou na boleia do caminhão, e, coçando-se, enfrentou resignado os restantes quatrocentos quilômetros até Cataguases, onde apeou, mapado de feridas provocadas pelo sal grudado na pele.

Acendeu a luz, clareando a pequena sala, sofá de dois lugares coberto por um pano azul-marinho, estante com seis ou sete livros, um pesado cinzeiro de cristal sobre a mesinha de centro, cesta de bambu cheia de revistas velhas, radiola, alguns discos, telefone estendido no chão, tudo coberto por um pó preto, há muito, parecia, alguém não punha os pés naquele apartamento. Caminhou pelo estreito corredor escuro, abriu a porta da direita, o cômodo vazio, tacos soltos, bocal sem lâmpada; abriu a porta da esquerda, acendeu a luz, cama de casal com colcha de piquê vermelha, criado-mudo, verificou o guarda-roupa, fedendo a naftalina, cobertor, toalhas de banho, terno cinza, ruço, pendurado num cabide de arame; penetrou na cozinha, acendeu a luz, mesa e quatro cadeiras de fórmica azul-claro, geladeira, dentro uma garrafa de água de plástico, no armário algumas panelas, copos e talheres, fogão forrado por uma fina camada de gordura, e, acima da pia, a janela, emperrada, dava para os fundos de outro prédio. Nenhuma fotografia, nenhum quadro, nenhum indício do tal doutor Nogueira. Doutor... Seria médico, colega de profissão do Professor? Ou advogado... Por que emprestaria o apartamento para uma missão tão comprometedoras? Seria também militante? Ou simples simpatizante? Ou ainda apenas um homem ingênuo e desinformado? Ingênuo e desinformado? Não, não, não... Ingênuos e desinformados sua mãe, seu pai, seus irmãos, seus antigos amigos... Esses sim... Ingênuos e desinformados... E era por eles que se encontrava ali agora, por eles e pela imensa massa de ingênuos e desinformados que naquele exato instante viviam suas vidas, despreocupados, alienados do que verdadeiramente ocorria no país... E que ele, Abel, e alguns poucos sabiam... Respirou fundo e sentiu como que um halo em torno de sua cabeça... Sim, diferenciava-se da multidão, detinha um conhecimento, afastava-se do povo ignaro, não para abandoná-lo, mas para servi-lo... Por eles, pelos milhões de anônimos, a tudo alheios, é que aceitara sacrificar a sua juventude, entregar-se à Causa, mesmo que isso significasse privar-se da própria vida, como apregoava o Professor.

Abel orgulhava-se de ser o preferido do Professor, a quem procurara, recomendado pelo padre Roland. No começo, não compreendeu por que exibiam-no como um bicho exótico, mas depois acostumou-se, e até passou a gostar de ser considerado quase como um troféu, o legítimo representante do proletariado. Filho de uma lavadeira de roupas e de um faxineiro numa fábrica de tecidos, o Professor indicava-o como um símbolo da luta contra a opressão da ditadura militar, como exemplo do esforço bem-sucedido para atrair as camadas populares para dentro do movimento revolucionário. Gastava horas doutrinando Abel, imperturbável respondendo

suas perguntas, muitas vezes pueris, outras embaraçosas, emprestava-lhe livros, pagava o aluguel numa pensão na parte baixa da rua São Sebastião, franqueava a cozinha de sua casa para que almoçasse e jantasse quando queria. Claro, se por um lado o tratamento díspar causava admiração, por outro, alimentava ciúmes e invejas. O grupo que frequentava a república da praça do Cruzeiro, sob pretexto de aprender inglês, era formado basicamente por estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, cujo único contato com pessoas oriundas de “famílias humildes” eram os mutirões para bater laje em bairros da periferia, organizados pelo Professor. O esforço físico educa o corpo e o trabalho em conjunto instrui o espírito, ensinava, enquanto devoravam a feijoada, sentados no quintal da casa em construção, após concluírem a tarefa.

O Professor morava no Bom Pastor, médico distinto, docente na universidade, reservava as tardes de quartas e sextas-feiras para atender enfermos carentes no Hospital-Escola, além de manter abertas as portas de seu consultório particular a quem o procurasse, tivesse ou não dinheiro para pagar a consulta. Por isso, venerado pelos pobres, adorado pelos alunos. Baixo e calvo, vestido de branco, pés à cabeça, óculos de lentes escurecidas que escondiam plácidos olhos castanhos, o Professor descendia de famílias aristocráticas, diziam que o avô, dono de extensas fazendas de café na região, fora agraciado com o título de barão. Ele mesmo explicava que, quando morara em Paris, onde se especializou em pneumologia, mergulhara nos prazeres mundanos, dos quais restaram o gosto requintado por charutos e vinhos. Comentava-se que sua idade girava em torno dos quarenta e cinco anos, mas o jeito curvado, a fala pausada, o leve tremor das mãos, concedia-lhe bem mais. Católico de frequentar a missa vespertina aos sábados na Catedral Metropolitana, militava, ao mesmo tempo, naquele grupo clandestino, e, nisso, não via nenhuma contradição. Argumentava que um bom cristão no fundo é comunista, assim como um comunista verdadeiro professa o cristianismo mais autêntico, pois as bases humanísticas de ambas as visões de mundo convergiam para o mesmo objetivo.

Enfim, resolveu explorar a bolsa-de-viagem. Abriu o feche-ciler, tirou o Jornal do Brasil, os pacotes de Mirabel e de biscoito *cream cracker* e as barras de chocolate, depositou sobre o criado-mudo. Apareceram uma camisa e um par de meias, que depositou sobre a colcha de piquê. Restaram alguns volumes retangulares, iguais, embalados com capricho em papel pardo. Retirou o primeiro, desembalhou, um tijolo. Retirou o segundo, desembalhou, outro tijolo. Retirou o terceiro, desembalhou, mais um tijolo. Exasperado, retirou o quarto e último, um pouco diferente

dos anteriores, no peso e no formato, desembalhou e deparou com um trinta-e-oito e duas caixas de munição. Instintivamente, conferiu se alguém o espiava. Dirigiu-se à cozinha, as pernas bambas, buscou a garrafa de plástico na geladeira, vazia!, pegou um copo americano no armário e bebeu água da torneira, um copo, dois... O corpo todo suave... Parecia que uma fogueira ardia, por dentro... Do prédio vizinho aportavam vozes ininteligíveis, da avenida lá embaixo, barulho de carros... A noite descera por completo...

Aprendera a atirar fazia dois meses — até então, nunca havia visto uma arma. O Professor convidara seletos grupos para um passeio no fim de semana. Madrugada de sexta-feira para sábado, encontraram-se na rua Santo Antônio, no teto da Kombi inúmeras varas de pescar amarradas. Difícil reconhecer o Professor, ao volante, chapéu de palha, botina de couro, camisa estampada e calça de brim. Para despistar, zigzaguearam por várias ruas de Juiz de Fora antes de embicarem para a rodovia que leva a Leopoldina. Após rodarem vinte quilômetros adivinhando pastos ressequidos, voçorocas e cupins, tomaram a estrada de chão para Chácara. O Professor se perdeu algumas vezes no entrecruzamento de atalhos, talvez confuso pelo lusco-fusco. Afinal, alcançaram a sede de uma fazenda, aparentemente abandonada há anos, o mato tomava conta do terreno, algumas paredes achavam-se em ruína e parte do teto desabara. O Professor mostrou-se surpreso com o estado do casarão e, no primeiro momento, buscou um lugar onde pudessem se acomodar. Descobriu satisfeito que a parte traseira mantinha-se razoavelmente conservada, sala de jantar, cozinha e despensa, e então ordenou que descarregassem a Kombi, um pacote de arroz, três de macarrão, um litro de óleo Mazola, dois cor-

tes de carne numa caixa de isopor, e alguns cobertores Parahyba, que serviriam de manta e colchão. Mas não conseguiram usar o fogão-de-lenha, cuja chaminé devia estar entupida, a fumaça tomou conta do lugar, e tiveram de improvisar um braseiro numa lata grande de Claybom, que encontraram enferrujada num canto da tulha. Naquela mesma manhã, o Professor apresentou-lhes uma pistola Beretta, um revólver Colt 45 e um fuzil Mauser, que revezaram atirando em mangas maduras colocadas num pedestal improvisado no antigo pomar. Abel acertou no alvo algumas vezes, porém a munição logo acabou e passaram o resto do tempo a estudar o Minimanual do Guerrilheiro, numa cópia mimeografada que Carlão, um dos camaradas, lia, e o Professor explicava. No breu da noite, contaram histórias de fantasmas, ilustradas por guinchos de morcegos, chirriar de corujas e ruídos insondáveis.

A fazenda, o Professor contou, pertencia à família da mulher, mas, com a morte dos pais, encontrava-se num limbo jurídico, já que a partilha da herança fora contestada por alguns irmãos. Ele lamentava o colapso do casarão, porque, embora símbolo de uma época de desigualdade social extrema, datava dos tempos da escravidão, tratava-se de um deslumbrante exemplar de arquitetura colonial. A queda de parte do telhado e o desmoronamento de algumas paredes deixavam à mostra restos da mobília destruída, que o Professor, desolado, ia descrevendo, este jacarandá foi um dia cômoda, estes estilhaços de vidro bisotado pertenceram a uma cristaleira belga, este monturo irreconhecível era um sofá estilo Luís Felipe... Enquanto caminhava por entre os escombros, ele resgatava fotografias desbotadas, documentos roídos por traças, livros comidos por cupins, pequenos objetos incrustados nos entulhos.



Abel chegou-se novamente à janela, arredou um pouco a cortina de voal, contemplou a praia, cujos espaços começavam pouco a pouco a ser preenchidos por guarda-sóis coloridos — gomos de azul, amarelo e vermelho —, homens e mulheres espichados na areia, ambulantes apregoando mate gelado, bebidas, picolés, biscoitos Globo. No passeio, um grupo de torcedores, aglomerados em torno de um bumbo, agitavam bandeiras rubro-negras. Mais à frente, crianças cercavam um carrinho da Kibon. Abel afastou-se, sentou no sofá, nunca havia tomado Eski-bon. Às vezes passava na calçada da Padaria Brasil, em Cataguases, olhava o cartaz do sorvete e ficava imaginando que gosto teria aquilo, uma fina capa de chocolate cobria um tablete branco, seria coquinho? Uma ocasião vira na rua uma menina mordendo um Eski-bon e até pensara em perguntar para ela, mas recuou, envergonhado... Levantou, correu o dedo na tábua escura da enorme estante, que, pelas marcas deixadas pela lombada dos livros na poeira, um dia estivera lotada. Agora, no entanto, apenas alguns parcos títulos, como soldados feridos deixados para trás: Almanaque Mundial 1962, Fernão Capelo Gaivotas, As sandálias do pescador, Bom dia, tristeza, Ben-Hur, E o vento levou, O macaco nu, Como fazer amigos e influenciar pessoas. Abriu a radio, elepês empilhados. Na cesta de bambu, revistas de dois, três anos, Manchete, O Cruzeiro, Placar...

Que diria a mãe, Abel pensava, se o flagrante ali, enclausurado num apartamento empoeirado, ela, obcecada por limpeza. Sempre ouvia, orgulhosa, quando levava os filhos ao posto de saúde da Vila Teresa, o doutor Joubert dizer, Parabéns, dona Gercina, nunca vi crianças tão asseadas. Passavam dificuldades, é certo, o salário do pai na Industrial, onde labutava oito horas por dia varrendo e juntando o algodão que acumulava no piso, mais o dinheiro auferido pela mãe na lavagem de roupas, mal dava para pagarem o aluguel de uma minúscula casa geminada na Saudade e comerem arroz com feijão e verdura de folha — carne apenas nos domingos e assim mesmo músculo, costela, maçã de peito... Mas, eram limpos, a mãe vangloriava-se. Limpos como as trouxas que lavava e passava, de segunda a sábado, e que deixavam suas mãos estropiadas por causa da água sanitária, a pele amachucada pelo sol. Abel herdara do irmão a função de entregador nas casas do centro da cidade. Sempre mandavam-no atravessar o corredor lateral que levava à porta da cozinha, onde as empregadas, uniformizadas, o recebiam, trocando as roupas limpas por roupas sujas. Às vezes, perguntavam se queria comer um pedaço de bolo, tomar uma caneca de café com leite, até mesmo, eventualmente, dependendo se chegasse na hora do almoço, se aceitava um prato de comida — coisas que, contrariando os conselhos da mãe,

Abel, guloso, aceitava. Mas havia aqueles lugares, a maioria na verdade, em que sequer passava do portão — apertava a campainha, a empregada vinha, trocava as trouxas, nem uma palavra, nem um olhar, nada.

Na noite anterior, após consumir dois pacotes de Mirabel e dois de *cream cracker*, ainda desassossegado pela presença do trinta-oito em sua bagagem, Abel tentara espaiar. Para além da cortina de voal, pisca-piscas provocavam espasmos luminosos nos apartamentos dos prédios vizinhos, lembrando outras noites, quando vagalumes cruzavam a escuridão abrasadora de Cataguases, pequeninas estrelas voadoras ao alcance das mãos. Onde moravam, poucas famílias montavam árvore de Natal, mas quase todas davam jeito de regalar os filhos, bugigangas que os iludiam por algumas horas. Abel guardava más recordações das manhãs do dia vinte e cinco, quando a criançada juntava-se para comparar presentes, os dele, minúsculos carrinhos de plástico adquiridos pelo pai na véspera, que recebia com embaraço e raiva, sob a promessa de que no ano seguinte seria diferen-

te. Sempre alguém ganhava uma bola de futebol e saíam correndo todos para bater uma pelada. Gordo, lento, óculos fundo-de-garrafa, Abel permanecia fora do campo, sozinho, esperançoso de que o convocassem — contudo, quando o faziam, escalavam-no como arqueiro, divertindo-se tanto quando faziam gol, quanto quando acertavam uma bolada em seu corpo. Acabou adormecendo no sofá, embalado pelo barulho das ondas, o *Jornal do Brasil* desfolhado no chão, página aberta numa reportagem sobre vacinação em massa contra meningite.

Às vezes, Abel sentia-se confuso com as discussões havidas no grupo. Certa feita, o Professor disse que, tendo morado na França, Em Paris!, ele ressaltava, podia falar com fundamento que, igual ao Brasil, não havia outro lugar no mundo. E enaltecia o povo, a comida, a paisagem, e proclamava que deveríamos nos apropriar com orgulho dos símbolos nacionais, a bandeira, as cores, o hino, sequestrados pela ditadura militar. Abel, querendo agradecer, evocou uma música, sucesso nas rádios, que mais ou menos repetia aquele discurso, causando

Ilustrações: **Fabio Miraglia**

constrangimento e risos abafados. Então, didático, o Professor explicou, a canção que, num ritmo marcial, repetia o estribilho, Eu te amo, meu Brasil, eu te amo/ Meu coração é verde, amarelo, branco e azul anil, nada mais era que uma patacoada ufanista, enquanto ele propunha uma mensagem de amor ao país, às coisas do país. Eles desejam manter essas riquezas para um pequeno grupo privilegiado, nós lutamos para distribuí-las a todos, equanimemente. Eis a diferença, a enorme diferença, concluiu, sob a admiração silenciosa dos discípulos.

Se a substituição do general Médici pelo general Geisel, em março, insuflara temores, a Revolução dos Cravos, em Portugal, no mês seguinte, colocando fim à longa noite salazarista, resgatara os ânimos do grupo, evidenciando, segundo o Professor, o único caminho possível para pôr fim ao obscurantismo que se instalara no Brasil dez anos antes: a tomada do poder pela força. O Professor dizia que os que possuíam discernimento sobre a real situação do país formavam a vanguarda do movimento revolucionário, Somos a ponta de lança, o aríete que arrombará os portões apodrecidos da ditadura. Assim que dermos o sinal, o povo oprimido se rebelará, os nordestinos que em sua região passam fome e em São Paulo e no Rio de Janeiro são humilhados, os negros até hoje não libertos da escravidão hedionda, as mulheres submetidas à tradição patriarcal e machista, os favelados açoitados pela miséria, os presos que lotam as cadeias injustamente, todos se sublevarão, numa onda enorme, irreprimível, que sensibilizará até mesmo os militares de baixa patente, e nesse dia, que vem próximo, todos sairão às ruas, juntos, como num desfile na avenida Rio Branco, como numa final de campeonato no Maracanã, para comemorar a chegada da nova era... Comovido, o Professor, em geral tímido e avesso à grandiloquência, sentia convulsionarem os músculos.

Arredou mais uma vez a cortina de voal. Passava das onze horas e o sol, agora, castigava os corpos estendidos na praia e as cabeças mergulhadas nas águas azuis. Na calçada, transbordando para a avenida, as bandeiras e camisas do Flamengo e do Vasco duelavam, amistosamente, e Abel imaginou que, àquela hora, desde o mais distante subúrbio, desde o mais miserável morro, uma horda informe e incontável começava a se movimentar, a pé, de ônibus, de carro, para tomar os arredores do Maracanã, ainda abalada pelo fiasco da seleção brasileira, meses antes, na Alemanha, disposta a distrair, por pelo menos um dia, o sofrimento cotidiano. Então, sentiu um cheiro de fumaça de cigarro, e percebeu, quase ao seu lado, no apartamento vizinho, um homem, sem camisa, a fumar, observando-o. Assustado, afastou-se abruptamente e correu para se esconder no banheiro. Trancou a porta, sentou no vaso sanitário e

trêmulo perguntou-se se aquilo era coincidência ou se estaria sendo vigiado. Procurou acalmar-se, ninguém sabia que se encontrava ali, a não ser o porteiro... E o taxista que o trouxera... Ninguém mais o vira... Não, não tinha com o que se preocupar... Respirou fundo, meteu-se debaixo do chuveiro, e tomou uma ducha gelada, pois não conseguiu entender como ligava o gás para quebrar a frialdade da água.

Muitas vezes, Abel envergonhava-se por se mostrar hesitante. Perambulava pelas ruas do centro de Juiz de Fora, caminhava pelas calçadas dos bairros longínquos, frequentava botequins e restaurantes populares e não percebia qualquer prenúncio de que aquelas pessoas todas se preocupassem para além da mais comzinha sobrevivência. Ao contrário, ouvia sempre elogios ao governo e críticas atrozes aos “agitadores” — comunistas, vagabundos, hippies, maconheiros, invertidos, desordeiros... E então, angustiado, à noite, compreendendo-se indigno da confiança do Professor, perdia o sono, e as paredes do quarto minúsculo em que dormia, onde cabiam apenas a cama e a mala de roupas debaixo dela, pareciam sufocá-lo numa esganadura. À porta, que dava para o quintal, desfilavam sombras dos hóspedes que se dirigiam à “casinha”: seu Noêmio, apontador de jogo de bicho; dona Jussara, fornecedora de maconha; Lili, filha de dona Jussara, que deixava-se ver pelada em troca de alguns caraminguás; os irmãos Nonô e Nini, que ganhavam a vida jogando cartas na zona da rua Henrique Vaz; seu Alberto, aposentado, sempre fedendo a mijó; Marcílio, Vadão e Criciúma, peões da Mendes Junior; Lélia e Aninha, tecelãs na malharia Master; dona Nicota, proprietária do pardieiro, e sua amásia, Leda Maluca, que despendia os dias pitando cigarrilha e encharcando-se de Cinzano com cachaça... E tantos outros com quem esbarrava pela cidade, gente sem eira nem beira, pretos, brancos, mulatos, católicos, crentes, espíritas, macumbeiros, que viviam sem pensar no dia de amanhã...

Colocou camisa e meias limpas, acomodou-se no sofá, abriu o derradeiro pacote de *cream cracker* e sobraçou o *Jornal do Brasil*, determinado a lê-lo da primeira à última página. Mal chegou aos editoriais, no entanto, o telefone tocou. Abel entrou em pânico. Não lhe haviam orientado sobre aquilo... Deveria atender? Se fosse alguém do grupo querendo passar instruções?!... Mas, e se fosse alguém procurando averiguar a denúncia do vizinho?!... O coração disparado, Abel conjecturava. Talvez o porteiro, sem maldade, tivesse comentado sobre um rapaz ocupando o apartamento do doutor Nogueira... O doutor Nogueira, já suspeito dos moradores do prédio... O lugar semivazio, no qual ele pouco comparecia... Ou, quem sabe, o próprio doutor Nogueira... Quem era esse dou-



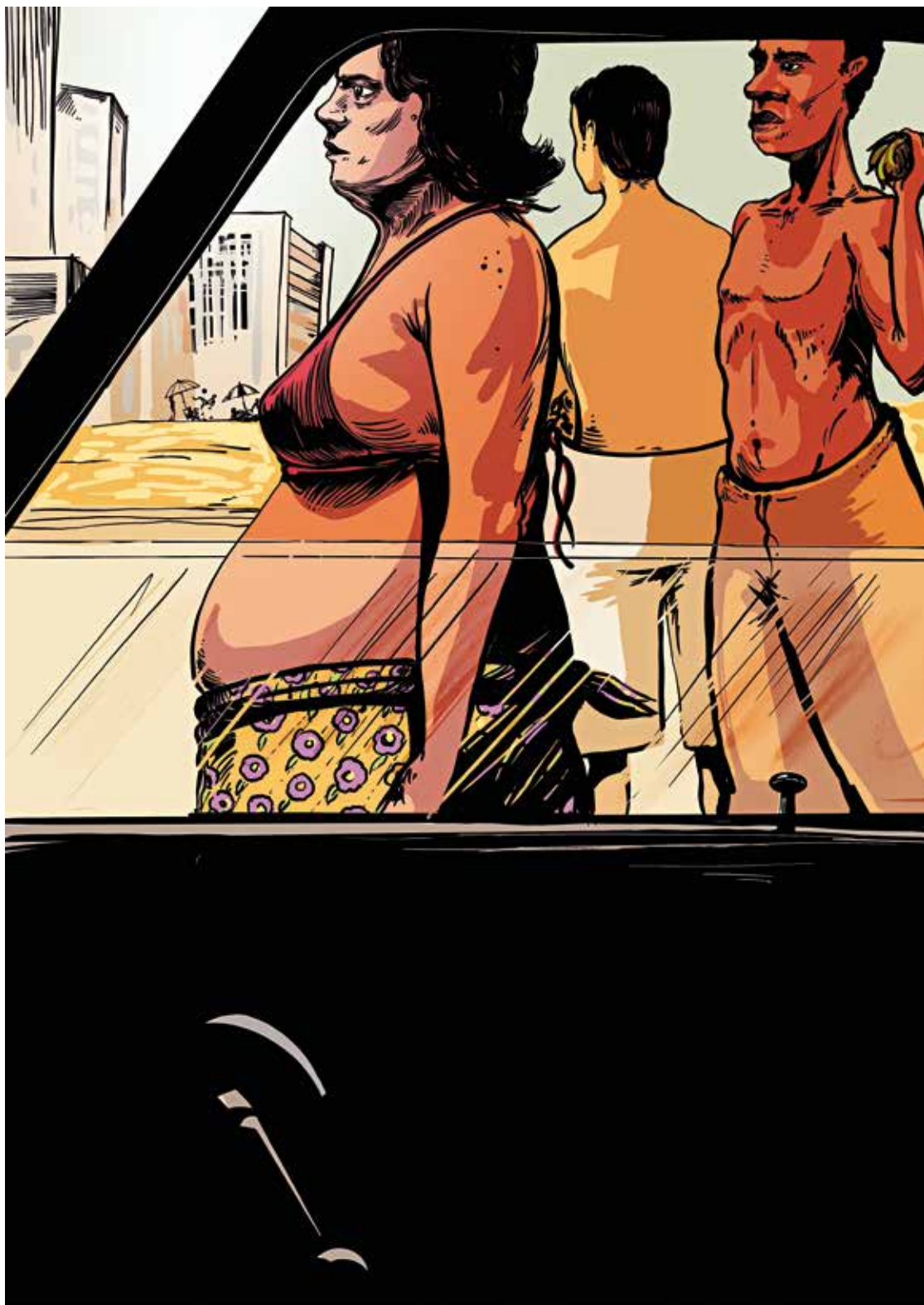
#### LUIZ RUFFATO

Publicou diversos livros, entre eles **Inferno provisório**, **De mim já nem se lembra**, **Flores artificiais**, **Estive em Lisboa e lembrei de você**, **Eles eram muitos cavalos**, **A cidade dorme** e **O verão tardio**, todos lançados pela Companhia das Letras. Suas obras ganharam os prêmios APCA, Jabuti, Machado de Assis e Casa de las Américas, e foram publicadas em quinze países. Em 2016, foi agraciado com o prêmio Hermann Hesse, na Alemanha. **O antigo futuro** é o seu mais recente romance. Atualmente, vive em Cataguases (MG).

tor Nogueira? Poderia ter caído nas mãos do DOPS e, sob tortura, confessasse que emprestava o local para atividades subversivas... O telefone tocou cinco vezes, antes de silenciar. Agachado ao lado do aparelho, as mãos suando, Abel não sabia o que fazer. Preparava-se para levantar, aliviado, quando o telefone tocou novamente. Deveria ou não atender? E se alguém, em Juiz de Fora, um informante infiltrado no movimento, tivesse dedurado?!... Ou, sabe-se lá, a polícia mantivesse plantão nas imediações, anotando quem entrava e saía do edifício... O taxista?!... Alguém que na rodoviária de Juiz de Fora houvesse desconfiado daquele encontro?!... Vivemos numa época em que não se pode contar com ninguém, ensinava o Professor... O telefone emudeceu. Abel pensou em espiar pela janela, verificar se o homem sem camisa continuava lá, mas recuou, amedrontado. A campainha do telefone soou mais uma vez. Então, sem pestanejar, Abel levantou o fone do gancho. Do outro lado da linha, barulhos estranhos. Ambos, entretanto, permaneceram calados. Sem demora, Abel desligou, atônito.

Sem pensar, correu à janela, afastou a cortina de voal, o vizinho desaparecera. Olhou para baixo, e, em meio à multidão que se aglomerava na avenida, percebeu, perto de um orelhão, um homem que parecia apontar para o prédio onde se achava. Afastou-se, e pela primeira vez entrou em desespero. Sentou-se, encostado na parede, os membros desarticulados, o sovaco encharcado de suor, o rosto, as mãos, os pés... Tomara a decisão correta? Era esse mesmo seu destino? Não, não estava preparado para morrer... Tinha tanto a conhecer ainda! E apelou para Deus, Não me abandone agora, Senhor!, aquele Deus no qual acreditara, no qual depositara vagas esperanças, um Deus-Pai todo poderoso, que assistia a todos os seus atos, que temia e respeitava, embora pouco a pouco tivesse se apartado... Não, não queria morrer enquanto o sol acalentava os corpos seminus dos banhistas nas areias da praia de Copacabana, enquanto a brisa tremulava as bandeiras do Flamengo e do Vasco sob o ritmo feérico das charangas no calçadão da praia de Copacabana. Longe, em Cataguases, sua mãe e sua cunhada estariam na cozinha preparando a macarrona-

da, o pai no botequim tomando cerveja, o irmão e os dois sobrinhos no passeio lavando a bicicleta... E Abel não teria nenhuma outra oportunidade de dizer que, apesar de tudo, os amava, e sentia falta deles, e que sempre iria lembrar daquela casa pequena, desconfortável, sem ventilação, até mesmo durante o dia tinham que acender a luz, onde no quintal a mãe enterrara seu umbigo e no telhado lançara seus dentes de leite... E não teria nenhuma outra oportunidade de se desculpar com Naná, colega no Ginásio Comercial Antônio Amaro, que declarara um dia que gostava dele, e que ele, encarando-a com desprezo, disse que almejava grandes voos, longe daquela cidade de merda, daquele povo de merda... Como se arrepende! Nunca mais nenhuma mulher o fitara com admiração, tornara-se uma pessoa amarga, retraída, ressentida... E percebeu que almejava sim casar, ter filhos, viver uma vida normal, alcançar aquela felicidade medíocre com que aspiravam todos, por que insistia em ser diferente?! Então ouviu passos no corredor, respirou fundo, levantou-se, passou as costas da mão no rosto, desamassou a roupa, e caminhou em direção à porta. **🔊**





## ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



## KÁTIA CASIMIRO

### KÁTIA CASIMIRO

Nasceu na Guiné-Bissau. É autora de várias obras infantojuvenis, bem como participante em diversas coletâneas e antologias dentro da lusofonia. **Iris e o jogo das cores**, **O abutre vaidoso**, **A cana de bambu** são algumas das suas obras infantis com mais destaque. Venceu o Prémio de Literatura Dama de Ferro, na Guiné-Bissau, em 2020.



Veja mais em [rascunho.com.br](http://rascunho.com.br)





**rogério pereira**

SUJEITO OCULTO

# AMANHÃ, NA BATALHA, SEREMOS FELIZES

**D**eixamos boa parte da razão do lado de fora da arena. A metamorfose é inevitável. Lá dentro, os leões são onze animais famintos. Atiçaremos seus instintos com urros, cânticos e gestos (às vezes, obscenos). Estamos trajados com o vermelho do sangue das batalhas impossíveis e trágicas. Em nosso teatro só há espaço para a comédia dos derrotados. Shakespeare nos guia pelos prados em direção a inimigos concretos e vingativos. A tragédia entoada em hinos primitivos ecoa entre a multidão. Empunhamos lanças em forma de bandeiras. Necessitamos de muito pouco nestas searas povoadas de hienas traiçoeiras. Não temos tempo para quixotescas batalhas contra moinhos de vento, monstros imaginários. Quixote, Sancho e Rocinante descansam nas ruas laterais. Não há espaço para insinuações e delírios. Nossa guerra tem horário para começar e terminar. E, obviamente, precisamos vencer. O negro nas listras de nossa armadura reforça a composição de uma turba pronta para a glória. Avante, soldados, amanhã a batalha será apenas um sorriso de alegria ou um esgar de tristeza.

Faz exatos quarenta anos que escolhi uma trincheira. Levados pela mão de um tio analfabeto — um homem rude que nada sabia da palavra escrita; mal conseguia distinguir as cartas do baralho; e se locomovia por C. feito um coelho cego sem Alice para guiá-lo —, fomos eu e um primo. Ele, o menino cujos dentes tentavam rasgar o horizonte, foi morto há alguns anos pela polícia: cinco tiros certos — encerrando mais um capítulo das tragédias familiares. Quando chegamos ao coliseu, milhares se amontoavam em arquibancadas de concreto bruto: um lugar meio feio, rústico, desprovido de sutilezas estéticas, com barulhos ensurdecadores para uma criança de dez anos. Estava em território inimigo, no castelo bolorento da madrastra malvada. Logo, o caçador estaria em nosso encalço para nos eviscerar. Após noventa minutos de uma emoção jamais experimentada, decidi: aquela seria minha sina, minha danação e, muitas vezes, uma etérea salvação mundana. A herança a ser repassada à prole.

Em geral, somos quatro seres barulhentos. Já demarcamos nosso território tal cães selvagens. Estamos sempre no alto, com uma vista privilegiada, de onde podemos vislumbrar todos os movimentos em campo, a agitação da horda, as coreografias regidas por maestros gordos, descamisados e, em geral, cobertos por tatuagens. Na balbúrdia do povaréu sobressai uma enorme caveira — nosso brasão dispensa entrelinhas.

Precisamos, em uníssono e com disciplina, guiar nossos soldados pelo tabuleiro em direção ao gol adversário. Jogamos xadrez sem que tenhamos qualquer controle da partida. As regras, algumas vezes, também são sabotadas. A ilusão nos abraça a todos, como se tivéssemos o poder mediúncio de transformar gritos em vitórias. Quando funciona, saímos com uma estranha sensação de dever cumprido.

Não somos iguais. O menino magricela de cabelos indecisos me acompanha desde sempre. Pequeno, chegou a se assustar com a multidão enfurecida. Agora, é mais um enfurecido a gritar a plenos pulmões em formação. Desenha na face todas as possibilidades de um torcedor, estufa o peito de passarinho, balança os braços de louva-a-deus, estica a coluna de pterodátilo e entoa, feito sacerdotes fervorosos num claustro, os cânticos que nos levarão à vitória, à glória momentânea, mas eterna. A certeza o guia; nem a possibilidade da derrota o desanima. Está acostumado a vencer.

Ilustração: FP Rodrigues



Já desisti de pedir que evite os palavrões, os xingamentos desnecessários. As mães não têm culpa de nada. É um piá cuja única preocupação é tentar ser feliz diante do gol possível.

A menor — espécie de mascote da trupe espalhafatosa — é a mais criativa. Ainda não sabe as letras das odes sagradas. Improvisa versos, pula serelepe sem qualquer noção das regras que guiam o jogo. Pede explicações, implora carinho em momentos decisivos, ganha um cangote de onde pode avistar com privilégio as hostes inimigas. Ao final, tripudia a torcida adversária, saboreia a vitória agarrada a um copo pegajoso de refrigerante.

A mais velha desfila beleza e elegância em meio aos bárbaros. Sabe que foi esculpida em mármore por um Michelangelo astuto e atento. Não grita, não diz palavras que ofendam as mães alheias, evita gestos desproporcionais a sua beleza entre ogros. Apenas observa, aplaude e olha fixamente para o nosso goleiro, sua paixão desde quando o descobriu. Com sua delicadeza, ilumina a nossa barbárie.

É raro, mas a derrota vem. Um golpe seco em nossas pretensões de invencíveis. Amuados, tentamos disfarçar a estocada mortal do inimigo. A adaga nos lacerou todas as partes do corpo. Não deixamos de gritar até o último segundo. Mas é preciso reconhecer quando o impossível é apenas uma ingênua utopia. Às vezes, despejamos todas as nossas frustrações em direção ao campo. Outras, reconhecemos que, mesmo perdida, a batalha nos orgulhou. Na loucura que nos guia, há sempre uma mescla de sentimentos díspares.

No começo da noite passada (ou seria num tempo remoto?), ganhamos do nosso maior arquirrival — um embate a estremecer ambos os lados. A derrota significa a vergonha, o cadafalso imaginário à desolação plena. Fomos apenas em dois: um batalhão reduzido à metade. Acomodamo-nos no alto, demarcamos linhas imaginárias, preparamos o corpo para o cerco. Os braços de louva-a-deus a gesticular feito um pássaro abatido em pleno voo. A ansiedade é inevitável. Preparamos nossos melhores gritos, afiamos a garganta, afinal, é

assim que se vencem estas guerras: por meio de urros escondidos em uma ancestralidade pouco racional. Nem pensamos no outro lado (no negócio, nos milhões, nos interesses escusos) — pouco nos importa. Queremos apenas a nossa fatia, a fatia lúdica, bestial e grandiosa deste jogo cuja importância não requer explicações.

Vencemos de maneira inimaginável até mesmo ao mais otimista infante. Abraçamos desconhecidos, abraçamo-nos numa alegria de mil braços. Urramos para o alto, libertamos monstros aprisionados nas entranhas. A caveira a tremer no alto, carregada feito um estandarte vitorioso. Ecoamos um único som: o da vitória. A felicidade, às vezes, parece fácil.

A caminho de casa, no cruzamento de ruas movimentadas, ouço a voz rouca, meio fanha pelo esforço colossal de há pouco: “Ainda bem que eu nasci seu filho e torço para o mesmo time”. Ao longe, ainda é possível ouvir o rumor de mais uma vitória.

Nossa herança será sempre um afeto. **U**

# Lançamentos 2023



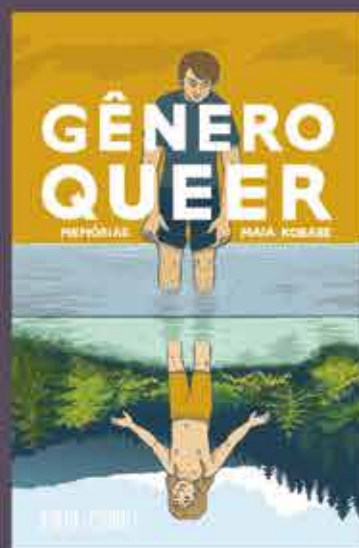
A obra máxima da prosa de Fernando Pessoa numa edição de referência, com a grafia usada pelo autor português

*Livro do desassossego*,  
Fernando Pessoa  
Ed. Jerónimo Pizarro  
R\$140



Para desvendar os heterónimos e a multiplicidade de Fernando Pessoa, um guia escrito pelo coordenador da Coleção Pessoa

*Ler Pessoa*,  
Jerónimo Pizarro  
R\$55



A premiada HQ narra de modo sensível a transição de gênero de Maia Kobabe e abriu cabeças pelo mundo todo

*Gênero queer*,  
Maia Kobabe  
Trad. Clara Rellstab  
R\$99



Uma análise da erosão democrática no Brasil e pelo mundo

*O caminho da autocracia*,  
Adriane Sanetis, Conrado Hübner Mendes, Fernando Romani Sales, Mariana Celano de Souza Amaral, Marina Shlessarenko Barreto • R\$59

## Tinta-da-China Brasil

ensaio • literatura de viagem • poesia • história • jornalismo  
humor • revista Granta • coleção de Fernando Pessoa



O melhor retrato da experiência da bomba atômica por um autor japonês.

*Flores de verão*,  
Tamiki Hara  
Trad. Jefferson José Teixeira • R\$55



Em nome do debate, contra os isentões e a lógica lacrador

*Diante do fascismo*,  
Paulo Roberto Pires  
R\$69,90



Qual a relação entre o Terremoto de 1755, o Onze de Setembro de 2001 e o tsunami de 2004?

*O pequeno livro do Grande Terremoto*,  
Rui Tavares • R\$69,90



Das intolerâncias alimentares a Flaubert, passando por Édipo e Candy Crush

*Estar vivo machuca*,  
Ricardo Araújo Pereira • R\$74



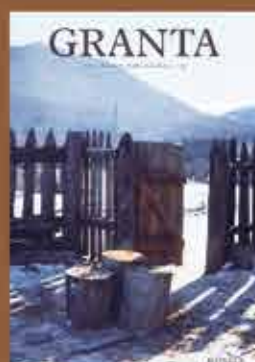
A elegância da arte de fazer rir, pela maior referência do humor em Portugal

*A doença, o sofrimento e a morte entram num bar*, Ricardo Araújo Pereira • R\$59,90



Conjunto completo dos textos políticos do autor português

*Sobre o fascismo, a ditadura portuguesa e Salazar*, Fernando Pessoa • Ed. José Barreto • R\$105



De Púchkin a Putin: uma Rússia de contrastes, entre o humor e a tragédia

*Granta em língua portuguesa: Rússia*,  
vol. 9 • R\$90

TINTA  
DA  
CHINA  
BRASIL

Assinantes da Quatro Cinco  
Um têm 40% de desconto no site

[www.tintadachina.com.br](http://www.tintadachina.com.br)